



DUARTE RODRIGUES

---

# O CAMBIO

OU O

BRASIL

E

O Sr. Paul Leroy-Beaulieu

---

LIGEIRO ESTUDO ECONOMICO-FINANCEIRO

POR

*José Duarte Rodrigues*

DIRECTOR GERENTE DO BANCO  
DE CREDITO REAL DE S. PAULO, E PRIMEIRO SECRETARIO DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL

1888 — 1898

---

—: Rio de Janeiro :—

Typ. do "JORNAL DO COMMERCIO" de Rodrigues & C.

1898

✓  
332.45

R696

e  
1898

332.45  
812

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume foi registrado

em número

3711

do ano de

1946

A S. Excia. o Sr. Dr. Bernardino de Campos,

M. D. Ministro da Fazenda

---

*Illmo. e Exmo. Sr.*



TOMO a liberdade de offerecer a V. Excia.  
este pequeno trabalho.

Não é que, aos meus proprios olhos, tenha elle outro merito além do que, porventura, lhe possam emprestar a sinceridade dos sentimentos affectivos que m'o inspiraram e o desinteresse com que o realizei.

Escripto ao correr da penna, como as circumstancias o determinaram, falta-lhe, pelo menos, a cohesão que é necessaria para tornar claro um pensamento qualquer sobre estas questões.

Trata-se, porém, de um assumpto de importancia magna para o esclarecimento do qual julgo deverem concorrer todos aquelles que se interessam pelo Brasil.

E isso, reunido ao prazer de prestar uma publica homenagem ao integro ex-presidente do Estado de S. Paulo, explica o meu proceder.

Coube a V. Excia. a difficil tarefa de administrar este Estado — a que tantos laços me prendem — durante o agitado periodo da Revolta.

Nesse posto, alliando a tolerancia, uma virtude, á energia, um dever de todos os homens de governo que comprehendem a sua elevada missão — soube V. Excia. justificar os applausos que recebeu ao passar aquelle alto cargo ao seu substituto legal.

Hoje, acha-se V. Excia. á frente do ramo da administração nacional que mais difficuldades offerece.

Oxalá consiga V. Excia. vencer essas difficuldades de modo á nação inteira applaudil-o com o mesmo enthusiasmo que levou o povo paulista a cobril-o de flores.

São esses os votos sinceros que formulo no momento em que tenho a honra de endereçar esta carta a V. Excia.

Escrevia eu na imprensa de S. Paulo alguns artigos a respeito da situação da lavoura quando se me offereceu occasião de ler um estudo do sr. Paul Leroy-Beaulieu, publicado no *Economiste Français* e intitulado *A situação dos paizes de finanças avariadas*.

O meu intuito era apenas demonstrar a necessidade de se fundarem instituições de credito apropriadas a servirem á industria agricola, que atravessa uma grande crise.

Incidentemente, porém,—são assumptos correlativos que não se podem separar—tambem procurei investigar as causas da baixa dos preços do café e aquellas a que, principalmente, se deve attribuir a persistente e progressiva alta do agio do ouro.

E como, a este respeito, eu tenha opiniões oppostas ás que o sr. Leroy-Beaulieu enunciou, duplo motivo me determina a offerecer-lhe esta ligeira contestação.

Com effeito: se por um lado me não foi possivel dominar a má impressão que as injustas apreciações do sr. Leroy-Beaulieu me causaram, por outro não devia eu furtar-me á obrigação de justificar a divergencia em que estou com as suas opiniões, sobretudo a respeito das causas da baixa do cambio e dos meios a empregar para combatel-a.

O sr. Leroy-Beaulieu architectou o seu trabalho, referente ás finanças do Brasil, sobre um unico facto:—ter melhorado nos ultimos tempos o cambio na Republica Argentina e peiorado no Brasil.

Mas o distincto publicista não quiz dar-se ao trabalho de perscrutar as causas desse phenomeno e deixou-se, portanto, dominar pelas apparencias, que illudem sempre aos profanos da pratica mas não deviam ter exercido tamanha influencia em um escriptor tão auctorizado.

Esse mesmo facto tambem impressiona, é certo, a muitos dos estadistas brasileiros, entre os quaes é elle ainda motivo de constante controversia, o que não é, a meu vêr, difficuldade de somenos importancia para a solução do problema.

Mas isso explica-se.

O estudo theorico, sem o auxilio da observação dos factos que na pratica se produzem, raro é sufficiente para desvendar uns tantos mysterios—e negocio algum deixa de os ter.

Na pratica verificam-se alguns phenomenos, que, apparentemente, são filhos sempre das mesmas causas, mas que, na realidade, têm, ás vezes, origens muito differentes.

E isso constitue uma grande difficuldade, principalmente porque, aqui, o estudo só póde ser feito sobre as obras de auctores estrangeiros, e estes ex-

plicam casos e expõem theorias—verificados, tanto aquelles como estas, no meio de condições muito differentes das do Brasil.

Ora, a theoria, segundo Block a define, nunca pôde nem deve estar em contradicção com os factos observados na pratica, pois ella não é, realmente, senão a synthese desses mesmos factos.

E uma theoria formada em resultado de circumstancias diversas daquellas em que deva ser empregada é quasi sempre uma falsa theoria.

Eis as palavras de Block :

*«Lorsqu'il y a désaccord entre elles, on déclarerait que la théorie est mal faite car une vraie théorie ne peut pas contredire la pratique.»*

Entretanto, poucos, infelizmente, têm em vista os dictames deste preceito, e não raro se vê quem, pretendendo resolver theoreticamente questões que são essencialmente praticas, queira applicar á solução dos problemas economicos e financeiros do paiz theorias que, a maior parte das vezes, não têm affinidade alguma com o caso que se deseja resolver.

\*

Quem adopta um falso ponto de partida a falsas conclusões ha de fatalmente chegar.

O sr. Leroy-Beaulieu acreditou na existencia de um imaginario excesso da circulação fiduciaria, ape-



nas porque excessivo lhe pareceu o accrescimo que ella teve de 1889 para cá.

E, partindo desse principio, elle concluiu que a tal excesso se devem attribuir todas as difficuldades financeiras que o paiz experimenta, inclusivé a elevação do agio do ouro, bem como que, para vencer essas difficuldades e melhorar o cambio, urge recolher, pelo menos, metade do papel-moeda em circulação.

A mim, todavia, se me afigura que, sendo as circumstancias em que o Brasil se encontra—como de facto são—sobremaneira excepçionaes, a questão não é tão facil de resolver.

Realmente, poucas vezes talvez se haja reunido uma tão grande série de causas complexas, cujos effeitos se confundem, illudindo, em sua apparente homogeneidade, a todos aquelles que só superficialmente examinam essas circumstancias.

Quem tentasse hoje principiar a obra de regeneração das finanças brasileiras pela retirada total ou parcial do papel-moeda, erraria, a meu vêr, tanto, pelo menos, como errariam aquelles que pretendessem começar um edificio pela cumieira.

E não menos se illudiria, tampouco, quem se deixasse seduzir pelos que ainda sonham — e ha muitos! — com a celebre theoria de Law — que

levou á banca-rotta um paiz rico como a França— e tentasse inundar de papel-moeda o paiz.

O sr. Leroy-Beaulieu não considerou a transformação politica, social e economica porque passou o Brasil durante o ultimo decennio, e deixou de estudar, como lhe cumpria, os diversos phenomenos que concorreram para se formar a situação actual do paiz.

Entretanto, para leval-o a pôr em duvida a verdade da theoria que empregou para chegar ás conclusões supracitadas, bastar-lhe-ia ter considerado, —primeiro, que na Republica Argentina se verificára um identico augmento da circulação fiduciaria, de 1887 a 1896, sem, todavia, iguaes circumstancias o poderem justificar;—segundo, que a massa do papel em circulação é, relativamente, maior na Argentina do que no Brasil.

O sr. Leroy-Beaulieu, para quem a sciencia economica não tem segredos, sabe quanto é verdadeiro o seguinte aphorismo do mesmo auctor já citado—Block :

*«Il est bien de choses que, sans être aveugle, on voit mal, parceque les apparences sont trompeuses.»*

\*

Não são essas falsas conclusões, porém, a feição principal do trabalho do sr. Leroy-Beaulieu.

O seu estudo comparativo do Brasil com uma

nação vizinha, com a qual o confrontou, isto é, o modo porque se refere, particularmente, a um e a outro paiz, suscita especial attenção.

Revelando-se em extremo mal informado do que se passa deste lado do Atlantico e, sobretudo, das cousas do Brasil, o sr. Leroy-Beaulieu manifestou verdadeiro afan em collocal-o em plano inferior ao da Republica Argentina, tanto economica como socialmente.

Sob o ponto de vista economico e financeiro, apresentou um balanço detalhado da situação do Brasil, no qual a adulterou completamente, sem, entretanto, fazer o mesmo em relação á Republica Argentina, ou revelar qualquer dos algarismos pelos quaes se podesse julgar o estado economico e financeiro desse paiz, que elle denomina—*A grande Republica do Prata*.

E, socialmente, as apreciações do sr. Leroy-Beaulieu, sobretudo quanto ao estado de civilisação attingido em cada um dos dous paizes, correspondem ao mesmo desideratum.

Quanto ás conclusões a que o illustrado escriptor chegou, tanto a respeito do Brasil como da Republica Argentina, não podem ellas deixar de ser consideradas muito detidamente.

Com effeito:— a Republica Argentina merecerá, em sua opinião, os maiores encómios, *contanto*

*que o governo federal encampe sem demora as dividas das provincias (que, diz elle, têm procedido com má-fé), provenientes de garantias concedidas a estradas de ferro, que levantaram capitaes em França.*

*No caso contrario, diz ainda o sr. Leroy-Beaulieu, o publico europeu acreditará que a Republica Argentina se compraz na banca-rota. (!)*

Quanto ao Brasil... um unico conselho: ALIENAR PROMPTA E RESOLUTAMENTE A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL.

\*

Sabe-se que ha na Europa varios grupos de financeiros, reunidos no intuito de realizar o arrendamento da Central.

Diz-se até, com razão ou sem ella, que algum ou alguns desses grupos procuram fazer pressão sobre o governo brasileiro para levar a effeito o seu intento.

E como a maledicencia humana não tem limites, e — é certo — escapa completamente dos moldes communs semelhante modo de julgar nações e aconselhar governos, não faltará talvez quem a respeito formule juizo temerario.

Não obstante, nem a reconhecida probidade profissional do sr. Leroy-Beaulieu auctorisa qualquer supposição malevola, nem é difficil attingir as causas que impressionaram o illustre escriptor.

Parallela á mais persistente propaganda a favor de outros paizes sul-americanos, ha muito se faz na Europa a mais desleal campanha de diffamação e descredito contra o Brasil.

Tem-se lá deixado correr livremente as mais acerbas calumnias sem jámais haver alguém tentado combatel-as em seus effeitos.

E a mentira, muitas vezes repetida e não contestada, adquire fóros de verdade.

Não admira, portanto, que o sr. Leroy-Beaulieu se haja deixado influenciar, como todo o mundo, pelo que se diz e se escreve na Europa a respeito do Brasil.

Não surprehenderá a ninguem, ainda, que elle tenha sido illudido em sua boa-fé, por algum dos interessados em desacreditar este paiz.

O que admira é que o abalisado economista lavrasse sentença condemnatoria contra um paiz, sem se deter no exame de suas condições economicas e sem estudar os diversos phenomenos que, mais directamente interessam a sua situação actual e o seu futuro.

Um escriptor da estatura intellectual do sr. Leroy-Beaulieu só tem o direito de basear as suas criticas ou as suas sentenças em factos positivos ou provas irrefragaveis, attenta a responsabilidade do

seu grande nome na nobre missão de esclarecer os intrincados problemas da vida economica das nações.

\*

Deve merecer a mais particular attenção do Governo Federal essa desleal e ingloria campanha, que, na Europa, se move contra o Brasil.

Essa campanha, que sempre visou, principalmente, arredar do Brasil—capitães e braços que do velho mundo emigram em busca de emprego mais remunerador, não é de hontem, como geralmente se acredita, nem, tampouco, se acha, ainda, em armistício.

Ha cerca de vinte annos tive eu mesmo occasião de presenciar no theatro das operações a insistencia dos ataques daquelle ou daquelles que a movem, contrastando singularmente com a extraordinaria impassibilidade dos representantes officiaes do paiz.

E hoje basta vêr o amalgama de telegrammas falsos e a confusão dos editoriaes que a imprensa européa constantemente publica, para se comprehender o afan com que ella continua.

Para não citar senão dous exemplos, lembrarei, em primeiro logar, um artigo editorial do *Petit Parisien* que appareceu quasi ao mesmo tempo que a publicação do sr. Leroy-Beaulieu no *Economiste Français*.

*A escravatura branca* é o titulo desse artigo, o qual exprime as intenções com que fôra escripto.

Fazem-se ahi as referencias mais torpes e repugnantes no intuito de afugentar ou desviar do paiz a corrente de immigração que, ha annos, para aqui se estabeleceu.

O thema, que lhe serve de pretexto, é uma carta, que se diz dirigida de Santo Antonio da Cachoeira ao dito jornal por viajante francez, narrando os horrores, que affirma haver presenciado, praticados *por antigos senhores de escravos contra immigrants seus compatriotas*, alli empregados em serviços agricolas.

Entretanto, para se julgar da boa-fé desse informante, basta considerar: primeiro, que poucos ou nenhuns immigrants francezes existem no Brasil empregados na lavoura; segundo, que em Santo Antonio da Cachoeira não ha, como me informam, immigrants de qualquer nacionalidade, *nem francezes nem turcos*.

A pequena lavoura desse municipio é apenas roteada por trabalhadores nacionaes!

O outro exemplo é tambem uma carta, de cuja existencia deu, ha pouco, noticia o *Jornal do Commercio*, e os seus intuitos são absolutamente os mesmos da outra.

Esta é escripta de Buenos-Aires e foi publicada na Italia, tendo por objecto — *o estado lastimoso em que aportavam á Republica Argentina os milhares de immigrants que, tendo vindo para o Brasil seduzidos por falsas promessas, para alli se dirigiam a fugir do paiz da febre amarella!*

Ora, quem visita o Estado de S. Paulo, a começar pela sua capital, encontra ahi algumas centenas de milhar de estrangeiros, na sua quasi totalidade europeus, empregados em todas as especies de serviço, especialmente na lavoura, os quaes vivem, em sua maioria pelo menos, contentes e felizes no seu exilio voluntario.

A grande cultura de café deste Estado, do qual desapareceram por completo e como por encanto os signaes da escravidão, ha tão pouco tempo extincta, é toda ou quasi toda laborada por trabalhadores europeus, principalmente italianos.

Tem sido, porém, por este modo que, ao mesmo tempo, se ha conservado a Europa na mais completa ignorancia das cousas deste paiz, ignorancia que transparece em tudo quanto lá se diz e se escreve a seu respeito, e ganharam terreno todas as falsidades que a fertil imaginação dos inimigos do paiz tem phantasiado.

Foi assim que se formou o mau nome que o



Brasil tem hoje na Europa e que tanto o prejudica em suas relações internacionaes.

\*

Os dous principaes inimigos do Brasil, economica e financeiramente fallando, são, portanto, —*as falsas theorias no interior e a falsa reputação que o desacredita no exterior.*

E tendo as opiniões do sr. Leroy-Beaulieu, como têm, uma grande repercussão, não só no estrangeiro mas entre nós mesmos onde ellas são muito acatadas e o seu nome muito respeitado, — o trabalho a que tenho alludido prejudica duplamente o Brasil.

Na Europa a assignatura do sr. Leroy-Beaulieu, referendando um artigo como aquelle que publicou o *Economiste*, deve constituir e de facto constitue, a arma mais preciosa de todas quantas até hoje têm cahido nas mãos dos inimigos deste paiz.

Aqui, as opiniões que o illustre escriptor externou vieram fortalecer a daquelles que partilham do mesmo modo de vêr, quiçá augmentar o numero de adeptos das theorias que ellas representam e tornar, por conseguinte, maior a confusão e a discordia que já reinam entre os homens que se occupam no estudo das questões economicas e dos assumptos financeiros.

Todavia, doutrina verdadeira só ha uma: —

o proprio sr. Leroy-Beaulieu ensina em uma de suas obras a theoria unica que, a meu vêr, se adapta ás actuaes circumstancias do Brasil :

*« Les produits que l'on importe se payent en réalité, dans le cours normal des choses avec les produits que l'on exporte.*

*Et, le change défavorable à un pays prouve que ce pays est, à l'égard de l'autre, débiteur.».*

O Brasil que, devido a outras circumstancias, tinha já um cambio desfavoravel quando em 1896 foi surprehendido pela baixa dos preços do café, viu-se repentinamente em face de um excesso de compromissos, determinado pela reduçãõ dos seus recursos normaes.

Isto quer dizer :

*Les produits que l'on importe ne peuvent pas, en réalité, se payer avec les produits que l'on exporte, et, comme le pays est devenu plus débiteur qu'auparavant, le change est devenu plus défavorable encore.*

\*

As crises economicas, como aquella que affecta o Brasil actualmente, ainda paiz algum do mundo conseguiu evital-as por completo.

E as leis a que essas crises obedecem determinam o seu apparecimento até com uma certa

periodicidade, como alguns auctores registram na demonstração dos factos.

O Brasil não fez até hoje, nem podia fazer, excepção á regra commum.

As licções do passado, porém, não aproveitaram aos interessados tanto quanto deviam, ao menos como elementos de estudo.

Com a mesma sinceridade com que, no começo da crise de 1880 a 1887, se dizia : « *Olhe-mos para o Mexico* », muitos estão hoje voltados para a Africa Central com receio que de lá nos venha o competidor que ha de destruir a importancia commercial do principal producto da nossa exportação.

E, enquanto nos distrahimos a olhar para o que se passa lá fóra, deixamos passar despercebidos os phenomenos que se produzem no proprio seio da communhão nacional e a cujo estudo se devia de preferencia prestar a maior attenção.

E' certo que de 1889 para cá diversas causas têm concorrido para aggravar a situação economica e financeira do Brasil.

E' preciso, porém, distinguir os phenomenos de origem politica ou administrativa, os quaes reflectem directamente sobre as finanças do Estado, daquelles que são de ordem economica pro-

priamente dita e cuja influencia attinge de chôfre toda a economia nacional.

Confundir esses phenomenos traz, pelo menos, como resultado a difficuldade de corrigil-os, porque os remedios que podem ser uteis em um caso, são, a maior parte das vezes, absolutamente impotentes em outro.

A crise actual veiu insensivelmente formando se desde o dia em que o Brasil, escrevendo a pagina mais brilhante da sua historia, desorganizou, em um momento, o trabalho da principal das suas industrias.

E se circumstancias houve que illudiram temporariamente a situação, essas circumstancias, por conseguinte, só serviram para aggravar-a.

\*

Entretanto, a falta de comprehensão exacta desse phenomeno levou a nação a emittir cem mil contos de réis para auxilios a industrias fabris, que não existiam nem existem, enquanto se deixava a industria agricola entregue aos azares da sua propria sorte e ás deshumanas exigencias da usura.

A lavoura entrou inopinadamente em um regimen novo para cujas exigencias se não achava preparada.

E desde esse dia se impoz ao paiz, pelo

menos, a necessidade de facilitar a essa industria os mesmos meios de que todas as outras já dispunham — isto é, os meios de realizar em condições normaes as transacções de que carece para o seu movimento.

Não faltam, com effeito, ao commercio e a todas as outras industrias, estabelecimentos nacionaes e estrangeiros onde obtenham credito na proporção dos seus recursos e do conceito dos seus representantes.

Só a industria agricola, qual classe repudiada pela sociedade, não goza de igual regalia.

Sejam quaes forem as garantias que offereça hoje, ella não encontra onde realizar transacções a prazo curto por meio das quaes possa obter os recursos necessarios ás despezas que annualmente precedem a colheita dos seus productos.

Os legisladores brasileiros têm sido levados a confundir instituições de credito com casas de caridade.

E, quando se devia tratar, antes de mais nada, de regularizar uma das modalidades do credito muito conhecida em toda parte do mundo, preocupam-se em discutir favores ou auxilios, que nem o paiz, em suas condições actuaes, poderia conceder, nem a industria agricola reclama ou solicita, e o resultado é não se fazer cousa alguma.

O que urge principalmente, — unico remedio para a situação do paiz — é diminuir a importação e augmentar a exportação. E a industria agricola é o unico factor capaz de realizar, em breve prazo, esse desideratum.

Para isso, porém, é necessario, pelo menos, collocar-a em pé de igualdade com todas as outras industrias. Tanto mais que a excepção em que a lavoura permanece, além de vexatoria, é absolutamente injusta: os factos de nenhum modo a explicam.

\*

O paiz que conseguiu alcançar a posição que o Brasil tem entre os productores de café, — hoje um dos principaes artigos de commercio internacional em todo o mundo — e, ao mesmo tempo, possui terrenos uberrimos capazes de produzir tudo o que carece para consumo nacional e ainda exportar, — nada tem a temer pelo seu futuro.

Basta que, com intelligencia lucida e mão forte, se saiba evitar: *as falsas theorias, no interior, e destruir a falsa reputação do paiz no exterior.*

Se este meu ligeiro trabalho chegasse a figurar, embora com minimas proporções, entre os factores do plano capaz de attingir esse resultado, isso me

justificaria a meus proprios olhos de haver distrahido a attenção de V. Excia. das afanosas occupações de seu elevado cargo.

E a satisfação de ter prestado um pequeno serviço ao paiz, que considero a minha segunda patria, me compensaria de sobejo do pequeno esforço que tal trabalho representa.

S. Paulo, fevereiro de 1898.

J. DUARTE RODRIGUES.

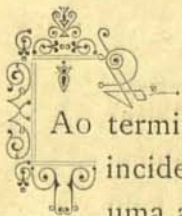
# O CAMBIO





# O CAMBIO

## I



Ao terminar o ultimo artigo (\*) deixámos  
incidentemente cahir dos bicos da penna  
uma allusão ao estudo ultimamente pu-  
blicado pelo sr. Paul Leroy-Beaulieu no *Economiste  
Français*, intitulado: — *A situação dos paizes de  
finanças avariadas.*

Esse incidente obriga-nos a fugir por um mo-

---

(\*) Estes artigos foram destacados de uma série — da qual fazem parte integrantes — publicada pelo auctor na imprensa de S. Paulo, sob a epigraphe « *Credito Agricola* ».

mento ao curso natural das idéas que expunhamos, para consignar aqui, em fórma de protesto, a impressão que nos ficou da leitura desse trabalho.

Sem valor algum, talvez, o que vamos dizer quanto á parte em que divergimos profundamente das opiniões do illustre escriptor francez, é, entretanto, perfeitamente fundado o nosso protesto, porque é visível o desfavor com que elle trata o Brasil comparativamente á Republica Argentina.

Não é a primeira vez que os escriptos do sr. Paul Leroy-Beaulieu, a respeito das finanças brasileiras, nos produzem o mesmo effeito que nos causaria o diagnostico feito por medico habil mas que não examinára o doente cujo estado pathologico desconhecia.

Esta declaração — precisamos dizel-o — não encerra a menor particula de irreverencia pelo saber e pelas doutrinas do notavel auctor e, muito menos, pretensão de antepôr ás suas as nossas opiniões.

Entre os livros em que temos procurado esclarecer-nos a respeito das questões economicas em geral, figuram em logar de honra as obras do sr. Leroy-Beaulieu, e são muitas das suas theorias que procuramos applicar na pratica, todas as vezes que as circumstancias justificam o seu emprego.

A experiencia dos negocios, porém, tem-nos convencido de que, na solução dos problemas econo

micos ou financeiros, nunca se póde ter idéas preconcebidas:

E, por isso, somos adeptos do methodo de Courcelle Seneuil, que consiste em «separar a theoria da pratica».

Poucos são ainda, porém, aquelles que adoptam esse methodo, e isso explica a frequencia com que se vê empregar a mesma theoria á solução de problemas apparentemente identicos, é certo, mas, na realidade, profundamente diversos em suas origens.

Segundo um dos biographos de Courcelle-Seneuil:

*«Le découragement lui était-il venu en voyant l'ignorance des hommes qui pouvaient, du jour au lendemain, être portés au pouvoir sans préparation sérieuse. Il garda même toujours cette impression, et ne put se défendre de pessimisme à l'endroit du personnel politique de notre pays.»*

Estas palavras poderiam ser empregadas hoje em relação ao Brasil, pois exprimem, com exactidão digna de nota, o estado em que se acham—estadistas ou não—os homens que aqui se occupam nestes estudos.

Reina entre esses homens a maior divergencia de opiniões, e o facto só póde ser motivado pela falta de conhecimentos praticos que leva cada um a pensar

de modo diverso e a pretender applicar a theoria que melhor lhe parece.

Mas o sr. Leroy-Beaulieu não está nesse caso, e, depois, o seu alludido trabalho encerra verdadeiras originalidades.

Mais do que a falta de comprehensão que revelou das condições em que o Brasil se encontra, nos urprehendeu o cunho especial que o illustre escriptor imprimiu á referida publicação, muito em desaccordo com os seus conhecidos methodos.

Depois da vulgarisação dos mysterios do Panamá, veio o interessante livro de Edouard Demachy «*Les Rothschilds*», recentemente publicado, habilitar os profanos a julgar como se produzem certos phenomenos na imprensa européa.

Mas a respeitabilidade do auctor e a reconhecida seriedade do *Economiste Français* excluem por completo a hypothese.

As falsas e injustas referencias do sr. Leroy Beaulieu a respeito do Brasil devem ter sido motivadas por falsas informações ou falta de meio de obtel-as, pois é facto que nunca se empregou meio algum de tornar este paiz conhecido na Europa, em completo contraste com o proceder da Republica Argentina.

Esta nunca descurou os meios praticos de pôr em evidencia as suas riquezas naturaes e o seu adian-

tamento, e, além das publicações officiaes que faz distribuir profusamente,—como relatorios, annuarios de estatistica geral e tantas outras— protege a vulgarisação de todas aquellas que possam concorrer de qualquer modo para tornal-a conhecida e engrandecer o seu nome.

Nos orgams mais importantes da imprensa euro péa encontram-se frequentemente artigos e noticias sobre a Republica Argentina, além das publicações periodicas mantidas, segundo se affirma, a expensas desse paiz, como *La Revue Sud-Américaine*, que foi, em tempo, uma dellas.

Em todas as publicações relativas á Republica Argentina nota se particular attenção em evitar allegorias ou referencias á população e ao estado primitivo do paiz, emquanto por parte do Brasil se teima caprichosamente em proceder de modo contrario.

A figura do indio, symbolisando a nacionalidade brasileira, é considerada obrigatoria em todas as cousas referentes a este paiz, e poucos percebem o damno que isso causa ao Brasil, do mesmo modo que poucos apprehenderam a malicia que se occultava por traz de umas bellas gravuras, representando as nossas florestas inexploradas e povoadas de selvagens, que algumas publicações européas estampavam.

E, por um capricho da sorte, até a opera mais

celebre e conhecida do immortal Carlos Gomes tem feito a volta do mundo, encarnando na figura de Pery as tradições do povo brasileiro.

Foi assim que se formou a lenda de selvagismo que tanto affecta lá fóra os creditos do paiz e que ainda hoje auctorisa o sr. Leroy-Beaulieu a affirmar que metade da população do Brasil, de 16.000.000 de habitantes, —*é de negros e de índios.*

Não importa que —*L'Annuaire de l'Economie Politique et de la Statistique, de Block—Paris, rue Richelieu, 14*, do anno de 1894, affirme que o numero dos indios selvagens no Brasil é avaliado em 600.000 não comprehendidos na estatistica da população.

Os annuarios de economia politica ou de estatistica são, em geral, pouco lidos, ao contrario do que succede ao *Economiste Français*, que é uma das publicações do seu genero de maior circulação em todo o mundo, graças á reputação do sr. Paul Leroy-Beaulieu.

## II



A parcialidade do sr. Leroy-Beaulieu a favor da Republica Argentina e contra o Brasil não póde escapar a quem lêr com attenção o trabalho que analysamos.

Entretanto, não deixam de ser igualmente dignas de nota, para não dizer curiosas, as considerações e os juizos que ahi se lêr a respeito daquelle paiz.

Senão vejamos :

*A Republica Argentina suspendeu parcialmente, ha meia duzia de annos, os pagamentos de juros dos emprestimos nacionaes e das estradas de ferro garantidas, e só agora prometteu voltar ao pagamento in-*



tegral, mas só dos juros dos empréstimos, a partir do anno proximo futuro.

Como, porém, o orçamento do paiz está ainda longe do equilibrio, essa promessa pareceu um pouco temeraria a alguns observadores.

Por outro lado, as provincias tambem se acham oneradas por empréstimos particulares, dos quaes—umas têm pago os juros com redução, — outras não pagam absolutamente nada, notando-se que, neste caso, estão exactamente as mais ricas, como Cordoba, cujos titulos são os mais depreciados de todos. Quanto a Santa-Fé, considerada a mais florescente, essa obstina-se a fugir ao cumprimento de seus contractos.

O Estado fez uma especie de concordata com os portadores de obrigações das estradas de ferro por elle garantidas, — mas a provincia de Santa-Fé, que jamais realizou qualquer pagamento por conta da garantia que prestara ás ditas obrigações, não revelou igual boa vontade.

O anno passado (1896) foi para a Republica Argentina um mau anno agricola por causa da praga dos gafanhotos cuja irrupção se teme tambem este anno (1897).

*Não obstante tudo isso, porém, os títulos argentinos recuperaram já muito do valor que haviam perdido nas respectivas cotações e o premio do ouro já desceu a cerca de — 185 a 190 %, o que representa um dos traços relativamente satisfactorios da situação da Republica Argentina.*

*Este paiz, depois da derrocada de 1890, tem feito louvaveis esforços para reorganisar as suas finanças e proseguir nos pagamentos suspensos.*

*Com boa vontade e perseverança o governo poderá chegar ao equilibrio.*

*Para isso bastar-lhe-á: Crear novos impostos e augmentar outros ; — fazer economias ; — suspender ou diminuir as grandes obras ; — e, por fim, que o mais rapidamente possível, de um modo ou de outro, o governo nacional ponha cõbro aos processos desleaes das provincias e cuide de pagar equitativamente as dividas e as responsabilidades das mesmas. Assim obterá a Republica Argentina uma situação financeira solida, e attrahirá de novo a confiança ; mas, em caso contrario, o publico europeu, que considera subtil a distincção entre as pro-*

*vincias e a nação, ficará convencido de que a Republica Argentina se compraz na bancarota. (!)*

Realmente—confessamol-o—sentimos difficuldade em interpretar este quadro.

As palavras e phrases acariciadoras de animação ou confiança, que formam o seu claro escuro, não conseguem—nem tornal-o dos mais lisonjeiros para o paiz que pretendeu photographar, nem encobrir uma certa preocupação do seu auctor a favor dos portadores, seus compatriotas, de titulos de estradas de ferro garantidas pelos governos provinciaes da Republica Argentina.

Com effeito:—se o paiz não adoptou ainda as medidas que o sr. Leroy-Beaulieu lhe aconselha como necessarias para o restabelecimento do equilibrio orçamentario, quaes são os esforços louvaveis que tem empregado para a reorganisação das finanças?

Se o governo só agora promette restabelecer os pagamentos suspensos—mas esta promessa pareceu temeraria e, portanto, não inspira a precisa confiança—qual a razão porque os titulos da divida publica recuperaram já uma parte do valor que haviam perdido?

O sr. Leroy-Beaulieu, ao que parece, pretende attribuir esses resultados ao unico traço relativamente satisfactorio, que expressou, da situação da

Republica Argentina, isto é, ao facto de ha tempos estar alli baixando o agio do ouro .

Mas, segundo as noções que temos da sciencia economica—muito rudimentares, é certo, mas acompanhadas da observação dos factos durante um longo tirocinio commercial—o agio do ouro é sempre um effeito e nunca uma causa.

Nos paizes que vivem sob o regimen do curso forçado, o ouro perde as propriedades que o caracterizam como moeda, porque se converte em mercadoria e mercadoria de preço tanto mais variavel quanto maior fôr a irregularidade da offerta e da procura.

A taxa do cambio ou antes o agio do ouro obedece sempre ao movimento monetario entre o paiz e o exterior. E esse movimento é determinado por causas muito complexas.

Quando elle é favoravel ao paiz, devido a circumstancias de character permanente, isto é, aos recursos naturaes do mesmo paiz, constitue, sem duvida, o melhor signal de uma boa situação economica; mas se o cambio favoravel fôr devido a causas accidentaes e consequentemente transitorias, transitorios tambem são os seus effeitos e o facto não tem significação alguma ou é contraproducente.

E' isto, pelo menos, que deduzimos da theoria que aprendemos com o proprio sr. Leroy-Beaulieu :

*« Le cours du change est un instrument d'une excessive sensibilité; il averti à chaque instant les banquiers d'un pays de la situation des dettes et des créances de ce pays à l'égard de toutes les autres contrées. ».*

Para a exacta comprehensão desta theoria é necessario, porém, ter em vista que não são as dividas effectivas de um paiz que influem directamente sobre o cambio num momento dado, mas sómente aquellas que determinem immediata remessa para o exterior.

E' o valor dessas remessas que, balanceado com o valor dos productos exportados, determina maior ou menor procura de ouro.

Assim, tendo a Republica Argentina ao mesmo tempo suspendido o pagamento de uma parte dos juros da sua divida externa e a respectiva amortização e diminuido a importação de mercadorias, tornaram-se naturalmente menores as suas necessidades de ouro, e, consequentemente, a sua procura.

E só isso, a nosso vêr, explica o phenomeno de ter alli baixado o agio do ouro, independente da diminuição do valor das dividas nacionaes.

### III



NÃO menos digna de nota é a maneira pela qual o sr. Leroy-Beaulieu começou o seu estudo comparativo dos dous paizes :

*Se a situação da Republica Argentina melhora de annos para cá, a da Republica vizinha, muito joven e mais vasta, o Brasil, se deteriora sensivelmente. Ha entre a Republica Argentina e o Brasil esta differença : na primeira, as provincias são pobres e a nação, se não é rica, é, pelo menos, folgada ; ao passo que, no Brasil, os Estados particulares vivem fol-*

*gados, e o Estado Federal acha-se gravemente embaraçado.*

Adiante teremos occasião de demonstrar por algarismos o valor da asserção do sr. Leroy-Beaulieu, na primeira parte desta apreciação. Quanto á segunda parte, o illustrado escriptor refere-se a um phenomeno que deve ser esclarecido.

Um paiz não é outra cousa senão o conjuncto das circumscripções em que o seu territorio se divide. Portanto: a Republica Argentina é um todo formado pelas suas provincias e pelos seus territorios, como o Brasil é o conjuncto dos seus Estados e Districto Federal.

Se as partes componentes de um todo são pobres, não podemos comprehender como possa esse todo ser rico; — pela mesma razão, se os Estados em que se acha dividido um paiz vivem particularmente folgados — indicio de riqueza ou, pelo menos, de bem estar—e o Estado Federal, que representa todos esses Estados, vive embaraçado, não póde deixar de haver vicio na organização administrativa ou, pelo menos, na distribuição das suas rendas.

E isso é sempre mais facil de corrigir ou remediar do que a situação inversa.

Num paiz pobre, o governo central só poderá viver folgado á custa do exaggero dos impostos,

que, uma vez elevados ao maximo que a população possa supportar, não podem ir além.

Emquanto que, se o paiz é rico e vive embaraçado, a todo tempo lhe resta o recurso de corrigir o erro onde elle estiver.

E' certo que quem estuda com attenção o phenomeno que o sr. Leroy-Beaulieu salientou, não póde deixar de notar a existencia de um certo antagonismo entre os interesses da União e os dos Estados, antagonismo que resulta do systema que foi adoptado para regular a divisão das rendas, e no qual, a nosso vêr, se attendeu mais ás facilidades praticas da arrecadação, do que ás conveniencias do paiz.

E é exactamente em épochas de crise, como a que o Brasil atravessa, que mais se accentuam os inconvenientes que resultam desse antagonismo, pelo effeito simultaneo de varias circumstancias, que aggravam as finanças da União, deixando, por assim dizer, illesas as dos Estados.

A baixa do cambio produz necessariamente a retracção dos negocios em geral, principalmente a importação.

Ora, tendo-se deixado á União unicamente, póde-se dizer, os impostos aduaneiros da entrada de mercadorias, deixou-se tambem a seu cargo toda a despesa que deve ser paga em ouro, como sejam o



serviço da divida externa, da representação nacional no estrangeiro, material de guerra e outros, etc.

Desta fórma se collocaram as finanças do Estado Federal em um circulo vicioso, do qual, não resta duvida, é necessario arrancar-as.

Os encargos da União, que se aggravam com o agio do ouro, crescem ao mesmo tempo que diminuem as suas rendas, e ella não dispõe de meio algum para restabelecer o equilibrio orçamentario, emquanto se achar sob a acção desses dous factores tão oppostos em seus effeitos e absolutamente inseparaveis em taes circumstancias. E esse phenomeno é daquelles que, todas as vezes que se pretender atalhar os seus effeitos sem se attender ás suas causas, apenas se conseguirá illudir mas nunca dominar o mal.

E' isso, porém, uma questão interna e de remedio relativamente facil, porque uma vez reconhecido o erro—se erro houve, como se nos afigura—todos de bom grado concorrerão para corrigil-o.

As dividas de uma nação pesam igualmente sobre todos os habitantes do paiz—e todas as circumscripções—Estados, Provincias ou Territorios—são, solidariamente, por ellas responsaveis.

O facto, portanto, póde perturbar temporariamente as finanças da União, mas não deve influir de modo tão profundo contra o credito do paiz.

Até agora — mercê de Deus — nem o Estado Federal nem algum dos Estados brasileiros deixou de cumprir religiosamente os seus compromissos internos ou externos. E no momento da desventura — se não fôr possível arredal-a — todas as dissensões politicas desaparecerão, estamos certos, para dar logar á união deste povo *semi-selvagem*, no pensar do sr. Leroy-Beaulieu. E, em acção simultanea de um por todos e de todos por um, não haveria Estado,—não haveria municipio,—não haveria um unico cidadão, estrangeiros comprehendidos, que deixasse de concorrer na medida de suas forças para salvar a honra nacional, que é a honra de todos os filhos do paiz.

Parece, pois, fóra de duvida que a nação cujas condições sejam identicas áquellas que o sr. Leroy-Beaulieu assignalou ao Brasil offerece aos seus credores estrangeiros mais solidas garantias do que aquelle que se encontrar em posição opposta.

Entretanto — cousa extranha! — o sr. Leroy-Beaulieu salientou que a Republica Argentina, não obstante ter suspendido parcialmente, há meia duzia de annos, os seus pagamentos e não haver ainda conseguido restabelecer o equilibrio em seus orçamentos, goza de maior conceito, na Europa, do que o Brasil.

Os seus titulos eleva ram-se em Londres a

86 1/2 — 87, mediante e por effeito de uma simples promessa — que pareceu temeraria — de ser restabelecido no anno proximo o pagamento integral dos respectivos juros, ao passo que os titulos brasileiros eram ao mesmo tempo cotados entre 71—72 !

Semelhante anomalia, que attesta uma grande desconfiança, não encontra base, sobre a qual possa repousar, em facto algum da vida deste paiz, quer seja elle considerado isoladamente em face do seu passado, quer, em suas condições actuaes, comparadas com as da Republica Argentina.

Dir-se-ia uma resultante da reincidência em erros administrativos, se, quando appareceu a publicação do sr. Leroy-Beaulieu, não fosse já conhecida, como era, a attitude do actual governo perante o Congresso Nacional. Expondo com franqueza a situação do paiz e solicitando, por um lado, todos os córtes possiveis na despeza publica e, por outro, medidas tendentes a auxiliá-lo a remover as difficuldades financeiras com que está luctando,— o governo affirmou a sua boa fé e a sua seriedade.

#### IV



PARA tornar patente a apregoada superioridade financeira da Republica Argentina, em relação ao Brasil, deveria o sr. Paul Leroy-Beaulieu ter feito a comparação dos respectivos algarismos—unico modo de comproval-a.

Mas o illustre escriptor preferiu collocar-o em frente da França, o que foi, sem duvida, uma distincção *hors ligne*, mas sem significação alguma para o caso.

A França é um dos paizes mais ricos do mundo, gozando de uma posição verdadeiramente excepcional, mesmo entre as velhas nações da Europa.

O Brasil é, pelo contrario, um paiz novo, ainda na adolescencia de sua vida de nação independente,

e que, de mais a mais, se acha no periodo de aprendizagem do novo regimen politico e administrativo que adoptou.

A Republica, no Brasil, tem apenas nove annos de existencia. Está em plena infancia e supportando, por um lado, as perturbações de ordem politica, que nunca deixam de verificar-se após acontecimentos como aquelles que tiveram logar em 1889, e por outro, as consequencias da sua inexperiencia administrativa.

Exigir o contrario, como pretendem alguns ideólogos, não se coaduna com a ordem natural das cousas.

Todos os paizes do mundo registram em sua historia periodos mais ou menos longos, identicos áquelle que o Brasil atravessa.

E a esse respeito, sim, — a propria França não faz excepção. Pelo contrario, ella offerece-nos exemplos do quanto podem os esforços humanos, uma vez dirigidos para a senda da paz, do trabalho e da economia publica e particular, que são os unicos factores da prosperidade das nações.

A primeira vez que a França se utilisou do papel-moeda, com o curso forçado, foi em 1701.

A 23 de fevereiro de 1720 viu-se ella novamente obrigada a conceder o curso forçado aos *billets* emittidos *par la Banque Générale* — do celebre

Law — cujas successivas emissões se elevaram á  
somma fantastica de

Lbs. 2.746.400.000 !

Quando o Estado assumiu a responsabilidade dessas notas, a sua importancia achava-se reduzida a *Lbs.* 1.700.733.294, mas porque deixaram de ser apresentados bilhetes no valor de 521.864.187, que se presumem, segundo alguns historiadores, haverem sido annullados.

Mais tarde, em 1789, ahi encontrámos os não menos celebres *assignats*, cuja emissão teve por fim mobilisar o valor de proprios nacionaes, que o governo fôra auctorizado a alienar.

E em 1848, apesar das duras lições das experiencias anteriores, lá tornou a apparecer — o curso forçado, então, é verdade, sem haver produzido desastres identicos aos que haviam assignalado a sua passagem pelo paiz no seculo XVIII, porque circumstancias excepcionalmente favoraveis os puderam evitar. E em 1870, isto é hontem, póde-se dizer, ainda o rico paiz do sr. Leroy-Beaulieu foi novamente levado pelas circumstancias a recorrer a esse mesmo expediente, elevandó-se as emissões a 2.400 milhões de francos.

O Banco de França já era, porém, então um dos primeiros estabelecimentos bancarios do mundo, e

Paris, a capital da Europa procurada pelos viajantes ricos de todas as partes do globo, que ahi vão despejar o ouro que levam de seus paizes.

O agio não subiu acima de 25 por 1.000, em Paris, e o cambio sobre Londres não foi além de 26 fr. 10 c. por libra esterlina—isso mesmo durante muito pouco tempo.

Comtudo, só em 1878 cessou o curso forçado, sem haver deixado desta vez, é verdade, qualquer recordação triste em seus effectos—facto unico no mundo até hoje—devido, além das circumstancias já citadas, a uma serie de outras não menos extraordinarias.

Mas, imagine-se por um momento :—se o povo francez não houvesse realizado aquelle prodigio de patriotismo que assombrou o mundo inteiro ;—se a França, graças a esse acto heroico de seus filhos, não houvesse pago em prazo tão curto, com capitaes nacionaes, a indemnização de guerra que o inimigo vencedor lhe impoz ;—se a sua enorme divida, em vez de ser interna fosse no exterior ;—se a occupação de Paris, pelo estrangeiro, tivesse durado o tempo que este havia calculado ;—teria, a França, podido libertar-se—tão rapidamente e, sobretudo, tão felizmente do papel-moeda ?

E' licito, pelo menos, duvidal-o.

Dous paizes da Europa acham-se, por motivos

diversos, em posição igualmente excepcional perante todos os outros paizes do mundo, no que diz respeito ao seu movimento monetario internacional: a França e a Inglaterra.

Este, graças á *sementeira* de libras esterlinas que fez e continua a fazer no estrangeiro, conseguiu inverter a ordem dos factores da antiga theoria, que, baseando-se na balança commercial das nações, demonstrava que aquella cuja exportação fosse maior era a que mais enriquecia.

Está hoje, graças á Inglaterra, firmado exactamente o principio contrario: o paiz que mais importa é o que mais enriquece.

A condição unica é esta: *importar o que de facto lhe pertença—seja dinheiro ou mercadorias*, o que pouco importa. Na composição da balança commercial, segundo a nova theoria, é computado não só o valor das mercadorias como todo o dinheiro que entrar ou sahir do paiz. Se este importa productos para consumo em valor superior aos que exporta, deve pagar a differença em dinheiro—a sua exportação torna-se de facto maior do que a importação e—consequentemente empobrece, a não ser que, como a Inglaterra, tenha no estrangeiro recursos proprios que cubram a differença. No caso contrario, só por meio de empréstimos ou da venda de proprie-



dades nacionaes ou particulares se consegue illudir temporariamente a situação.

Entretanto, muitos se illudem ainda : de uma parte, pela falsa interpretação daquella theoria, e de outra, com as apparencias que encobrem durante algum tempo o resultado effectivo da entrada, no paiz, de capitaes extranhos.

E não é essa dupla causa de erro a menor difficuldade com que luctam todos os paizes novos, cujo desejo de progredir rapidamente os leva quasi sempre ao abuso de taes capitaes, todas as vezes que o credito favorece esse procedimento.

Quanto á França, o caso é outro. Este paiz é aquelle cuja divida é relativamente maior, mas deve a si mesmo, isto é, o seu debito é interno e não tem que remetter para o exterior os juros e a amortização respectiva.

« Os juros da divida publica interior—dizia Melon—são pagos pela mão direita e cobrados pela esquerda ».

E Voltaire, dando talvez nova fórmula a este mesmo aphorismo, disse :

« O Estado que deve a si mesmo não empobrece, porque as suas dividas são antes uma especie de incentivo para a industria nacional e até para os habitos de economia do povo ».

A França produz quasi tudo de que carece para

consumo proprio e exporta muitos productos da sua variada e rica industria e da sua agricultura. E o estrangeiro, se lhe não paga como á Inglaterra a *colheita das plantações de ouro* feitas no exterior, isto é, os juros e os lucros de capitaes empregados ou empregados em industrias em todos os paizes do mundo, vai voluntariamente pagar-lhe o tributo que lhe é devido, por ter sabido constituir esse conjuncto de bellezas, prazeres, conforto, luxo, sciencia e commodidade, — unico em todo o mundo — que se chama — Paris.

---





SOB o ponto de vista comparativo da situação economica e financeira do Brasil com a da Republica Argentina, nada adiantou, portanto, o sr. Leroy-Beaulieu em invocar circumstancias referentes á França.

Além de absolutamente inutil, foi muito pouco equitativo o seu proceder. Mas o intuito do sr. Leroy-Beaulieu, cujo trabalho iremos analysando, parece ter sido principalmente evitar qualquer referencia ao valor das responsabilidades da Republica do Prata e exaggerar o valor das do Brasil.

Não se pôde de outro modo explical-o. E por isso somos forçados a investigar a situação da Republica Argentina e a salientar a relação que

guardam para com as do Brasil as dividas effectivas desse paiz.

«A divida exterior do Brasil não é enorme, —disse o sr. Leroy-Beaulieu, — monta a cerca de 35 1/4 milhões esterlinos ou, seja, 900 milhões de francos».

«O Brasil — é ainda o dito escriptor quem falla — conta 16 milhões de habitantes, dos quaes *grande parte de negros e de caboclos*, (o grypho é nosso): o encargo annual da divida exterior é, pois, inferior a 3 frs. por cabeça, calculada a annuidade precisa para o respectivo serviço em 45 milhões de francos, numeros redondos, incluída a amortização».

«Infelizmente, junta-se á divida externa uma divida interior que, nominalmente, é muito mais consideravel, a saber: — divida interior, em ouro, de 180 mil contos, cerca de quinhentos milhões de francos effectivos, e divida interior, em papel, de 470 mil contos, ou, ao par, aproximadamente, 1.316 milhões de francos; — vem, depois, uma divida fluctuante de 275 mil contos, ou cerca de 770 milhões de francos, ao par».

«Finalmente, temos a circulação fiduciaria na importancia de um milhão de contos, representando 2.800 milhões de francos».

«De sorte que o conjuncto das dividas internas do Brasil, inclusivé o papel-moeda, calculado esse

conjuncto ao par, representa o enorme total de perto de 5.400 milhões de francos» (!)

«*Antes da revolução de 1889* (todos os gryphos são nossos), as finanças do Brasil eram prosperas, o cambio estava ao par ou a 27 d. por mil réis; e hoje tudo peiorou, baixando o cambio continuamente até cahir a cerca de  $7 \frac{1}{4}$ , isto é, quasi a quarta parte do valor nominal».

«A crença de que se póde augmentar indefinidamente o papel-moeda, *desde que elle seja garantido por deposito de titulos da divida publica*, (?) é a peor das illusões.»

«Póde comprehender-se um Estado com uma população de 16 milhões de habitantes, *cuja metade é de negros e indios*, (aqui, o sr. Leroy-Beaulieu repete esta especie de amabilidade para com o povo brasileiro) que tenha uma circulação de papel-moeda de 2.800 *milhões de francos*, representando  $\frac{4}{5}$  da circulação do Banco de França, *quando a nossa população é duas e meia vezes mais consideravel que a do Brasil, e cada francez é, pelo menos, tres vezes mais rico do que a média dos brasileiros?*»

«E' preciso reduzir a circulação brasileira á metade, quando muito, do que ella é hoje; — então, o cambio voltará ao par.»

Merecem o mais detido exame os diversos *itens*

do libello accusatorio do sr. Leroy-Beaulieu contra o Brasil.

Com effeito, — se se pudesse emprestar má fé ou odio contra este paiz ao propecto e tão conhecido economista, — não se poderia imaginal-a, a má fé, mais requintada nem odio mais feroz.

O sr. Leroy-Beaulieu fez ao Brasil, é certo, o favor de fazer a seguinte declaração :

« E' excessivo calcular ao par o importe das dividas internas contrahidas em papel. »

Mas, não obstante, assim as calculou para poder annunciar ao mundo que o conjuncto das dividas brasileiras, internas e externas, representa o enorme total de perto de

**6.300 milhões de francos**

E aquella declaração, feita assim a correr como faria quem temesse desmanchar o effeito de uma scena, previamente calculado, passa naturalmente despercebida a uns e a outros, lá fóra não comprehendem o seu valor porque está pouco vulgarisado o mecanismo do cambio brasileiro : ninguem lhe presta attenção.

Entretanto, não ha em parte alguma do mundo quem desconheça o valor da moeda de que o sr. L

roy-Beaulieu se serviu para designar a importancia a que elevou as responsabilidades do Brasil.

E a quanto montam as da Republica Argentina?

O sr. Leroy-Beaulieu contentou-se com dizer :

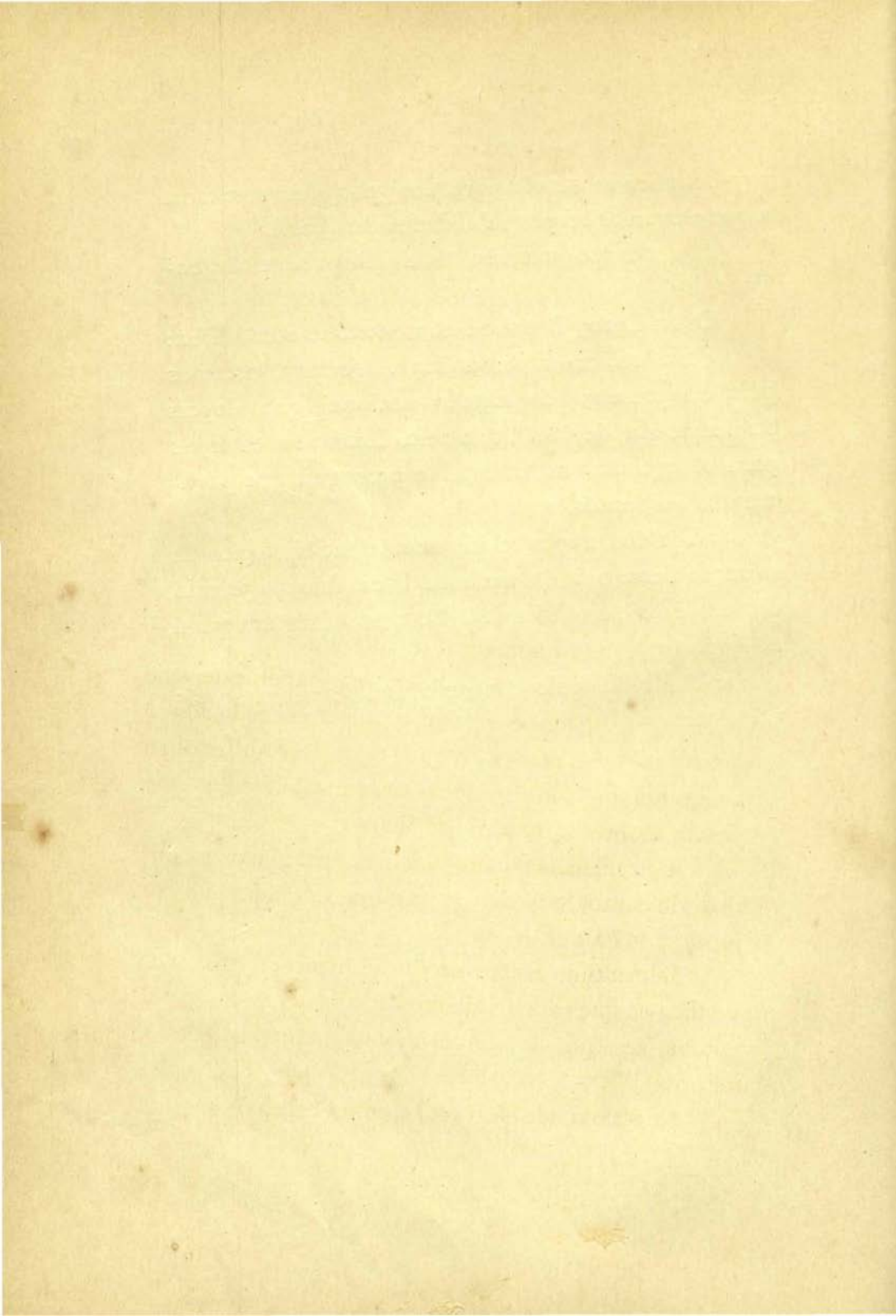
« Em relação á Republica Argentina, estamos pois, em presença do Estado nacional, que, depois da derrocada de 1890, tem feito louvaveis esforços para reorganisar as finanças e proseguir nos pagamentos suspensos. »

« Um dos traços relativamente satisfactorios da situação desse paiz é a melhora do cambio : o premio do ouro é hoje de 185 a 190 %, tendo chegado quasi ao duplo. »

« O Brasil, pelo contrario, se deteriora sensivelmente. ».

---





## VI



NÃO foi sómente calculando ao par dividas contrahidas em papel, que elle proprio declarou achar-se reduzido á quarta parte de seu valor, que o sr. Leroy-Beaulieu avolumou indevidamente as responsabilidades que pesam sobre a nação brasileira.

A circulação fiduciaria nunca attingiu a um milhão de contos, e a divida interna fundada não se eleva a 470 mil.

Pelo ultimo Relatorio do Ministerio da Fazenda verifica-se que esta divida monta apenas a 365 mil contos, e que o papel-moeda não excede a 712.500.

Addicionando-se a esta somma cerca de oitenta

mil contos de *bonus*, que o governo foi auctorizado a converter em notas, teremos, no maximo, oitocentos mil contos, numeros redondos.

Além disso o sr. Leroy-Beaulieu classificou como divida fluctuante as verbas provenientes de : —Dividas anteriores a 1827,—Depositos do Monte de Soccorro,—Bens de defuntos e ausentes,—Emprestimo do coffre de orphans,—Depositos das Caixas Economicas,—Depositos de diversas origens,—e, finalmente, de Depositos Publicos. E não é tão innocente, como á primeira vista póde parecer, essa confusão.

Considera-se divida fluctuante aquella cujo pagamento é immediatamente exigivel ou em prazo curto. E as contas acima mencionadas não estão nesse caso.

Umas são inteiramente mortas, e outras têm movimento constante de entradas e sahidas, que se compensam reciprocamente.

Em relação ás responsabilidades internas, o unico calculo exacto é o que se refere á divida em ouro, que o sr. Leroy-Beaulieu calculou em cerca de 180 mil contos, equivalente a 500 milhões de francos.

Essa somma, cuja especie, quanto ao capital, ainda é objecto de discussão, é representada pelas

apólices que foram convertidas em 1890 de 5 %, moeda corrente, em 4 %, ouro.

E' um dos fructos da illusão aurea que a situação ficticia de 1888 a 1890 produziu, illusão que tanto dominou a maioria dos individuos no Brasil, durante esse periodo, e a cuja influencia não soube esquivar-se o governo da Republica.

O paiz paga caro, hoje, as consequencias desse erro administrativo;—mas ainda devemos erguer as mãos a Deus, em acção de graças, por não ter ido além a faina transformista.

Naquella época todos se chegaram a convencer de que o ouro valia menos do que o papel, e já se pedia, pelo amor de Deus, que não nol-o dessem porque . . . pesava muito.

Muito pesa elle hoje, o ouro, mas sem que ninguém o veja.

A mencionada conversão elevou os juros dos respectivos titulos a cerca de 24 %, e não é essa a forma porque ella pesa mais nas finanças do Estado.

A parte que directamente lhe cabe como factor da actual situação é muito mais prejudicial ao paiz.

Oxalá aproveite a licção.

Infelizmente não temos confiança em que assim succeda. Embora sob uma fórma differente, ainda

essa illusão se manifesta e ameaça hoje, como ameaçou hontem, devorar este paiz.

Hontem vivia elle, na phrase do notavel estadista, que se chamou barão de Cotegipe,—TOMANDO EMPRESTADO PARA FAZER DESPEZAS E FAZENDO DESPEZAS PARA TOMAR EMPRESTADO.

Hoje os Leroy-Beaulieu nacionaes, influenciados pelas falsas theorias que os extranhos pretendem impingir ao paiz sem se lhes haver pedido conselho, querem a todo transe recolher o papel-moeda sem indicar qual a especie de meio circulante que deveriamos em seguida utilizar.

A crença de que qualquer quantidade de ouro, que porventura entrasse no paiz para esse fim, nas condições em que elle actualmente se encontra, poderia conservar-se na circulação, é verdadeiramente infantil. Entretanto, uns, acceitando a indicação do sr. Leroy-Beaulieu, optam pelo *arrendamento* da Central.

Arrendamento, é um modo de dizer. Aquillo que tem estado em discussão é um verdadeiro projecto de contracto de antichrese, com vantagens excepcionaes para o credor.

Outros preferem a realização de um grande emprestimo externo—vinte milhões esterlinos, por exemplo—e retirar de chofre todo o papel-moeda da circulação, indemnizando os seus portadores ao cam-

bio actual. E para que não se diga que não ha fertilidade de idéas no paiz já um ex-ministro da Fazenda enriqueceu os annaes da Camara com um projecto, segundo o qual seria o problema resolvido . . . por meio da loteria .

Por outro lado, o commercio e os particulare sentem o peso do agio do ouro e, como não sabem donde lhes vêm o mal, applaudem todas as idéas que lhes pareçam poder concorrer, em sua realização pratica, para melhorar esta situação.

E é, infelizmente, o prospero Estado de S. Paulo que está mais ameaçado pelos effeitos dessa opinião corrente.

As suas estradas de ferro, que são talvez os melhores padrões da iniciativa particular que o paiz hoje possui, excitam muitos appetites.

Este assumpto merece ser tratado mais detidamente e a elle teremos occasião de voltar.

Agora, para não perdermos o fio do trabalho do sr. Leroy-Beaulieu, limitamo-nos a assignalar que, ainda sob este ponto de vista, o Brasil não tem de que se arreceiar no seu confronto com a Republica Argentina.

Este paiz é talvez aquelle que, dominado pela louvavel ambição de progredir depressa, nos tempos modernos mais se illudiu com as apparencias. Dei-

xou-se seduzir pela falsa prosperidade que o dinheiro alheio ás vezes simula e cahiu no mesmo erro.

Simultaneamente a Republica Argentina avolumou, com excesso, em prazo curto, de 1882 a 1887, as suas responsabilidades em ouro, tanto no exterior como no interior.

Referimos isto—é bom dizel-o—apenas para demonstrar a identidade das circumstancias.

Não somos daquelles que se julgam justificados desde que outros hajam commettido ou commettam erros identicos.

Tampouco nos deixamos seduzir pela doutrina do aphorismo :

*O mal de muitos consolo é.*

## VII



A divida exterior do Brasil não é enorme,  
disse o sr. Leroy-Beaulieu.

Effectivamente.

Comparada com a da Republica Argentina,  
a divida exterior do Brasil é até insignificante.  
Eleva-se apenas a cerca de

**Lbs. 35 1/4 milhões**

e a daquelle paiz, segundo o *Statesman's Year-Book*,  
era, em principios de 1896, approximadamente de

**Lbs. 55 1/2 milhões**

Em francos, a divida externa brasileira repre-  
senta

**900.000.000**

e a argentina

**1.387.500.000**



O encargo annual dessas dividas, por cabeça, é no Brasil inferior a 3 frs., e na Republica Argentina, superior a 17, pois a população deste paiz está para a do Brasil na razão de 1 para 4.

A do Brasil é de 16 milhões de habitantes, e a da Republica Argentina é de cerca de 4 milhões apenas. Em virtude de uma lei votada em 1896 foi o governo argentino auctorisado a encampar as dividas particulares das provincias, unificando-as.

Essas dividas, inclusivé as municipaes, montavam, em 1895, a cerca de 39  $\frac{1}{2}$  milhões esterlinos ou, seja, 987  $\frac{1}{2}$  milhões de francos. E reunidas estas ás nacionaes, acima mencionadas, achamos um total, approximadamente, de

**Lbs. 95.000.000**

ou

**Frs. 2.375.000.000**

cujo encargo annual é superior a 28 frs. por cabeça, calculada a annuidade precisa para o respectivo serviço, comprehendida a amortização na mesma base estabelecida pelo sr. Leroy-Beaulieu.

Temos, pois, só aqui, uma differença de mais de 25 frs., annualmente e por cabeça, a favor dos habitantes do Brasil. E na responsabilidade effectiva, isto é do capital dessas mesmas dividas, a capitação relativa á da Republica Argentina eleva-se a cerca de 593 frs. e a do Brasil pouco excede de 55. Ha, por-

tanto, uma differença tambem a favor dos brasileiros de 538 frs. por cabeça. Os algarismos relativos ás dividas externas da Republica Argentina, acima mencionados, devem achar-se elevados e não reduzidos.

Por um lado, accresceram os juros que não têm sido pagos ou o foram em outros titulos, e por outro, não figura no calculo acima a responsabilidade assumida pela nação, em virtude do accordo feito com as estradas de ferro garantidas.

Quanto ás responsabilidades internas, rectificando os calculos do sr. Leroy-Beaulieu e fazendo a redução da nossa moeda ao cambio de 7  $\frac{1}{2}$  d. por 1\$000, temos:

DIVIDA INTERNA BRASILEIRA

Em ouro : fundada, equivalente a	frs. 500 milhões
Em papel : fundada, equivalente a	» 289 »
Proveniente de depositos diversos e outras verbas, equivalente a.	» 216 »
Circulação fiduciaria, equivalente te a.....	» 630 »
Total.....	» 1.635 »

E' a quanto montam, de facto, segundo os ultimos dados officiaes, as responsabilidades internas da nação, responsabilidades que o sr. Leroy-Beaulieu, com a incontestavel auctoridade do seu nome, annun-

ciou que se elevavam *ao enorme total de CINCO MILHARES E QUATROCENTOS MILHÕES DE FRANCOS.* (!)

Quando o cambio chegar ao par, essas responsabilidades estarão accrescidas, é certo, na razão directa da differença que hoje reduz aquellas cuja base é a moeda corrente do paiz. Mas então tambem a libra esterlina, que hoje nos custa 32\$, custará apenas 8\$890, e o franco, 360 réis em vez de 1\$270. Ao accrescimo nominal dos encargos interiores corresponderá a diminuição effectiva nos exteriores pelo desaparecimento das differenças de cambio, que constituem hoje, como foram sempre, o martyrio do governo e o desespero do povo.

Quando se procede ao balanço geral de uma nação ou de um estabelecimento qualquer, os valores, tanto do activo como do passivo, devem ser considerados pelo que realmente representarem no dia em que forem inventariados. Não é licito augmental-os ou diminuil-os, quaesquer que sejam as probabilidades em que se possam basear os calculos a respeito de circumstancias futuras. E quem procede de outro modo erra, pelo menos, a maior part e das vezes.

Se o cambio attingir o par — não artificialmente como tem succedido todas as vezes que lá tem chegado, mas pelo equilibrio real da importação e da exportação de valores — *dinheiro ou mercadorias* —, o

Brasil, só com esse facto, attestará a sua prosperidade. Então não teremos mais que nos lamentar contra os efeitos das ditas diferenças de cambio, que hoje elevam ao quintuplo do seu valor o preço de todas as mercadorias que importamos e todos os encargos do paiz no exterior, desorganizando simultaneamente as finanças do Estado e a economia dos particulares.

Nesse dia será indifferente a circulação metálica ou fiduciaria, desde que o abuso não substitua o uso criterioso que desta se póde fazer.

O commercio se desenvolverá pelo augmento das importações, as rendas publicas augmentarão de conformidade e a vida se tornará, por egual, relativamente barata para todos.

Sem esse equilibrio, porém, não ha paiz algum que, vivendo no regimen da circulação fiduciaria, possa manter estabilidade no cambio. Elle oscillará sempre entre uma circumstancia favoravel, que faça melhora-o hoje, e outra desfavoravel, que produza amanhã effeito contrario.

O erro em que muitos laboram a este respeito provém da confusão que fazem entre a verdadeira theoria e a velha balança commercial, assumpto esse que mais adiante procuraremos elucidar quanto as nossas forças permittirem, porque é, a

nosso vêr, uma das causas que mais perturbam a vida economica do paiz.

Ao sr. Leroy-Beaulieu, porém, esta questão é familiar e por isso se torna extranhavel o systema que adoptou para calcular o valor das responsabilidades do paiz, contrahidas em papel, no interior.

Dessa sorte, o cambio seria uma faca de dous gumes cortando sempre contra o paiz, isto é, tanto influindo sobre as responsabilidades reguladas em ouro como sobre aquellas que se liquidam em papel, qualquer que seja o valor deste em relação áquelle. Entretanto, elle bem o sabe, as differenças de cambio apenas alcançam os pagamentos em ouro, e as responsabilidades em papel decrescem na proporção da perda do valor dessa moeda.

## VIII



REDUZIDAS a suas verdadeiras proporções, não attingem ao terço do valor que o sr. Leroy-Beaulieu lhes emprestou —calculando-as ao par—as responsabilidades do Brasil, no interior. Entretanto, as da Republica Argentina, sendo muito maiores, como vimos, no exterior, no interior não differem muito das do Brasil.

Vamos, porém, apreciar-as em seu conjuncto, admitindo por hypothese o calculo do sr. Leroy-Beaulieu, menos quanto á parte em que elle se baseou em algarismos superiores aos verdadeiros, como, por exemplo, em relação ao papel-moeda.

Os quadros que publicamos em seguida demonstram o valor, em francos, das responsabilidades

internas e externas de ambos os paizes, calculadas ao par.

Todos os algarismos relativos á Republica Argentina, repetimos, foram extrahidos do ultimo anno (1897) do *Statesman's Year-Book*.

### Brasil

Divida externa.....	900	milhões
Interna-ouro.....	500	»
Apolices-papel.....	1.014	»
Depositos e outras.....	770	»
Papel-moeda.....	2.200	»
Total.....	<u>5.384</u>	»

### Argentina

Divida externa.....	1.387 1/2	milhões
Interna-ouro.....	459 1/2	»
Interna-papel.....	417 1/2	»
Fluctuante-ouro e papel.....	52	»
Provinciaes.....	686	»
Municipaes.....	122 1/2	»
Papel-moeda.....	1.475 1/2	»
Total.....	<u>4.600 1/2</u>	»

Verifica-se uma differença, contra o Brasil, de 783 1/2 milhões de francos, cumprindo, porém, notar

que nas responsabilidades da Republica Argentina não estão comprehendidas, por ignorarmos o seu valor, as verbas provenientes de juros em atraso e do accordo feito com as companhias de estradas de ferro.

O accrescimo dessas verbas alteraria esse resultado.

Para o fim que temos em vista, porém,—que não é outro senão provar a sem razão das injustiças que o sr. Leroy-Beaulieu fez ao Brasil—acceitamos os algarismos acima mencionados como definitivos.

Vejamos quaes são as illações a que elles conduzem em sua relação com as condições dos respectivos paizes, principalmente com o territorio e a população de cada um.

Esta, como já salientámos, é de 4 milhões de habitantes na Republica Argentina e de 16 milhões no Brasil. E o territorio deste tem uma área de 3.209.818 milhas quadradas ou 8.337.218 kilometros, correspondente a 85 % do territorio de toda a Europa.

O territorio da Republica Argentina tem 1.778.195 milhas quadradas.

As respectivas dividas, pois, calculadas ao par, representam :—na Republica Argentina, 2.560 frs. por milha quadrada do seu territorio, e 1.150 frs. por



habitante;—no Brasil, 1.700 frs. por milha quadrada, e 336 por cabeça.

Na hypothese de se unificarem as dividas de cada um dos dous paizes, em titulos que, comprehendidos juro e amortização, exigissem para o seu serviço uma annuidade de 6 %, a capitação dessa despeza seria:—no Brasil, cerca de 20 frs.;—na Republica Argentina, de 69 frs.

A divida brasileira, mesmo calculada ao par, representa, por cabeça, um onus inferior ao da Inglaterra, Austria, Hespanha, Paizes-Baixos, França, Italia e Portugal.

A divida da Republica Argentina é, pelo contrario, maior do que a de qualquer desses paizes, em relação aos seus habitantes. Em 1888, época a que se reporta a estatistica em que colhemos estes dados, a França era o paiz cuja divida apresentava maior capitação — 845 frs.,—figurando em segundo lugar Portugal com a de 609 francos.

A da Republica Argentina é, como vimos, de 1.150 frs., isto é, maior do que a dessas duas nações e mais do triplo da brasileira.

Entretanto — cousa extranha — o sr. Leroy-Beaulieu diz que a Republica Argentina, não obstante ter suspendido parcialmente, ha meia duzia de annos, os seus pagamentos e não haver ainda conse-

guido restabelecer o equilibrio orçamentario, goza de maior conceito na Europa do que o Brasil.

Os seus titulos elevaram-se em Londres, este anno, a 86  $\frac{1}{2}$  e 87, mediante e por effeito de uma simples promessa—que pareceu temeraria—: ser restabelecido no anno proximo o pagamento integral dos respectivos juros. E os titulos brasileiros, que nunca deixaram de ser pontualmente pagos, eram, entretanto, cotados a 71 e 72.

E' um verdadeiro capricho da so rte.

Semelhante anomalia, que attesta uma grande desconfiança, não encontra, porém, base alguma sobre a qual se possa apoiar.

Dir-se-ia resultante do temor da reincidencia em erros administrativos que ameaçassem comprometter ainda mais o futuro do paiz.

A attitude, porém, do actual governo perante o Congresso Nacional—expondo com franqueza a situação do paiz e solicitando, por um lado, todos os córtes possiveis na despeza publica e, por outro, medidas tendentes a auxiliá-lo a remover as difficuldades financeiras com que está luctando,—affirmou a sua boa fé e a sua seriedade.


E, se por um lado vemos uma incontestavel superioridade das garantias reaes, e por outro se não póde pôr em duvida as boas intenções do poder executivo, é claro que sómente ás falsas informações

se póde attribuir a desconfiança dos credores do Brasil.

Nada mais, com effeito, poderia justificar o que o sr. Leroy-Beaulieu evidenciou nas seguintes palavras :

«O cambio brasileiro está sensivelmente peor do que o argentino. Enquanto este melhora, ha dous ou trez annos para cá, o primeiro tende a peiorar cada vez mais. Os titulos brasileiros, mais favorecidos, capitalizam-se a 6 % ;—ainda mais, —o emprestimo mais recente, o de 5 % de 1895, cotado entre 71 e 72, capitaliza-se quasi a 7 %, o que indica sufficientemente as apprehensões dos portadores de titulos brasileiros».

## IX



Os algarismos, que já patenteámos, fallam, por si só, bem alto como demonstração não sómente da exiguidade dos compromissos do Brasil em relação aos da Republica Argentina, como da boa fé com que argumentamos.

Acceitando o calculo das dividas brasileiras ao cambio par, fizemos ao sr. Leroy-Beaulieu a maior das concessões.

Vamos, entretanto, demonstrar agora qual a relação que existe entre as dividas dos dous paizes, com exclusão do papel-moeda, calculadas,—não só em ouro, ao cambio actual, mas tambem na nossa propria moeda, para collocar essa demonstração ao alcance de todos.

Da circulação fiduciaria, por ser divida de que os governos não pagam juros e aquella a que maior influencia se attribue sobre o estado financeiro do paiz, trataremos em artigo especial, isoladamente.

Para a conversão da nossa moeda, em ouro, tomaremos por base o cambio de  $7 \frac{1}{2}$ ,—e a moeda argentina será calculada á taxa de 180 % sobre o seu valor nominal.

Nas dividas argentinas avultam mais aquellas que são baseadas em moeda metallica.

Para arredar, porém, qualquer suspeição a respeito da fidelidade dos nossos calculos e dos nossos algarismos, transcrevemos em seguida o que a respeito dessas dividas se lê a pag. 325 do annuario que já citámos — *The Statesman's Year-Book*, 1897.

« No principio de 1896 a divida nacional da Republica Argentina era a seguinte:

Divida externa.....	Lbs. 55.519.123
» interna (ouro), 91.883.031	
<i>doll</i> .....	» 18.230.700
Dita (papel), 83.502.338 <i>doll</i> ..	» 4.733.692
Total.....	Lbs. 78.483.515

No fim de 1893 a divida fluctuante elevava-se a 7.517.732 dollars (ouro) e a 16.428.434 dollars (papel).

Em dezembro de 1895 era só de 1.370.000 dollars (ouro), e de 9.020.000 dollars (papel).

O serviço annual desta divida subiu em 1894—1895 a 13.846.322 dollars (papel) e 1.478.311 dollars (ouro).

Em 1895 as dividas das provincias, incluindo juros atrasados, elevavam-se a 137.261.866 dollars (ouro) ou *Lbs.* 34.589.900.

As dividas municipaes elevam-se a 24.596.422 dollars (ouro).

Em 1896 foi approvedum *bill* para a unificação das dividas nacionaes e provinciaes. Um *bill* para o regulamento das garantias dos caminhos de ferro foi tambem approvedo, apenas duas companhias pretenderam resolver por si a questão, mas todas as outras concordaram com os termos propostos no *bill* e acceitaram os *bonds* creados, sem direito a nenhuma reclamação futura.»

(As duas companhias que recusaram o accordo auctorizado devem ser aquellas pelos interesses das quaes pugna o sr. Leroy-Beaulieu, em termos tão energicos.)

Recapitulando, temos, pois, o seguinte resultado:

Dividas nacionaes . . . . .	<i>Lbs.</i> 78.483.515
Divida fluctuante . . . . .	» 918.285
Dividas provinciaes . . . . .	» 34.589.900
» municipaes . . . . .	» 4.919.284
<i>Bonds</i> das Estradas de ferro . . . . .	» . . . . .
Total . . . . .	<i>Lbs.</i> 118.910.984

Esta somma corresponde a 2.972.774.600 frs.  
ou, em a nossa moeda, calculado o agio do ouro  
a 180 %, a

**Rs. 2.996.556:796\$800**

e, dividida pelos 4 milhões de habitantes do paiz, dá  
uma capitação de cerca de 743 frs. ou Rs. 749\$000,  
numeros redondos.

A annuidade, calculada em 5 %, que é a base  
estabelecida pelo sr. Leroy-Beaulieu, corresponde a  
148.638.730 francos ou

**Rs. 149.827:839\$840**

Essa annuidade, de 5 %, calculada unicamente  
sobre o total da divida nacional, corresponde a  
Rs. .... 98.889:210\$000.

Entretanto, como acima se  
vê, o serviço dessa divida em  
1894-95 foi feito com uma som-  
ma correspondente apenas a... 32.373:969\$000

Logo, o que parece é que  
deixou de ser paga ou o foi em  
titulos—*ce que revient au même*—  
uma somma equivalente a..... 66.515:241\$000

Vejamos agora qual é o resultado que apre-  
senta um calculo identico, applicado á divida nacio-

nal do Brasil, a qual, excluido o papel-moeda, se eleva a 1.400 milhões de francos,ouro,(55  $\frac{1}{4}$  milhões esterlinos), numeros redondos, e 640 mil contos de réis (papel).

Unificada em a nossa moeda, não obstante o cambio ser mais desfavoravel ao Brasil que á Republica Argentina, essa divida representa o total de

**Rs. 2.418.000:000\$000**

E essa somma, dividida pelos habitantes do paiz,	
dá um quociente de.....	151.125
ou menos .....	597.875

que a capitação da divida argentina, que	
é de Rs.....	749.000

Isto é, cada um dos habitantes do Brasil tem uma responsabilidade equivalente a pouco mais do quinto da que pesa sobre cada um dos habitantes da Republica Argentina.

Quanto á annuidade, calculada tambem em 5 %, não	
excede a.....	120.900:000\$000
contra.....	149.827:837\$840

havendo, portanto, a favor do	
Brasil uma differença de Rs..	28.927:837\$840

Onde essa differença, porém, se torna devéras



sensível é na respectiva capitação, que na Republica Argentina é equivalente a

Rs.....	37.450
e no Brasil a.....	<u>7.550</u>
ou menos Rs.....	29.900

Este é o contra-processo do systema que o sr. Leroy-Beaulieu empregou para calcular o valor das responsabilidades internas da nação brasileira, mas é o unico exacto, e a Republica Argentina soffre menos com este do que soffreu o Brasil com aquelle.

As responsabilidades do Brasil, em ouro, são muito menores que as da Republica Argentina e por isso a differença do cambio lhe é muito mais sensível.

Além disso o cambio argentino de 180 %, corresponde a  $9 \frac{5}{8}$ , pouco mais ou menos, e todas as nossas dividas foram calculadas ao cambio de  $7 \frac{1}{2}$ .

E é assim que, de um modo ou de outro, propositalmente ou não, todos concorrem para desacreditar este paiz na Europa, onde se formou uma falsa opinião a seu respeito, que muito o prejudica, não prejudicando menos aos paizes que com elle se acham relacionados commercialmente.

A imprensa anda, alli, cheia de noticias falsas ou de falsas apreciações, exaggerando os encargos do

paiz, diminuindo os seus recursos ou deturpando o caracter do seu governo e, até, do seu povo.

O sr. Leroy-Beaulieu, porém, em honra dos seus proprios creditos e da elevada posição que occupa como escriptor em todo o mundo civilisado, não podia nem devia ter firmado com o seu nome uma opinião tão desfavoravel a este paiz, sem havel-o estudado sob todos os seus aspectos, muito especialmente tendo-o collocado, como collocou, em frente de um paiz vizinho.

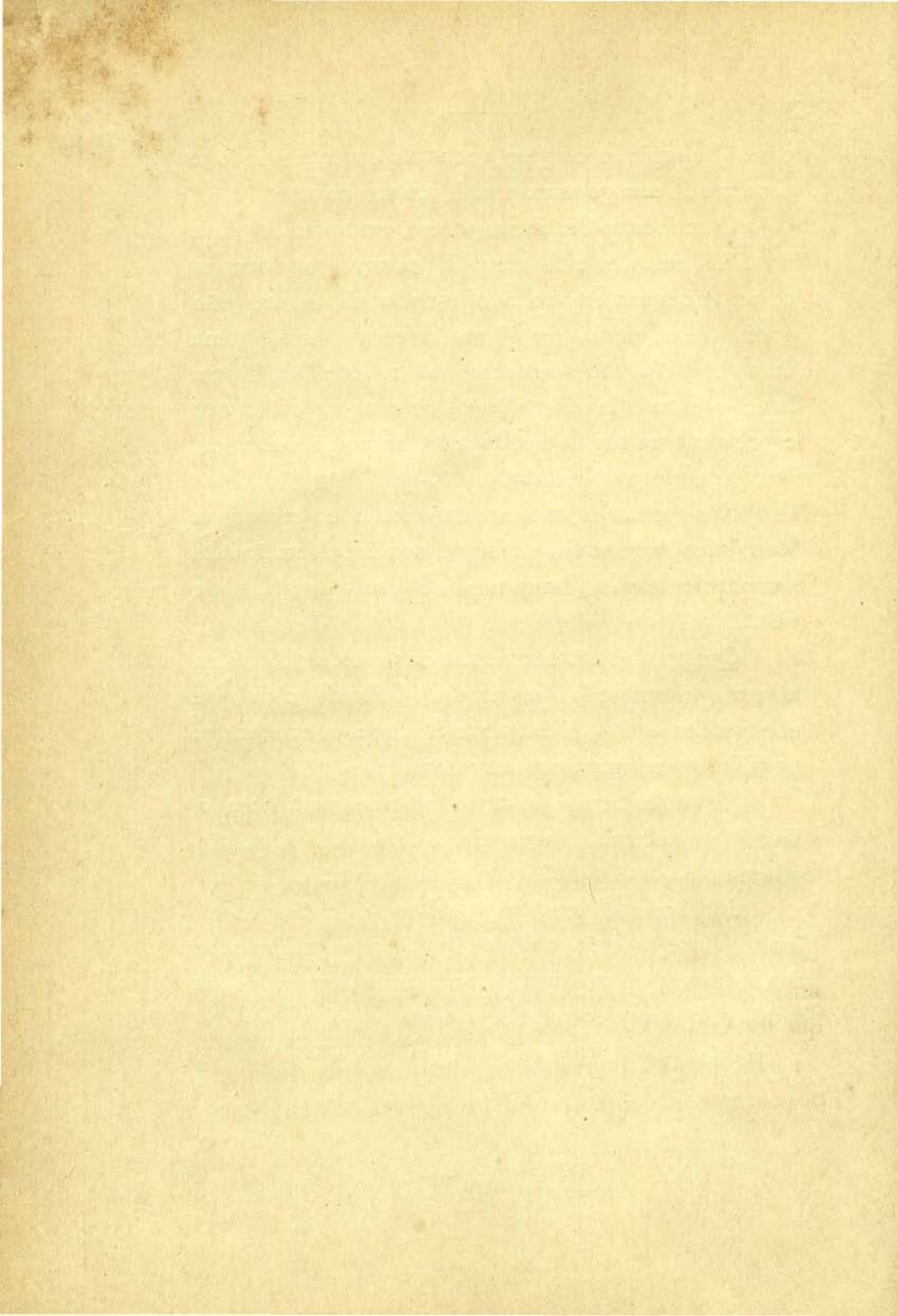
Não temos a menor animosidade contra a Republica Argentina, paiz que nos é extremamente sympathico e que admiramos sob diversos pontos de vista.

Quando outras circumstancias não motivassem a nossa admiração, bastaria a fidalguia com que elle acolhe todos os estrangeiros que o procuram, para lhe assegurar a nossa sympathia.

Mas o sr. Leroy-Beaulieu foi cruel para com o Brasil, e não temos outro modo de proval-o, senão patenteando a falsidade das suas asserções.

Elle poderia ter-nos poupado este desprazer, limitando-se a dizer mal do Brasil, sem estabelecer confrontos, que em cousa alguma aproveitam aos seus intuitos, quaesquer que elles sejam.

---





ESTAMOS chegados ao ponto culminante da questão — a circulação fiduciaria.

E' um assumpto a respeito do qual reina, no interior e no exterior, a maior controversia e quasi ninguem se entende.

Entretanto, nas condições actuaes do Brasil, nenhum outro o sobrepuja em importancia nem reclama mais detido exame e profundo estudo.

Somos os primeiros a reconhecer-nos incompetentes, e de nenhum modo, pois, pretendemos impôr uma opinião ou considerarmos indiscutivel aquella que formamos.

Expomol-a francamente, despretenciosamente, na esperança de que, se ella não tiver valor algum,

seremos desculpados, attenta a pureza das intenções com que escrevemos.

Não encaramos esta questão sob a influencia de qualquer interesse privado. Não estamos ligados a negocio algum que possa determinar em nós um ponto de vista particular ou levar-nos a julgal-a em uma só das suas faces, sem considerar as outras.

Pelo contrario.

As diversas phases da nossa vida commercial permittiram-nos estudar este assumpto em seus variados aspectos, na constancia da pratica. E foi em consequencia da observação directa e immediata dos diversos phenomenos, que sob a sua influencia se produzem, que chegamos a formar a opinião que temos a seu respeito.

Desligados, ha muitos annos já, de quaesquer interesses que possam ser immediata e directamente attingidos pelos effeitos das constantes oscillações do cambio, continuamos a vêr e a observar a sua marcha, não como negociantes mas como amadores.

E neste periodo, que é bastante longo e durante o qual temos alliado aos resultados que haviamos colhido na pratica os da leitura a que nos dedicamos por prazer, longe estamos de haver encontrado motivos para mudar de opinião.

Sustentamos hoje, portanto, o que diziamos ha dez annos, e ha dez annos já sustentavamos o que,

havia pelo menos outros dez, acreditavamos ser a verdade. E Deus sabe quanto somos docéis á influencia do saber alheio, faceis de convencer dos proprios erros e difficeis de contentar com os resultados do nosso trabalho intellectual.

A consciencia não nos accusa dessa especie de peccado, que os francezes denominam — *l'entêtement*.

E' possivel, pois, que a breve exposição dos motivos a que vamos proceder encerre algum subsidio util para o estudo dos homens competentes. Oxalá assim seja.

Sabemos que censuras nos têm sido dirigidas por pessoas que nos acreditam apologistas do papel-moeda.

Defeito, sem duvida, do nosso modo de expôr, nas poucas vezes que temos tratado deste assumpto na imprensa, occasiona a illusão em que essas pessoas vivem a respeito do nosso modo de pensar.

Nós apreciamos o papel-moeda, do mesmo modo que somos partidarios do quinino . . . quando nos sentimos com febre.

Alguns clinicos, e dentre os mais distinctos, são contrarios ao uso desse medicamento em casos de diversas variedades da dita molestia. E nós (o factó já se verificou), se o acaso nos colloca na posição de

doente, em frente de um desses medicos, desobedece-mos-lhe.

Tomamos por nossa conta e risco o sulfato de quinino, na dose que julgamos conveniente. E isto porque, vivendo no Brasil ha muitos annos, a experiencia nos ensina a proceder assim, como tambem, que tanto as doses demaziadas como as escassas desse sal matam, a maior parte das vezes, o doente.

Aquellas produzem o envenenamento fulminante, estas, a entoxicação lenta, que leva a victima á sepultura pelo completo depauperamento das forças phisicas.

O papel-moeda é um mau remedio, mas é um remedio. E assim como o supracitado derivado da quina é um dos raros especificos de que a medicina até hoje dispõe, o papel-moeda é o unico recurso de que as nações podem lançar mão em certos e determinados casos.

E nenhuma tem deixado de pagar-lhe o seu tributo; nenhuma, uma vez tendo-se utilizado d'elle, o baniu quando e como quiz.

A propria Inglaterra, tendo-o decretado em 1797, como medida transitoria de curta duração, teve de supportal-o por largos annos e viu frustradas diversas tentativas que fez para retiral-o, até que o celebre ministro—Robert Peel, mais feliz do que os seus antecessores, o levou a cabo em 1821, mais

pela força das circumstancias felizes que se congregaram para facilitar-lhe a obra, do que por effeito do seu proprio acto.

Entretanto—devemos confessal-o—não é ao instrumento propriamente dito, mas ao mau uso que d'elle em regra se faz e principalmente ao abuso, que julgamos se dever attribuir os maiores damnos causados pelo papel-moeda. E tambem concorre para isso a calumnia, a que muitos são levados de boa fé, illudidos pelas apparencias.

Quando elle se acha em scena, ninguem mais se lembra de que o papel-moeda, em si mesmo, não passa de um effeito. Todos o convertem em causa dos males supervenientes.

Entretanto, a pag. 673 da *Historia Financeira e Orçamentaria do Imperio do Brasil*, do ex-senador Castro Carreira, lê-se o seguinte :

« Com elle fez a Italia a sua unidade ; a Inglaterra abateu o imperio de Napoleão I; a Prussia multiplicou a sua marinha e, cortando o seu territorio de estradas de ferro, constituiu-se a primeira potencia militar da Europa ; a Austria-Hungria salvou-se dos desastres e de crises coloniaes e hoje é uma nacionalidade respeitavel ; os Estados-Unidos com elle impediram o desmembramento da patria, na medonha guerra da separação ; a Republica Argentina com elle vai caminhando ; a França com esse



recurso extremo salvou-se dos desastres financeiros da cruel indemnização á Allemanha.»

Alguns desses paizes conseguiram já ver-se livres delle; outros, porém, baldados têm sido os seus esforços para conseguil-o.

E a causa disso é — não se poder resolver theoreticamente uma questão que é essencialmente pratica.

O trabalho mais completo que conhecemos a respeito do curso forçado é o de J. de Reinach, ha pouco tempo publicado.

Eis o que elle diz :

*« Un des problèmes les plus difficiles à résoudre est le retrait du cours forcé. »*

*« Tant qu'un pays soumis à ce régime se trouve, PAR SUITE D'UN EXCÈS D'IMPORTATION, débiteur de soldes considérables envers l'étranger, LE RETRAIT RESTE IMPOSSIBLE. »*

*« La pratique l'a démontré dans maintes et maintes circonstances. »*

*« En revanche, aussitôt que la balance commerciale commence à s'établir en faveur du pays où le cours est forcé, l'agio de la monnaie métallique disparaît, et sans qu'il soit besoin d'une intervention quelconque de l'autorité, le cours forcé cesse de fait; on peut dire qu'il n'existe plus. ».*

---

## XI



A fôrma pela qual o sr. Leroy-Beaulieu se referiu á circulaçãõ fiduciaria no Brasil, envolve simultaneamente diversas questões, que convém elucidar; — por isso vamos reproduzir aqui os *itens* do seu libello, referentes a este assumpto :

### 1.º

*Emquanto melhora, de dia para dia, a situaçãõ da Republica Argentina, o Brasil, pelo contrario, se deteriora sensivelmente.*

### 2.º

*Antes da Revoluçãõ de 1889, as finanças do Brasil eram prosperas, o cambio estava*

ao par, e hoje tudo peiorou, estando o cambio a  $7\frac{1}{4}$ , isto é, quasi á quarta parte do valor nominal.

## 3.º

O cambio brasileiro está sensivelmente peor do que o argentino. Emquanto este melhora, ha dous ou tres annos para cá, o primeiro tende a peiorar cada vez mais.

## 4.º

A crença de que se póde augmentar indefinidamente o papel-moeda, desde que elle seja garantido por deposito de titulos da divida publica, é a peor das illusões.

## 5.º

Póde comprehender-se um Estado com 16 milhões de habitantes, cuja metade é de negros e de indios, que tenha uma circulação de papel-moeda de 2.800 milhões de francos, representando  $\frac{4}{5}$  da circulação do Banco de França, quando a nossa população é duas e meia vezes mais consideravel que a do Brasil, e cada francez é, pelo menos, tres vezes mais rico do que a média dos brasileiros?

*E' preciso reduzir a circulação brasileira á metade, quanto muito, do que ella é hoje. Então o cambio voltará ao par.*

Vamos tentar a demonstração da facilidade com que procedeu o illustre escriptor ; — e nesse intuito submetteremos a ligeira analyse cada um dos mencionados *itens*, na mesma ordem em que estão collocados.

Pedimos a quem se der á pena de ler estes artigos, que nos desculpe a prolixidade, que, neste assumpto, é inevitavel.

Resulta do primeiro paragrapho, combinado com a idéa geral predominante em todos os outros, que o sr. Leroy-Beaulieu attribue todos os embarços financeiros do Brasil a excesso de papel-moeda. E, como ao mesmo tempo salientou que a situação da Republica Argentina melhora de dia para dia, sem, entretanto, fazer qualquer referencia á circulação fiduciaria desse paiz, — deve-se acreditar que o sr. Leroy-Beaulieu escreveu sob a impressão de que a Republica Argentina se acharia, pelo menos a este respeito, em posição realmente superior á do Brasil.

Procurando nós, porém, investigar a verdade,

deparámos a pag. 330 do «*Statesman's Year-Book*» (1897) com o seguinte artigo que esclarece a questão :

*Por uma lei de 16 de outubro de 1891 o velho Banco Nacional foi liquidado, e abriu-se em 1 de dezembro de 1891 um novo banco chamado « Banco de la Nacion Argentina » com um capital de 50 milhões de dollars.*

*Em abril de 1895 este Banco tinha 62 succursaes com 51.987.366 dollars, papel, e 58.961 dollars, ouro.*

*Ha 38 bancos particulares e 14 bancos do Estado, excluido o velho banco Nacional.*

*O balanço da « Caixa de Conversão », em 31 de agosto de 1896, mostrou que o total das notas emittidas era o seguinte, em dollars :*

<i>Bancos Nacionaes (garantidos) .</i>	117.046.150
<i>Banco Hypothecario Nacional...</i>	30.000.000
» <i>da Nação Argentina....</i>	46.000.000
» <i>Nacional (em liquidação)</i>	90.019.533
<i>Municipalidade da Capital....</i>	3.621 340
<i>Notas pequenas .....</i>	10.050.000
<i>Total.....</i>	296.737.023

*E, na mesma data, segundo a dita « Caixa de Conversão », o total em circulação era de*

**295.166.111 dollars.**

O peso (ou dollar) argentino equivale a 1\$800 da nossa moeda.

Logo, a circulação fiduciaria da Republica Argentina representa

**Rs. 531.298:999\$800.**

E esta somma, dividida pelos seus 4 milhões de habitantes, dá uma capitação de quasi 133\$000;—ao passo que a circulação fiduciaria no Brasil corresponde apenas a 50\$000 para cada um dos seus habitantes.

Procurámos ainda, encarando a questão sob outro ponto de vista, indagar, se ao facto de terem augmentado as emissões cerca de 300 %, de 1889 para cá, se deveria attribuir o juizo do sr. Leroy-Beaulieu.

Mas, a esse respeito, a situação da Republica Argentina é identica á do Brasil.

Segundo se lê a pag. 245 da obra — *Arbitrages et parités* de Ottomar Haupt (7ª edição de 1887), a emissão total, em principios de 1887, era de 84 milhões de pesos, tendo havido, portanto, em nove annos, um augmento de mais de 250 % na circulação fiduciaria da Republica Argentina.

Entretanto, não se verificaram alli circumstan-  
cias idênticas áquellas que no Brasil tornaram  
imprescindivel o augmento do meio circulante,  
nem as condições materiaes do paiz são as  
mesmas.

Na Republica Argentina, além do seu territorio  
ser muito menor que o do Brasil e a sua população  
equivalente, apenas, á quarta parte da população  
brasileira, a sua organização é diversa, e o commercio  
está muito mais concentrado na capital do paiz, do  
que no Brasil.

Da sua importação total de 1895, 86,3 %  
passaram pelo porto de Buenos-Ayres, e das  
exportações, 51,2 %.

Ao passo que, no Brasil, das rendas alfandega-  
rias, da importação, arrecadadas em 1896, couberam  
só 44 % á alfandega do Rio de Janeiro,—16 % á de  
Santos, e os outros 40 % a todas as outras.

Quanto á exportação, o porto de Santos já é  
superior ao do Rio, e temos ainda o do Pará, no  
extremo norte, muito importante como exportador  
de borracha.

Isto prova quanto se acha disseminado o com-  
mercio no Brasil;—e quanto maior é a descentralisa-  
ção mercantil maiores são as necessidades de meio  
circulante, principalmente em um paiz como este,  
onde as communicações de Estado para Estado, são

demoradas e as relações commerciaes relativamente pequenas.

Portanto, se a situação da Republica Argentina melhora e a do Brasil peiora, outras devem ser as causas desse phenomeno.

E é provavel que o sr. Leroy-Beaulieu, se considerar que a Republica Argentina diminuiu muito as suas importações de 1890 para cá, e que não tem feito remessas de ouro para o serviço da sua divida no exterior, encontre a solução desse problema na 5ª edição do seu — *Précis d'Economie Politique*, de recente publicação :

« *Le cours du change est un instrument d'une excessive sensibilité ; il avertit à chaque instant les banquiers et les commerçants d'un pays de la situation des dettes et des créances de ce pays à l'égard de toutes les autres contrées.* »

« *Le pair du change indique que les dettes entre les deux pays peuvent se compenser sans transport d'espèces ; le change favorable à l'un des pays, c'est-à-dire au dessus du pair, démontre que ce pays est en définitive créancier de l'autre ; le change défavorable à un pays, c'est-à-dire au dessous du pair, prouve que ce pays est, à l'égard de l'autre, débiteur.* »





## XII



No segundo *item* reproduziu o sr. Leroy-Beaulieu um argumento — se é que argumento se possa chamar a uma exclamação desstituida de qualquer idéa — muito vulgarisado e frequentemente empregado por aquelles que têm empenho em salientar a superioridade das antigas sobre as modernas instituições, ou por outros que, não sabendo interpretar o phenomeno, se impressionam de boa fé com o factio.

Na boca daquelles achamol-o serodio, mas comprehendemol-o, porque produz effeito sobre estes.

Nos bicos da penna, porém, de um escriptor estrangeiro, o qual nada tem que ver com a politica do paiz, que estuda sob o ponto de vista economicó, não sabemos absolutamente como qualifical-o.

O cambio, é facto, estava ao par, e chegou mesmo acima do par em 1889, mas as finanças do Brasil nunca foram prosperas durante o longo periodo em que os destinos do paiz se acharam confiados ao governo da monarchia.

Sentimo-nos á vontade para abordar esta delicada questão, exactamente porque, não nos impulsinando qualquer interesse de ordem politica, nos collocamos na posição independente do observador calmo e reflectido, que julga factos e não vê pessoas.

Fallamos a respeito do Brasil, sob este ponto de vista, com a mesma imparcialidade com que estudaríamos as cousas da China.

Temos passado neste paiz a maior parte da vida, que se acha já em seu declinio natural.

A elle temos testemunhado sempre a mais desinteressada affeição, o mais profundo e sincero reconhecimento, mas sem jamais nos envolvermos em seus negocios politicos.

Somos amigos do paiz, hoje, como amigos do paiz já eramos hontem. E hontem, como hoje, procedemos como procedem os hospedes bem educados : a despeito das franquias dos donos da casa, não ultrapassamos o limiar das portas interiores sem convite especial e na sua auzencia, nem discutimos as ordens ou praxes estabelecidas.

Recebemos provas de estima de muitos

dos homens mais eminentes do regimen passado, e ainda hoje nos orgulhamos de conservar a amizade de alguns delles.

Temos tambem a ventura de manter ininterruptas as relações cordialissimas que, desde antes do advento da Republica, nos ligam a alguns dos republicanos que esse acontecimento elevou ás mais altas posições.

Avessos por indole a negocios que dependam de favores especiaes,—não estivemos hontem nem estamos hoje, e esperamos que tambem não estaremos amanhã, em posição alguma que possa levar os nossos amigos, qualquer que seja o posto que elles occupem na politica brasileira, a considerar-nos importunos ou menos sinceros.

Por isso, repetimos, sentimo-nos a gosto tratando deste assumpto, que, entretanto, só por ser de uma importancia magna para o esclarecimento da situação economica do paiz, nos propomos a analysar.

As finanças do Brasil nunca foram prosperas, dissemos, não obstante ter-se elevado, em 1889, o cambio acima do par.

Com effeito, todos os governos anteriores, sem excepção, viveram sempre a lutar com difficuldades financeiras, que iam vencendo por meio de expedi-

entes de character transitorio e nunca conseguiram dominar de modo definitivo.

Preoccupados sempre com a baixa do cambio, que era então, como hoje é, o phenomeno que mais promptamente se manifesta e cujos effeitos mais rapida e directamente alteram as previsões orçamentarias e, conseqüentemente, as finanças do Estado, todos se viravam para o ponto donde a fumaça irrompia, sem procurarem verificar o logar em que lavrava o incendio.

E entre uma promessa de retirar o papel-moeda da circulação—promessa que nunca se realizava—e um novo emprestimo interno ou externo,—uma nova emissão, que augmentava em vez de diminuir a circulação fiduciaria, ou um augmento da divida fluctuante sob a forma de bilhetes do Thesouro—o paiz viveu sempre nas condições que o barão de Cotegipe concretisou em uma phrase felicissima, que já citámos.

Foi na Camara, na sessão de 24 de agosto de 1885, quando expunha o programma do Ministerio que havia organizado (o Gabinete—20 de Agosto) e do qual era presidente do Conselho e ministro dos Extranjeros, que o notavel estadista disse:

« Não podemos viver em provisorios,  
já disse ; não podemos viver tomando em-

prestado para fazer despesas e fazendo despesas para tomar emprestado.».

Ha, realmente, na vida pratica, tanto dos individuos como das nações, certos casos que são muito illusorios em seus effeitos immediatos e em suas apparencias. Este é um desses casos.

O proverbio diz :

« *Emprunter sans rembourser, c'est vivre sans dépenser.* ».

Mas essa posição commoda e aparentemente de riqueza, que produz a peor de todas as illusões, é sempre de curta duração.

A alta do cambio em 1888-89 preparou-se logicamente, naturalmente, do seguinte modo:

O ministro da Fazenda do alludido Gabinete— 20 de Agosto, conselheiro Francisco Belisario Soares de Souza, de saudosa memoria, levou a cabo diversas medidas financeiras, entre as quaes avultam em importancia a conversão das apolices de 6% para 5%, e dous emprestimos, um em Londres, na importancia de *Lbs.* 6.431.000,—outro interno de 50 mil contos, os quaes produziram, liquido,—o primeiro 6 milhões de *Lbs.* e o segundo

**47.309:437\$000.**

Amparado por esses recursos, tanto no interior como no exterior, claro está que não teve neces-

sidade, nem de remetter fundos daqui para a Europa afim de occorrer aos pagamentos que alli devia effectuar por conta do Estado, nem de fazel-os vir de lá para supprir a deficiencia do Thesouro na satisfação dos compromissos internos.

Ficou, portanto, o mercado de cambio livre da intervenção do governo, como tomador ou vendedor, e entregue ás necessidades reaes do commercio.

Em 1885 os saques feitos pelo Thesouro se haviam elevado a 31 mil contos e em 1886, anno em que se realizou o dito emprestimo externo, apenas subiram a cerca de 13 mil contos.

Em 85 o cambio oscillou entre  $17 \frac{7}{8}$  e  $19 \frac{1}{2}$ ; —em 86 as taxas extremas foram as de  $21 \frac{1}{16}$  e  $23 \frac{5}{8}$ .

O papel-moeda em 1885, montava á somma de 207.861:450\$000 e em 1886 á de 213.582:585\$000.

E o valor da importação foi de 197.500 contos contra cerca de 195 mil contos da exportação, em 85, e de 209.500 contos contra 263.219 contos em 1886.

Já então se agitava em todo o paiz a questão abolicionista, e o commercio, apprehensivo, restringia e não augmentava as importações.

---

### XIII



O illustre ministro da Fazenda do Gabinete —20 de Agosto era partidario decidido da retirada do papel-moeda, que fazia parte do seu importante programma de reformas.

Não obstante, já em seu relatorio de 1887 elle, ao mesmo tempo que annunciava acharem-se na Caixa de Amortização cinco mil contos destinados áquelle fim, segundo o art. 7 da ultima lei do orçamento, dizia que em consequencia de perturbações monetarias na praça do Rio e outras do imperio fôra o governo levado a emprestar ao Banco do Brasil 2.000:000\$, neutralizando, em parte, o que se tinha em vista. E em outro logar, longe de insistir na idéa predominante, aconselhava a conveniencia de ser



incluído na renda geral o producto do sello destinado á retirada do papel-moeda, podendo esta ser feita com os recursos naturaes do orçamento, quando permitissem.

Concluindo as suas considerações, disse ainda o nobre ministro acreditar que este estado de cousas não poderia melhorar sem a criação de um banco de emissão de fundo metallico.

Todos os estadistas que pretenderam enfrentar a questão do recolhimento do papel-moeda, encontraram, igualmente, difficuldades invenciveis.

O illustre ministro quiz cumprir a lei retirando cinco mil contos da circulação, mas as circumstancias levaram-n'o, pelo contrario, a augmental-a, pois, é facto que ella era de 207.861:450\$000 em 1885, e em 1886 achava-se elevada a 213.582:585\$000.

Nós havíamos previsto essa circumstancia, em alguns artigos que então publicámos em uma folha de S. Paulo.

Em 1888 foi o Ministerio Cotegepe substituído pelo Gabinete—10 de Março, presidido pelo sr. conselheiro João Alfredo.

O objecto principal do seu programma de governo foi a abolição incondicional e immediata da escravatura, que levou a cabo em breve trecho pela gloriosa lei de 13 de maio do mesmo anno.

Em seu relatório de 1888, o illustre presidente do Conselho, que era também ministro da Fazenda, disse que as condições do Thesouro apresentavam lisonjeiro aspecto, tendo desaparecido grande parte da divida fluctuante, e cessado muitas das difficuldades com que luctaram os seus antecessores, existindo nos coffres publicos o saldo de 5.200 contos e em Londres a importancia necessaria para occorrer ás despezas no exterior, pelo menos até julho.

Por outro lado, o sr. conselheiro João Alfredo communicou ás Camaras que havia contrahido, em Londres, um novo emprestimo de *Lbs.* 6.000.000, liquido, cujos titulos entraram em circulação representando o capital nominal de *Lbs.* 6.297.300.

Pois, não obstante, no mesmo relatório se lê que, tendo-se feito o resgate de 7.500 contos do papel-moeda do Estado e de 1.659:900\$000 da emissão do Banco do Brasil, o resultado fôra a escassez do meio circulante, sensível para as necessidades do commercio, e que o governo tivera de auxiliar o Banco do Brasil e o Internacional, com avultadas sommas, invalidando-se assim os esforços do governo.

Resulta destes factos, portanto, que, dentro de um período de pouco mais de dous annos, se augmentou a divida exterior do paiz com dous emprestimos

no valor nominal de *Lbs.* 12.728.300, e a interior com outro de 50.000 contos.

Em 1889 subiu ao poder o ultimo Ministerio da monarchia presidido pelo sr. visconde de Ouro Preto —o Gabinete 7 de Junho, que apenas teve cerca de cinco mezes de existencia, tendo sido surprehendido pela Revolução a 15 de novembro do mesmo anno.

Nesse curto periodo, porém, o habil estadista, aproveitando uma oportunidade feliz, conseguiu realizar em Londres um novo emprestimo de *Lbs.* 20.000.000 a 90 e juro de 4 %, para o fim de resgatar os titulos de 5 % que então se achavam em circulação, provenientes dos emprestimos de 1865, 1871, 1875 e 1886.

Foi uma operação felicissima ; mas como os ditos titulos montavam só a *Lbs.* 17.440.300, della resultou um augmento da divida externa de *Lbs.* 2.559.700.

Ao mesmo tempo o governo contrahia, com a maior felicidade, um emprestimo interno de 100.000:000\$000.

Por outro lado, sob o impulso destas circumstancias, fundava-se o Banco Nacional do Brasil, com o capital nominal de 90.000:000\$000, ouro, parte do qual, subscripto no estrangeiro;—e, finalmente, se

realizavam diversas outras operações particulares, como a venda da estrada Príncipe do Grão-Pará e outras, que determinaram a entrada de capitães estrangeiros no paiz.

E, durante os annos de 1887, 88 e parte de 89 o commercio conservou-se retrahido, receioso dos effeitos da abolição;—e o café, que se achava em baixa de preços dede 1880, começou a subir nos mercados consumidores.

Desta sorte se fez a alta do cambio:—por effeito de empréstimos no exterior e no interior;—da restricção das importações de mercadorias;—de capitães estrangeiros, de particulares, entrados no paiz;—e, finalmente, da valorisação do principal producto da exportação nacional.

Em um periodo de pouco mais de tres annos o passivo do Estado elevou-se de 150 mil contos, no interior, e de cerca de 14  $\frac{1}{2}$  milhões de *Lbs.*, no exterior. Isto quanto á divida nacional propriamente dita, porque a do paiz, essa cresceu em muito maior escala.

Como divida, devem ser computadas todas as sômmas entradas pertencentes a estrangeiros.

O passivo do Estado é uma cousa, —o do paiz é outra.

E é a confusão, que geralmente se faz a esse respeito, que induz muita gente em erro.

As palavras de H. Lefèvre a respeito da influencia dos empréstimos levantados por qualquer paiz no exterior, tanto se applicam áquelles que são levantados directamente pelos governos respectivos, como a quaesquer outros capitaes, desde que para o estrangeiro se deva remetter os seus juros ou lucros auferidos, quando empregados nas industrias ou no commercio do paiz.

E' esse o principal duende de todos os paizes novos.

Eis as palavras de Lefèvre, a que alludimos :

*« L'émission d'un emprunt à l'étranger équivaut à une exportation de produits. »*

*« Si, pendant le temps que dure l'influence de son émission et de ses versements, les affaires du pays se rétablissent de manière à s'opposer à des sorties subséquentes de numéraire, l'emprunt aura joué un rôle utile ; mais si les choses continuent comme par le passé, l'emprunt n'aura été qu'un expédient dont le résultat final sera d'aggraver la situation à laquelle il était censé remédier. »*

*« Le métal précieux deviendra rapidement plus rare dans le pays qu'il n'était avant l'emprunt. »*

---

## XIV



O mesmo auctor,— H. Lefèvre, explica que o modo de verificar se um em prestimo externo foi util ao paiz, consiste em observar se os respectivos titulos foram, dentro de um prazo mais ou menos curto, adquiridos pelo proprio paiz. No caso contrario, diz elle, o emprestimo representa uma prova de empobrecimento.

Com effeito, não se concebe facilmente, em face da razão, a idéa, que aqui se generalizou, de que se prospera quando se augmentam as dividas ou alienam propriedades.

Entretanto, salvo honrosissimas excepções, a sciencia economica, no Brasil, tem-se limitado ás funcções de saber pedir dinheiro emprestado. E é

essa a doutrina que o sr. Leroy-Beaulieu pretende apoiar com a sua incontestavel auctoridade, mas contra a qual é necessario reagir, custe o que custar.

Seguindo o exemplo quo o passado lhe fornece, o paiz caminha para inevitavel ruina, ruina que, atravez das mais illusorias esperanças, ameaça quasi sem excepção a todos os paizes novos, pois, quasi todos se deixaram fascinar com as faustosas apparencias de prosperidade, que o dinheiro alheio temporariamente produz.

« O emprestimo—disse o venerando extincto conselheiro José Antonio Saraiva, no Relatorio de 1881—é um recurso para os dias difficeis ou um meio de emprehender melhoramentos de tal influencia no desenvolvimento das industrias, que dêem uma garantia efficaz aos compromissos do Estado.»

Realmente, tudo que não seja isto é o caminho da ruina—uma ruina lenta mas inevitavel.

Entretanto, muito poucos homens do antigo regimen pensavam como o eminente presidente do Conselho do Gabinete—28 de Março.

O emprestimo tornou-se um systema, um meio ordinario, porque, ao mesmo tempo, era aquelle que mais promptamente fazia elevar o cambio e preparava a queda do successor do ministro que o contrahia.

O cambio subia temporariamente sob a influencia da entrada do dinheiro emprestado. E como os ministerios tinham em regra curta duração, aquelle que succedia ao que havia contrahido o emprestimo era quem vinha a amargar as consequencias da baixa superveniente.

O publico, sempre facil de impressionar pelas apparencias, applaudia este e censurava aquelle.

E a politica, que tudo explora, fazia passar o caso como demonstração de confiança para uns e de desconfiança para outros.

O ex-senador Castro Carreira, que não póde ser suspeito, demonstrou na sua importante obra, que já citámos,—*Historia Financeira e Orçamentaria*—que nos 58 orçamentos votados pelas camaras anteriores a 1889, se verificára o *deficit* de 758.181.792\$874.

Mas, como elle incluiu na receita a importante verba de 249.532.039\$385 proveniente de depositos, segue-se que o *deficit* real foi de 1.007.713:832\$259.

E esta somma é equivalente á importancia da divida nacional que o antigo regimen legou á Republica, a qual era em 28 de dezembro de 1889, de 1.059.499.829\$384, segundo a exposição feita do estado do Thesouro pelo conselheiro Ruy Barbosa.

A divida externa era então de cerca de 30  $\frac{1}{2}$



milhões de *Lbs*, contra 35  $\frac{1}{4}$  milhões, que é a quanto monta hoje.

A interna, com exclusão do papel-moeda, orçava em 615 mil contos e eleva-se hoje a 820 mil.

E o papel moeda, finalmente, representava pouco mais de 174 mil contos, e hoje vai a 800 mil.

Tendo-se verificado, porém, nas rendas publicas um augmento de mais de 100 %, pôde o dito augmento das responsabilidades, só por si, justificar o salto que o cambio deu de 27 d. por 1\$000 para 7 d. ?

Não temos duvida em optar pela negativa.

O que produziu a alta do agio do ouro não foi :—nem esse augmento nas responsabilidades, nem o da circulação fiduciaria.

Essa alta foi produzida, por um lado, pela desconfiança—seria loucura tentar encobril-o—e, por outro e principalmente, pelo desequilibrio do movimento monetario do paiz.

A desconfiança, já dissemos como, em grande parte pelo menos, se tem gerado e se vai arraigando no espirito do povo europeu.

Se não houvesse, porém, o supra indicado desequilibrio, ella só por si, não poderia levar tão longe os seus maleficos effeitos.

O principal factor da baixa do cambio é a crise economica, que o Brasil atravessa, cuja base é anterior a 1889.

O paiz achava-se sob a influencia de um phenomeno de egual natureza, que teve a mesma causa original :—a baixa dos preços do café, que se manifestára em 1880, quando se fez, em 1888, a abolição immediata e incondicional da escravatura.

Em 1884 dizia o sr. conselheiro Lafayette, em seu Relatorio, ser de urgente necessidade tomar-se medidas, que puzessem termo ao fatal regimen dos *deficits*.

Com elles, disse, são encerrados todos os exercicios, obrigando a contrahir empréstimos, que por muitos annos pesarão sobre o orçamento. E accrescentou:

« A regularidade das finanças, caracteriza-se pelo equilibrio *verdadeiro e real* (o grypho é nosso) da receita e despeza. O desequilibrio accusa sempre desastres, que podem ser permanentes ou accidentaes. Um paiz cheio de recursos póde em grandes commettimentos desequilibrar o seu orçamento, mera desordem na esphera das finanças, que nem significa ruina e muito menos banca-rotta. Se, porém, essa lamentavel posição é o resultado da esterilidade do seu solo, da imperfeição ou atrazo da sua industria e commercio, da anarchia ou desorganisação politica, neste caso o desequilibrio é de condição permanente, annuncia ruina e prediz a bancarrota. »

Entretanto, o conselheiro Belisario annunciava em 1886 que o exercicio anterior havia sido encerrado com o *deficit* de 35 mil contos, e que a divida fluctuante, em bilhetes do Thesouro, montava talvez á somma de 100.000:000\$000!

Já vimos de que meios se serviram os diversos governos para simular o tão desejado equilibrio :

Emprestimo externo—1883	<i>Lbs</i> . . . . .	4.599.600
Idem	1886 » . . . . .	6.431.000
Idem	1888 » . . . . .	6.297.300

e dous empréstimos internos de 150 mil contos.



E' facil balancear os diversos factores que enumeramos, em seus resultados praticos.

De um lado, encontramos-nos em face de um enorme augmento da divida publica, effectuado no curto prazo de pouco mais de tres annos.

De outro lado, é a principal das industrias do paiz, — unica fonte que lhe poderia dar recursos para solver os compromissos contrahidos, — que vemos arruinada em seus haveres e privada dos elementos de trabalho indispensaveis á sua exploração effectiva e ao desenvolvimento que poderia compensal-a das perdas supportadas.

A lavoura achava-se oberada e sem credito, em consequencia de oito annos de crise que atravessara.

O valor da propriedade rural havia baixado ao extremo, e essa propriedade representava a parte principal do dinheiro nella empregado.

A outra parte do capital ou dos recursos que o credito havia fornecido aos lavradores, elles a haviam empregado na compra dos escravos. E a totalidade destes, cuja maior parte se achava na lavoura, era avaliada, em 1888, em 500 ou 600 mil contos—quota importantissima da fortuna particular, que desaparecera num momento ao som do hymno nacional e sob flores, a 13 de Maio.

Para a lavoura, porém, o escravo não era só uma parte do emprego feito pelo lavrador. Era tambem o unico instrumento de trabalho de que este dispunha para rotear as suas terras e fazel-as fructificar.

E para o paiz, portanto, o escravo tambem não era unicamente o objecto em cuja aquisição se havia empregado, confiante nas leis do paiz, uma parte da fortuna particular dos brasileiros. E' certo que elles representavam muitas economias a custo accumuladas e muito dinheiro com difficuldade obtido á custa do credito pessoal dos lavradores. E' certo tambem que esse credito se apoiava principalmente na confiança que o credor, por um lado, e o devedor, por outro, tinham nos resultados do trabalho dos proprios escravos.

Para o paiz, porém, esse trabalhador era, antes de

de tudo e sobretudo, o unico factor da produção— não só do principal artigo do seu commercio internacional, mas tambem dos generos de que carece para o seu consumo, no interior.

A substituição dos escravos não havia, de modo algum, sido préviamente preparada. O governo, que assumiu perante o paiz tão grande responsabilidade, preveniu-se contra a eventualidade de uma baixa de cambio, que era o phantasma de todos os governos. Como vimos, apesar do lisonjeiro aspecto das condições em que encontrára o Thesouro, esse governo julgára conveniente contrahir um novo emprestimo de somma avultada, no exterior.

Procurou desse modo o governo evitar o mal immediato, mas accumulando elementos contrarios, que deviam fazel-o augmentar amanhã.

Dos meios de corrigir ou attenuar a perturbação economica, que uma medida tão radical não poderia deixar de produzir, não cogitára o governo.

Diz-se que o marquez de Pombal, surprehendido pelo terremoto de Lisboa, respondera ao rei, que lhe perguntara o que se devia fazer : « *Enterrar os mortos e cuidar dos vivos, senhor!* ».

E' um programma.

Mas o governo, que planejára e dirigira a *mise en scène* do terremoto que aluiu em suas bases a vida economica do Brasil, não sabia, após o terremoto,

nem o que devia fazer dos mortos, nem que meios devia empregar para cuidar dos vivos.

Poderá semelhante estado de cousas induzir alguém a acreditar que as finanças do Brasil eram prosperas e que era essa prosperidade que elevára o cambio ao par, como affirmou o sr. Leroy-Beaulieu?

Um juizo imparcial, não se approximaria, com mais razão, de um daquelles casos de anarchia administrativa, a que se referiu o sr. conselheiro Lafayette?

O objecto do terceiro *item* do libello do sr. Leroy-Beaulieu está comprehendido no desenvolvimento natural do precedente.

« Em quanto melhora, ha tempos, o cambio argentino, peiora elle no Brasil. »

E' naturalissimo o facto.

A gestão do governo, que em 1889 succedeu áquelle que realizou a abolição, foi demasiado curta, e não se póde absolutamente attribuir a seus actos o poder de haverem modificado as condições economicas em que elle encontrára o paiz.

Nem esses actos—começo apenas da execução de um vasto plano de reformas, que foi interrompido,—offerecem base para um juizo seguro a seu respeito.

Não vêm, pois, a proposito discutir o programma do Gabinete—7 de Junho, quando se trata de verificar o que se achava feito no momento em que a revolu-

ção entregou o paiz ás novas instituições, que actualmente o regem, e não o que se poderia ou deveria esperar da execução pratica desse programma.

O que se pôde e convém registrar é que, tendo visto e comprehendido onde se occultava a base das futuras difficuldades que ameaçavam o paiz, esse governo pôz desde logo em execução uma série de medidas tendentes a auxiliar a industria agricola.

Directamente, o auxilio consistiu em emprestimos, a dinheiro, a prazo longo ou curto, segundo as circumstancias e á escolha dos mutuarios, como meio de tirar os lavradores do entorpecimento em que os haviam deixado os factos successivamente occorridos de 1880 a 1888, isto é, entre a desvalorisação do producto da sua industria e a desorganisação do respectivo trabalho.

Indirectamente, o governo auxiliou a lavoura promovendo a entrada de immigrants aptos para substituir os antigos trabalhadores nos serviços agricolas.

A primeira destas fórmas de auxilio é, sem duvida, muito discutivel, quando empregada em circumstancias normaes. Mas o paiz achava-se, pelo contrario, em condições ultra excepcionaes, que justificam essa medida, qualquer que seja o lado por onde se queira encarar a questão.

Quando muito, poder-se-ia discutir a fórma pra-



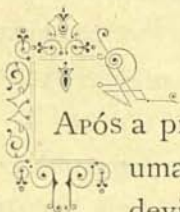
tica porque se realizou a distribuição e a especie e condições dos empréstimos. Mas deve levar-se em conta que se tratava de uma medida de ocasião e de character provisório e não de um serviço definitivo de credito á lavoura.

A reacção, nesta classe, operou-se promptamente sob a influencia desses auxilios, e á apathia em que os lavradores em geral se achavam succedeu uma grande actividade, especialmente em S. Paulo, onde a cultura do café é mais remunerativa, graças á fertilidade do seu solo.

Este movimento, que contrastava singularmente com a quietude ou esmorecimento anterior, foi ainda fortemente impulsionado pela alta dos preços do café, a qual coincidiu com aquelles actos do poder executivo. E quando o governo provisório da Republica resolveu suspender os empréstimos que estavam sendo distribuidos, os lavradores já encontraram um ponto de apoio na classe dos commissarios de café.

A reacção, que se manifestára nos mercados consumidores, fizera renascer as esperanças e a confiança entre essa classe, que tambem havia sido muito prejudicada e se achava opprimida pelos effeitos da crise. E graças a essa circumstancia puderam os lavradores proseguir na experiencia da nova phase em que a sua industria entrára.

## XVI



APÓS a proclamação da Republica, deu-se uma certa estagnação nos negocios, devida á surpresa que esse acontecimento produziu em todo o paiz. Mas, dissipada a estupefacção geral e desaparecidos os receios de perturbações da ordem publica, que a principio se temeram, elles retomaram a marcha acelerada que nos ultimos tempos haviam adquirido.

Esse movimento começára em 1889, impulsionado, a principio, sómente pela alta do cambio e pela melhoria dos preços do café;—mais tarde, porém, elle recebeu um grande impulso com a distribuição dos emprestimos á lavoura.

São anteriores a 15 de Novembro—a fundação

do Banco Nacional do Brasil,—a do Banco Constructor do Brasil—e a elevação do capital do Banco do Brasil ao triplo do que era, além de outras empresas de menor importancia.

Só esses tres estabelecimentos emittiram, em breve prazo, um capital nominal de 237 mil contos de réis ou 1.185.000 acções de 200\$000 cada uma.

E todas estas acções, das quaes, segundo se annunciou, apenas uma parte das do Banco Nacional havia sido subscripta na Europa, foram disputadas com phrenesi na praça do Rio de Janeiro, não obstante o agio relativamente grande com que algumas foram emittidas.

As do Banco Nacional, por exemplo, cuja primeira entrada por conta do capital foi de 20\$000 apenas, foram sujeitas a uma contribuição de 45\$000 cada uma, paga de uma só vez e independente de recibo;—e as do Banco do Brasil supportaram a de 40\$000, destinada ao fundo de reserva do mesmo Banco, tambem paga no acto da subscrição.

O mais modesto foi o Constructor, a cujos incorporadores foi arbitrada pela assembléa geral a gratificação de 1\$500 apenas por acção,—a titulo de indemnização—do seu trabalho com a organização do Banco. Os fundadores cederam essa gratificação em beneficio de duas instituições de bene-

ficencia :—um asylo para a infancia—e um conhecido instituto de instrucção que ha muitos annos mantem escolas nocturnas gratuitas que são frequentadas indistinctamente por alumnos de qualquer nacionalidade ou condição.

Estava lançada a semente,— o terreno estava perfeitamente preparado,—o tempo correu favoravel —e, finalmente, a estação era propicia á germinação.

Fructificou, pois, como era natural, e em consequencia produziu-se o phenomeno que se perpetuará na lembrança dos contemporaneos e na historia desse memoravel periodo, sob a denominação de— época do *ensilhamento*.

O governo provisorio, ou porque se deixasse illudir pelas enganadoras apparencias ou porque não podesse resistir á corrente e ás suggestões dos factos e dos amigos, accelerou o movimento, que deveria ter refréado.

A primeira experiencia, feita como que a medo, foi relativamente modesta : a fundação do Banco dos Estados Unidos do Brasil.

Em breve prazo, porém, elle ampliou a sua obra e surgiram, ao mesmo tempo, o Banco da Republica dos Estados Unidos do Brasil, em substituição daquelle, e os outros bancos regionaes e emissores.

Foi uma consagração e um incitamento. Dahi em diante multiplicaram-se as empresas, umas de character financeiro, outras com fins commerciaes ou no intuito de crear e desenvolver industrias, e outras, ainda, unicamente no empenho de apanhar dinheiro aos incautos.

Os annuncios de novas companhias, revelando alguns as mais phantasticas e extravagantes concepções da imaginação humana, substituiram com vantagem os das loterias, nas paginas das folhas diarias.

O capital multiplicava-se, como por encanto, parecendo que se vivia sob o enlevo produzido pela leitura da mais extraordinaria das paginas da *Historia das mil e uma noites*.

O commercio legitimo tambem se illudiu com tal apparente prosperidade e deu a maxima expansão aos seus negocios, avolumando as importações, que já não guardavam proporção alguma com os recursos naturaes do paiz.

Aos productos que habitualmente este importava, e cujo consumo augmentava dia a dia, juntaram-se os objectos de luxo—quadros de auctores celebres, mobílias de alto preço, tapeçarias ricas, carruagens, cavallos etc. etc.,—além dos mais variados machinismos, modernos e aperfeiçoados, para umas imaginarias industrias que em caso algum encontrariam condições de acclimatação no paiz, e,

finalmente, os generos que este havia cessado de produzir em quantidade sufficiente para o seu crescente consumo.

A população augmentava rapidamente, não só attrahida por essa chuva de ouro, como por effeito da immigração, mas os productos nacionaes cada vez escasseavam mais no mercado. E assim se foram exaurindo muitas fortunas particulares e até muitas economias, que representavam o unico recurso de viúvas ou orphans que ficaram reduzidos á miseria.

De uma parte desaparecia uma grande quota do capital nacional, enquanto que de outra se avolumavam as causas do desequilibrio no movimento internacional, que havia forçosamente de originar a baixa do cambio, que está acabando de aniquilar o paiz.

Mas este caso não é original. E para se poder attenual-o em seus effeitos, é absolutamente indispensavel conhecel-o bem em suas causas determinantes. Só assim, tambem, se poderá evitar, não diremos em absoluto, a sua reproducção, mas, pelo menos que, de futuro, elle assuma identicas proporções.

Foi do mesmo modo que se originou a crise da Republica Argentina.

Este paiz avolumou as suas responsabilidades em ouro, desproporcionalmente, dentro e fóra do

paiz em um periodo relativamente curto, isto é, de 1882 a 1887.

Naquelle anno as suas dividas no estrangeiro, orçavam apenas em cerca de nove milhões de *Lbs.*, e em 1887 já se achavam elevadas a mais de 20  $\frac{1}{2}$  milhões, além das provinciaes, que foram crescendo tambem e já subiam approximadamente a 14  $\frac{1}{2}$  milhões.

Tendo contrahido um emprestimo em 1871, a Republica Argentina só em 1881, isto é, com um intervallo de 10 annos, realizou outro na Europa. Mas a este succederam os de 1882, 1884 e 1886, cada qual maior do que o precedente.

O movimento da divida interior, em ouro, não teve menor expansão. E em 1885 já ella orçava por 63 milhões de pesos, cerca de 12  $\frac{1}{2}$  milhões esterlinos, sem fallar na emissão de *cedulas hypothecarias* (letras) garantidas pelo Estado. A emissão de taes titulos assumiu proporções colossaes e grande parte foi collocada nas praças européas.

O novo Banco Hypothecario Nacional, cuja emissão auctorizada era de 50 milhões de pesos, ouro, só havia emittido, até fevereiro de 1887, cedulas no valor de 6 milhões. O Hypothecario Provincial, porém, excedeu tudo quanto a imaginação mais fertil poderia conceber.

A primeira série da sua emissão elevou-se a

9. 405.000 pesos, sendo muito modestas as tres seguintes, cujo total subiu a 552.000 pesos apenas. Mas as outras foram subindo em um admiravel crescendo, que a seguinte tabella patentéa :

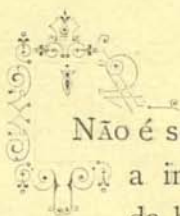
Serie	E.....	13.000.000	pesos
»	F.....	13.841.000	»
»	G.....	13.837.000	»
»	I.....	19.568.000	»
»	J.....	25.000.000	»
»	K.....	30.000.000	»

A emissão de cédulas, por esses dous bancos, elevou-se, pois, ao enorme total de 131.803.000 pesos, equivalente a 237.245.400\$000 da nossa moeda, parte em ouro, ao par.





## XVII



NÃO é sómente em terras americanas, sob a influencia, de um lado, do calor e da humidade e, de outro, da idéa de enriquecer depressa que, naturalmente, domina os habitantes adventicios dos paizes novos, — que se produzem phenomenos desta natureza.

Sem sahir do seu rico paiz nem ter necessidade de se transportar a remotas éras, o sr. Leroy-Beaulieu encontra um simile dos *ensilhamentos* do Rio de Janeiro e de Buenos-Aires, nos acontecimentos de Paris, posteriores á guerra de 1870.

Ahi surgiram, da noite para o dia, sociedades e empresas taes como : — *Le Crédit général français* — *Le Crédit de France* — *La Banque de Ly-*

*on et de la Loire—L'Union générale—LA CÉLÈBRE UNION GÉNÉRALE ET SES ENFANTS—La Banque des pays autrichiens—La Banque des pays hongrois—* e outras semelhantes.

Quem se der ao trabalho de procurar entre essas e aquellas, que se fundaram no Rio de Janeiro, as respectivas *reciprocas*, não deixará de encontral-as.

Até na historia do credito agricola em França, ha uma certa analogia com o que aqui se tem passado a esse respeito.

E' que a França exerce e sempre exerceu grande influencia sobre este paiz *semi-barbaro* cujo menor defeito não é, certamente, a insistencia que emprega em imitar muitas das cousas daquelle.

A transplantação de usos e costumes,—leis e praxes, theorias e praticas,—boas ou más—que os francezes adoptam, é uma preocupação muito generalisada no Brasil. E isso o prejudica muito, não porque a França e os francezes não possuam cousas e qualidades dignas de serem imitadas, mas porque o mal é sempre mais facil de acclimatar do que o bem.

O *boulevard* é muito mais accessivel ao imitador vulgar ou fatuo, do que o *faubourg Saint Germain*.

E a litteratura barata ou *boulevardienne* assim

como a imprensa a tanto por linha não só estão mais ao alcance do vulgo, como, em regra, o impressionam mais.

Para o simile dos acontecimentos ser perfeito, até o proprio governo francez se deixou illudir pelo phenomeno de apparente prosperidade que todos os *ensilhamentos* do mundo produzem.

Confiante na permanencia dessa falsa riqueza, o governo abalançou-se a realizar custosos melhoramentos, que determinaram despezas superiores aos recursos normaes do Estado.

E assim concorreram os poderes publicos da França para a crise que, não obstante o successo da exposição de 1878, começou a dar signaes de si em 1880, se a memoria nos não é infiel, e explodiu em 1882. Em 1887 ainda essa crise se não achava de todo liquidada.

A differença que ha entre essa e a do Brasil ou a argentina está apenas na fórma exterior, isto é, no modo de se revelar, sobretudo em relação ao movimento monetario internacional, o qual, graças a duas circumstancias excepcionaes que já explicámos, só em casos extraordinarios é affectado de modo mais sensivel em França. Por exemplo: nos casos de guerra ou de grandes convulsões intestinas.

Então os diversos factores se colligam para

conjunctamente operarem o desequilíbrio desse movimento: remetem-se para o exterior todos os capitães disponíveis;—os títulos da dívida nacional para lá são igualmente enviados;—cessa o movimento das indústrias no interior e, igualmente, o do commercio.

Por outro lado, o paiz é obrigado a realizar despesas extraordinarias e deixa de receber o forte subsidio monetario que, annualmente, lhe levam os visitantes estrangeiros.

Fóra disso, sendo os juros da dívida pagos no interior, só esse subsidio é sufficiente para compensar qualquer *deficit* que, temporariamente, se verifique no jogo das permutas internacionaes do paiz, e o cambio permanece sem alteração.

Na America succede o contrario: é elle que dá o primeiro signal do desequilíbrio.

A esse respeito são identicas as condições do Brasil e da Republica Argentina, como de todos os outros paizes.

O cambio foi favoravel á Argentina, de 1882 a 1887, enquanto durou a influencia dos emprestimos que esse paiz contrahiu no exterior.

Construíram-se cidades e palacios, portos e avenidas, tudo com fausto e gosto pouco communs nesta parte do continente americano.

O commercio tomou grande desenvolvimento assim como as indústrias.

Construíram-se estradas de ferro e as terras se valorisaram.

A immigração de braços e de capitaes, attrahidos por essa prosperidade, crescia de dia para dia, parecendo assegurar ao paiz a perpetuidade desse bem estar.

Entretanto, já em 1887 principiaram a manifestar-se as difficuldades financeiras do Estado, e elle lançava mão de um recurso extraordinario :—contrahia na Europa um emprestimo a prazo curto, representado por *bonds* do Thesouro e a juro de 9 %.

Começou então a subir o agio do ouro e em 1890 deu-se a derrocada, como diz o sr. Leroy-Beaulieu.

O agio subiu acima de 400 %

O movimento simultaneo, no Brasil, foi em sentido contrario.

De 82 a 87 o cambio foi desfavoravel por causa da baixa dos preços do café. Apenas em 83, sob a influencia de um emprestimo de *Lbs.* 4.000.000, elle experimentou alguma melhora, mas, cessada essa influencia, tornou a baixar.

Em 85 chegou a  $17 \frac{5}{8}$ , e só melhorou em 86 quando se realizou um novo emprestimo.

Chegou-se a pensar, muito a serio, na conveniencia de se alterar o padrão monetario do paiz, fixando-o em 24 d. por 1\$000.

A' proporção, porém, que se foi accentuando a crise argentina, foram melhorando as condições do Brasil, e os capitalistas europeus, tendo desapparecido aquelle freguez do mercado, começaram a olhar com mais attenção para este paiz, animados principalmente pela alta do café.

Tambem concorreu muito para firmar o seu credito, nesta occasião, a fórma porque se levou a cabo a lei da emancipação. Dissiparam-se os receios que havia de que essa medida provocasse grandes perturbações da ordem publica, a exemplo do que succedera em outros paizes. E isso concorreu muito para o movimento de entrada de capitaes estrangeiros, que elevou o cambio, em 88 e 89, ao par e acima do par.

O movimento contrario era fatal e absolutamente inevitavel, quaesquer que fossem os esforços empregados para esse fim. E o desequilibrio, em taes casos, é sempre tanto maior quanto mais duradoura houver sido a situação que o precedeu e durante a qual se foram insensivelmente accumulando as suas causas. Basta uma perturbação de ordem politica ou economica para determinál-o.

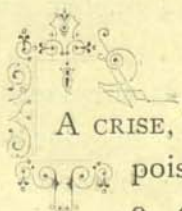
A escassez da produção ou a baixa de preços dos productos são phenomenos accidentaes, mas que se produzem infallivelmente, de tempos a tempos, e ninguem descobriu ainda o modo de evital-os.







## XVIII



A CRISE, na Republica Argentina, attingiu, pois, o seu periodo agudo em 1890, e desde então, consequentemente, entrou na phase que se chama de liquidação.

Naquelle anno o valor official da sua importação de mercadorias ainda subiu a 142.241.000 pesos, ouro, contra 100.819.000, valor da exportação.

Mas no anno seguinte, 1891, a importação baixou a 67.207.000 pesos, ouro, ao passo que a exportação, pelo contrario, subiu a 103.219.000 pesos, ouro.

Nos annos seguintes a exportação tem deixado saldo sobre a importação, como se verifica pelo seguinte quadro :

## VALOR OFFICIAL, EM PESOS—OURO

<i>Annos</i>	<i>Importação</i>	<i>Exportação</i>
1892	91.388.000	112.693.000
1893	96.224.000	94.090.000
1894	92.724.000	101.249.000
1895	94.856.000	118.937.000
1896	112.058.000	115.670.000

Tornaram-se assim menores os pagamentos no exterior, e por esse facto, sendo menor a procura de ouro, tem o respectivo agio baixado, independente de qualquer outra medida.

Nem se retirou papel-moeda da circulação;—as dividas nacionaes não diminuíram de valor;—nem, finalmente, foram os orçamentos equilibrados.

E é isto e isto sómente que desejamos evidenciar, não no intuito de deprimir o credito da Republica vizinha e amiga, mas para patentear quanto foi injusto com o Brasil o sr. Leroy-Beaulieu, e quanto se illudem aquelles que ao excesso da circulação fiduciaria attribuem a queda do cambio.

Essa circumstancia não é devida senão ao desequilibrio entre o valor da exportação, que é o unico ouro do paiz, e os pagamentos que se devem realizar no exterior, por conta do Estado ou de particulares, os quaes só em ouro se podem effectuar.

Em outro lugar demonstrámos já que a divida

nacional argentina augmentou e não diminuiu de 1890 para cá, e que a circulação fiduciaria nesse paiz era de 84 milhões de pesos, em 1887, e se elevava, em 1896, a mais de 295 milhões. A unica cousa que diminuiu foi a importação.

As convicções que temos a respeito deste assumpto provém, como dissemos, da propria observação dos factos, durante cerca de 30 annos de pratica.

Se, porém, estivessemos ainda vacillantes, o exemplo da Republica Argentina nos teria dissipado todas as duvidas.

A crise que o Brasil atravessa é, em seus delineamentos geraes, identica á que se manifestou em 1890 naquelle paiz.

Divergem ellas apenas em suas causas determinantes, sendo differentes tambem os incidentes que a essas causas se aggregaram, ora entorpecendo-as em sua marcha, ora accelerando-as. No fundo, porém, o caso é o mesmo.

A base da crise foi a desorganisação do trabalho agricola, consequente á lei de 13 de Maio.

Os effeitos desse acontecimento foram por muito tempo dissimulados, e só em 1896 se patentearam em toda a sua evidencia. Mas a sua historia é facilima de reconstituir.

O governo de 1888—disse o ministro da Agri-

cultura na circular que expediu na mesma data da lei,—«estava persuadido de que essa solução radical do problema tão urgente não traria nenhuma perturbação grave ao trabalho».

Illudiu-se. Entre outras causas, se deveria ter em vista que, tendo-se dado nos ultimos annos grande movimento de transferencia de escravos das provincias do norte para as do sul—S. Paulo e Rio, principalmente,—era natural que a maior parte dos que se achavam empregados na lavoura destas provincias, uma vez livres, preferissem voltar para a terra onde haviam nascido ou estavam habituados. Não havia razão alguma para desejarem permanecer num paiz inteiramente novo para elles e ao qual nem a identidade dos costumes os prendia.

Tornou-se necessario, pois, recorrer á immigração para preencher os claros que a ausencia dos libertos deixára nas extensas lavouras das ditas provincias.

E o governo, agindo de conformidade com as circumstancias, lançou mão do unico systema que poderia fornecer rapidamente a quantidade de braços que eram necessarios para o aproveitamento dessas lavouras: resolveu pagar as passagens dos immigrants.

Esse pagamento, porém, feito a companhias de navegação estrangeiras, é realizado em ouro.

Cada immigrante introduzido no paiz, portanto, equivale á importação de uma certa quantidade de mercadorias. E como esses immigrantes, enquanto se não radicam no paiz, remetem para a patria donde procedem as economias que apuram, as sommas que assim se escoam annualmente representam papel identico em relação á economia nacional. A totalidade dessas sommas—as que o governo paga pelas passagens e as que os immigrantes remetem para seu paiz natal — representa, pois, como dissemos, uma importação de mercadorias que não pagam direitos, a não ser que se prefira consideral-a um tributo pago pelo paiz ao estrangeiro, sobre a sua propria produção.

Por outro lado, cessaram as culturas de cereaes, que os cultivadores de café mantinham no regimen do trabalho escravo e que davam, pelo menos, para o consumo do paiz, mas que lhes não convem continuar a cultivar com trabalhadores livres e salarios altos.

Entretanto, o consumo desses mesmos artigos cresceu muito, em virtude do augmento da população, e o paiz é obrigado a compral-os ao estrangeiro, avolumando a sua importação ja alterada para mais pelo accrescimo de consumo de outros generos de primeira necessidade, que não produz e sempre importou, e daquelles que o desenvolvimento da civilização tem tornado necessarios.

Em taes condições o desequilibrio era fatal.

Por um lado, accresceram aos encargos ordinarios do Estado, a despeza com o serviço do augmento verificado na divida nacional e a despeza que faz com a immigração; por outro entraram em scena diversos factores desconhecidos, concorrendo conjunctamente para alterar, em prejuizo do paiz, a sua balança commercial.

Aos poderes publicos cumpria prevêr esta situação e providenciar de conformidade.

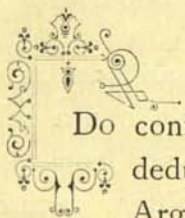
A sorte de um paiz não póde nem deve ficar entregue aos azares da iniciativa particular, especialmente quando, como aqui em regra succede, essa iniciativa raro se manifesta em tal sentido.

A Allemanha transformou-se em pouco tempo de paiz consumidor em exportador de assucar, graças á maneira porque officialmente se acoroçoou a cultura da beterraba.

Facto identico se verificou em tempo na Republica Argentina, em relação ao trigo. E este paiz, ainda ultimamente, resolveu conceder premios aos cultivadores de café e de cacáo.

Infelizmente todos se deixaram illudir pelas apparencias, e só com a baixa de preços do café se evidenciou a situação, tal qual ella é em sua acabrunhadora realidade.

## XIX



Do confronto das circumstancias expostas deduz-se logicamente que, na Republica Argentina, tendo o agio do ouro subido a mais de 400 %, agora se está verificando a baixa em marcha progressiva, independente de qualquer intervenção do Estado, e muito menos de haver diminuido a circulação fiduciaria. E que, no Brasil, nem a alta do cambio em 1889 correspondia a uma situação economica satisfactoria, nem a baixa actual é motivada por excessivas emissões.

A crise argentina entrou em periodo de liquidação ha sete annos e acha-se agora naquelle que se pôde denominar—periodo de remissão.

O cambio vai melhorando á proporção que



os compromissos do commercio vão desaparecendo e menor se vai tornando o desequilibrio do movimento monetario do paiz com o exterior.

A crise brasileira, pelo contrario, só ha pouco attingiu o periodo agudo. Ella estava latente, mas só a baixa de preços do café, que reduziu a um terço o valor do principal producto da exportação do paiz,—fêl-a explodir.

Deu-se repentinamente uma grande redução nos recursos com que o commercio contava e quando este havia já assumido compromissos relativos a esses recursos.

Emquanto, pois, não forem liquidadas as differenças, o cambio tende a baixar e não a subir, e a liquidação não póde deixar de ser lenta, porque as condições do paiz não permitem reduzir de chofre a importação, nem esperar um augmento rapido no valor da exportação.

O papel-moeda, em taes casos, conserva-se absolutamente extranho ao movimento.

O que rege este phenomeno é uma lei que o sr. Leroy-Beaulieu nos faz conhecer perfeitamente concretizada nas seguintes palavras, que traduzimos de uma das suas obras :

*Quando o cambio está ao par indica que os pagamentos entre os dous paizes se podem compensar independente*

*da remessa de moeda ;— o cambio favoravel a um paiz prova que esse paiz é credor de outro ; e, quando desfavoravel, prova exactamente o contrario.*

Se tivéssemos ouro como meio circulante não se daria, é certo, a baixa do cambio. Seria exportada a propria moeda, que desappareceria completamente da circulação. A crise, nesse caso, revesteria uma fórmula differente, mas nem por isso seria menos prejudicial ao paiz, que, afinal, não teria outro expediente além da decretação do curso forçado.

A historia de todos os paizes do mundo está cheia de ensinamentos a este respeito.

*« Lorsque, d'une façon normale, un pays importe plus qu'il n'exporte de produits, il est bien évident qu'il ne peut balancer son compte que par l'envoi au dehors de métaux précieux.*

*Si la sortie de ceux-ci est continue, il arrivera un moment où ce qui en restera deviendra insuffisant aux besoins de la circulation, et finira même par disparaître à peu près complètement.*

*Dans ces conditions, il sera impossible d'acheter du change ».*

E' isto o que, sobre este assumpto, se lê a pag. 942 do 1.º volume do *Dictionnaire des finances de M. Léon Say*.

E' ainda nessa importantissima obra e no mesmo volume, a pag. 1.348, que se lê o que segue :

*« Les crises sont des phénomènes qui ont toujours attiré l'attention des économistes, mais elles n'ont été bien étudiées que depuis une vingtaine d'années, et la connaissance des lois auxquelles elles obéissent est encore peu répandue. Une crise peut être définie : l'arrêt de la hausse de prix, quelles que soient l'intensité du phénomène et les circonstances dont il est environné; il n'y a pas autre chose. ».*

O auctor do magistral artigo donde extra-himos estas palavras, explica detalhadamente o mecanismo pratico das crises e demonstra que paiz algum conseguiu ainda esquivar-se á lei fatal que as determina.

Ainda mais, elle prova á evidencia, com a rigorosa observação dos factos, que ellas se reproduzem mais ou menos periodicamente, e conclue que, não obstante os males de toda a especie

que occasionam durante o periodo de sua liquidação, as crises são inevitaveis e de algum modo até necessarias. E isso mais uma vez se evidencia a quem estudar com attenção os factos, quer em relação á Republica Argentina, quer em relação ao Brasil, sendo muito justificavel a previsão de que, daqui a alguns annos, se tornará a reproduzir a situação anterior.

O Brasil não tem feito nem poderia fazer excepção á regra tanto mais tendo predominado sempre entre os seus homens publicos a falsa crença de que sê devem entregar á theoria, quando só a pratica deveria e poderia dictar a lei. Mas é tal a influencia reflexiva desse systema que, mesmo entre os homens de negocios, se vê com frequencia quem pretenda resolver por theorias, ás vezes as mais phantasticas, problemas que só praticamente são susceptiveis de solução, ou procurar por taes theorias explicar phenomenos que só a observação dos factos póde desvendar. E foi assim que alguns desses homens, prejudicando-se, concorreram involuntariamente para aggravar a situação em 1896.

Entretanto, ainda hoje se discute entre elles o modo porque se formou a rede em cujas malhas elles proprios se deixaram apanhar, o que prova o pouco habito que possuem de apreciar os variados casos que frequentemente se verificam na

pratica, sob a acção dos methodos do commercio moderno.

A intervenção de especuladores nacionaes no mercado de cambio, em 1896, não só a elles causou grandes prejuizos. Foi uma das causas da precipitação da queda do cambio, exactamente num momento em que todos contavam com a alta. Com effeito, foi a primeira vez que se verificou uma baixa de cambio coincidindo com o embarque da maior força da safra, e, ao que parece, ainda geralmente se não conhecem as causas que determinaram esse phenomeno.

Entretanto, a sua previsão não escapou ao commercio estrangeiro, que operou em sentido contrario e ganhou enquanto o nacional perdia.

Não constou, pelo menos, que se houvessem verificado prejuizos de capitaes estrangeiros, com a baixa do cambio em 1896.

Um banco, cuja direcção accusou em seu relatorio apresentado aos accionistas, em Londres, uma perda avultada em negocios de cambio no Brasil, foi, salvo erro, a unica excepção. Esse estabelecimento perdeu approximadamente *Lbs.* 40.000.

Mas, verificado o caso, esse prejuizo foi proveniente da compra de cambiaes a individuos que não lh'as entregaram: e isso é um caso especial

Não se póde em absoluto dizer que tal prejuizo haja sido verificado propriamente no negocio de cambio.





EXPLICADAS, como deixámos, as causas pelas quaes — « o cambio brasileiro está sensivelmente peor que o argentino », resta analysar os tres ultimos quesitos da accusação do sr. Leroy-Beaulieu.

Naquelle que collocámos em 4º lugar disse o illustrado escriptor « que é a peor das illusões acreditar que se póde augmentar indefinidamente o papel-moeda, desde que elle seja garantido por deposito de titulos da divida publica ».

Estamos de accordo, absolutamente de accordo com essa opinião. Mas, no Brasil nem se tem tratado ou se cuida em augmentar indefinidamente o papel-



moeda, nem elle é garantido por qualquer deposito de titulos da divida publica ou outro.

Isto prova que o sr. Leroy-Beaulieu absolutamente não estudou o caso nem as circumstancias que o cercam. E as condições do Brasil a este respeito são excepçionaes, pois não conhecemos paiz algum onde ellas sejam completamente identicas.

Parte do papel-moeda, que actualmente se acha em circulação, foi, com effeito, primitivamente emittido pelos bancos emissores sobre deposito de titulos da divida publica ; — mas ha muito foi casada a esses bancos a faculdade de emittirem ; — foram encampadas pelo Estado todas as emissões feitas, — e, finalmente, recolhidos os titulos que as garantiam.

A totalidade da circulação existente é, pois, como se houvesse sido emittida directamente pelo Estado e apoia-se unicamente no credito deste.

Assumindo, em taes condições, a responsabilidade das notas emittidas pelos bancos, o governo attendeu a conveniencias de ordem muito elevada, a saber: — em primeiro logar fez estancar as emissões ; — depois prestigiou com o credito nacional essas notas, pois é facto que, não obstante ellas serem desde o começo garantidas pelo Estado—que auctorisára a sua emissão e lhes déra curso forçado — o publico via com desconfiança algumas dellas e

mostrava reluctancia em recebê-las ; — e por outro lado, recolhendo os titulos que garantiam as ditas notas, fez cessar a despeza que o Estado fazia com os respectivos juros. Além disso desapareceu um motivo permanente de confusão, que levava uma parte do publico a duplicar o valor da responsabilidade do Estado — considerando no passivo nacional, separadamente, o valor dos ditos titulos e o das emissões bancarias.

Foi, portanto, um remedio e o melhor que as circunstancias permittiam ao insuccesso do funcionamento pratico dos bancos emissores. É o accrescimento que dessa operação resultou na circulação fiduciaria do Estado não representa um recurso de que este houvesse lançado mão para cobrir *deficits* orçamentarios.

Em muitos paizes tem-se lançado mão desse expediente, e isso constitue uma das causas principais, senão a principal, de todos hoje condemnarem o papel-moeda do Estado.

A facilidade de emissão tem conduzido alguns governos ao abuso do emprego desse expediente, e por isso todos hoje o temem e maldizem. O governo brasileiro, porém, não deu ainda provas de possuir essas tendencias.

O papel-moeda que se emittiu durante a revolta de 93 foi posteriormente recolhido, e depois disso só

se realizou a emissão de cem mil contos, para converter igual somma de *bonus*,—outro caso em que se tratou de remediar, *si bien que mal*, um erro legislativo praticado na melhor das intenções.

Realmente não pôde haver, em theoria, idéa mais sympathica do que seja a protecção á industria nacional.

Na pratica, porém, os resultados nem sempre correspondem aos sacrificios que se fazem nesse intuito, e o facto a que nos referimos está nessas condições.

Em definitivo, pois, não se pôde dizer que o governo brasileiro se ache possuido da crença de que é possível augmentar indefinidamente o papel-moeda, como podem ser levados a acreditar os leitores do *Economiste Français*.

Vem em seguida o 5º quesito que, embora se prenda ao anterior, exige particular attenção, não só pela fórma cavillosa que o sr. Leroy-Beaulieu empregou para evitar um confronto desfavoravel á Republica Argentina e contrario a suas proprias conclusões, mas tambem por comprehender este quesito a parte mais interessante do assumpto.

E' superabundante a circulação actual no Brasil?

Nós affirmamos o contrario e vamos tentar proval-o, acreditando havermos já demonstrado que

não é ao volume da circulação que se deve attribuir a baixa do cambio.

Antes de tudo, porém, deve-se salientar esta circumstancia: a situação da Republica Argentina, a respeito de circulação fiduciaria é sensivelmente peor do que a do Brasil, mas o sr. Leroy-Beaulieu, illudindo a questão, por vontade ou por descuido, deixou em paz o papel-moeda que circula naquelle paiz e pretendeu comparar a nossa com a circulação do Banco de França!

Preferiu, como se vê em nosso XI artigo, fazer uma exclamação um tanto melodramatica e nada util ao esclarecimento de um ponto tão importante, a fazer o seu estudo e explical-o convenientemente.

A circulação fiduciaria na Republica Argentina eleva-se, como já vimos, a

**295.166.111 pezos**

Reduzida á nossa moeda, aquella somma equivale a

**Rs. 531.298:999\$800**

E dividida pelos 4 milhões de habitantes do paiz, dá para cada um a quota de

**Rs. 132\$820**

O papel-moeda brasileiro monta a

**Rs. 800.000:000\$000**

mas a população do paiz é de 16 milhões e a capitação correspondente é apenas de

**50\$000**

Se fizermos a conversão em *frs.*, ao par, encontraremos cerca de 138 francos para cada brasileiro,—368 para cada argentino.

Julgamos, portanto, dever deixar ao proprio sr. Leroy-Beaulieu o encargo de procurar a relação que ha entre a circulação de papel-moeda dos dous paizes e a do Banco de França, e passar a expôr em que se funda a nossa opinião.

---



NÃO cabe na estreiteza dos limites destes artigos um estudo completo da these que sustentamos. Por isso, enunciando os principios a que subordinamos as nossas conclusões, entregamos a questão ao estudo dos homens competentes, aos quaes incumbe esclarecel-a.

Fomos levados repentinamente e sem o esperarmos a escrever este pequeno trabalho.

Não possuíamos uma unica nota préviamente colhida,—não tivemos tempo de organisar qualquer especie de plano.

Elle apenas traduz, portanto, as idéas que temos accumulado atravez da vida pratica, as quaes

procuramos firmar em opiniões e exemplos que encontramos nos livros que temos mais á mão.

A circulação fiduciaria, que existia no tempo do imperio, era já então reconhecidamente escassa para as necessidades do commercio interior.

Alguns exemplos que já citámos do mallogro de varias tentativas que se fizeram para reduzi-la, mesmo em pequenas proporções, o provam á evidencia.

Muitos outros exemplos poderíamos juntar a esses.

A Commissão Parlamentar de Inquerito, de 1885, em seu importante Relatorio apresentado ao Corpo Legislativo, ao mesmo tempo que condemna o papel-moeda, (tambem nós o condemnamos — não nos cansaremos de repetil-o para não sermos victimas outra vez de peccados que não commetemos) assignal-a a circumstancia de — « se sentir em épochas periodicas — falta de numerario nas diversas praças do imperio, originando crises que, apesar de transitorias, são nocivas ao commercio e ás industrias. »

As causas desse phenomeno são conhecidissimas.

Todo o movimento financeiro do paiz estava, pôde-se dizer, concentrado na capital. Ahi se

achava, portanto, localisada a quasi totalidade do meio circulante.

As provincias não tinham vida propria.

As do sul — especialmente Rio, Minas e São Paulo — as mais productoras, liquidavam todos os seus negocios na praça do Rio de Janeiro.

Para ahi remetiam os seus productos, ahi realizavam as suas compras.

A lavoura, unica classe productora do paiz, não tendo salarios a pagar, não retinha qualquer porção de numerario, ao seu serviço, no interior. O pagamento das pequenas despezas que ahi realizava, fazia-o ella por meio de ordens sobre seus correspondentes.

Quando principiou o movimento da exportação pelo porto de Santos e durante muitos annos até, os exportadores pagavam aos commissarios, o café que compravam, em saques a 30 d/v sobre a praça do Rio de Janeiro.

Sómente algumas praças do norte mantinham relações directas com a Europa, mas sem independem completamente do centro. Aquellas que, como o Pará e Bahia, não remetiam para o sul os seus productos, era, comtudo, da praça do Rio que recebiam, pelo menos, a maior parte dos recursos para o seu movimento. O serviço bancario em algumas dessas praças era feito principalmente pelas



caixas filiaes do Banco do Brazil; e ao centro vinha, portanto, parar, pelo menos, uma parte das cambias provenientes da exportação dessas provincias. E era nas épochas das colheitas annuaes que se dava um deslocamento de numerario, motivado pelas remessas que do Rio se faziam para o norte, destinadas, ora á compra dos productos de umas, ora á de cambias nas outras.

Era essa circumstancia que produzia periodicamente, todos os annos, a alludida falta de numerario em algumas praças do paiz, especialmente na do Rio de Janeiro. Diversas crises se originaram desse facto e reclamaram a intervenção do governo e emissões subsidiarias.

Os acontecimentos successivos de 1888 e 1889 transformaram por completo este estado de cousas.

Entretanto, parece que essa transformação ainda não é bem aquilatada em seus mais immediatos effeitos, mesmo no interior e, muito menos, no exterior.

Poucos são, na verdade, os que percebem as consequencias desses acontecimentos em toda a sua extensão.

Muitos acreditam que persistem ainda as circumstancias que até 1889 davam fóros de verdade a um aphorismo aqui muito vulgarisado: « *Do Brasil, o Rio de Janeiro.* ».

Entretanto, as cousas mudaram completamente, — profundamente.

Por um lado temos a alteração que se operou no mecanismo pratico da industria agricola, só por si sufficiente para subverter essa ordem de cousas; por outro, veiu a transformação politica e administrativa de 1889 completar em seus effeitos essa subversão. E essa obra está muito adiantada, embora os proprios interessados ainda não interpretem o acontecimento do modo mais conveniente aos interesses communs.

O lavrador, após a emancipação, constituiu-se um industrial como outro qualquer. Até 1888 elle nada ou quasi nada comprava, porque, além da cultura que constituia o objecto principal da sua exploração agricola, cultivava tudo mais em quantidade sufficiente, pelo menos para consumo do pessoal que empregava em seus serviços e muitas vezes ainda vendia sobras.

Procedia do mesmo modo em relação á criação. Isto porque não pagava salarios, o que não quer dizer, como muitos acreditam, que fosse gratuito ou muito barato o trabalho escravo. O salario, ás vezes até muito caro, especialmente nos ultimos tempos quando os escravos validos eram vendidos por preços elevados e os juros regulavam 15 e 18 % ao anno,—era pago pelos lavra-

dores sob a fórma de premio do dinheiro que tomavam emprestado. A differença consistia em não realizarem pagamento directamente aos trabalhadores, como hoje acontece.

De então para cá tudo mudou.

Além desse pagamento, não convindo ao lavrador tratar de outras culturas diversas daquella que é o objecto especial de sua exploração nem occupar-se com a criação de animaes, elle compra tudo o que carece a peso de dinheiro. E os salarios devem ser pagos regularmente, sob pena de vêr os seus serviços abandonados.

Em summa, a industria agricola exige hoje um capital de movimento como todas as outras industrias. E não ha exaggero calculando-se que só no Estado de S. Paulo se acha hoje empregada, nesse serviço e em constante movimento, somma superior á do papel-moeda que circulava em 1889. Isto sem fallar nas economias dos colonos, guardadas de uns annos para outros, na esperanza de poderem transferil-as mais tarde, a melhor cambio, para o seu paiz natal.

A grande cultura de café em S. Paulo é em sua quasi totalidade roteada por trabalhadores estrangeiros e a somma que annualmente se gasta em salarios é superior a cem mil contos de réis.

O Estado de S. Paulo hospeda hoje pelo

menos, 800 mil imigrantes, muitos dos quaes já possuem peculio relativamente avultado.

A totalidade desses peculios representa uma grande somma que se conserva completamente fóra da circulação.



## XXII



Ao mesmo tempo que se transformavam tão radicalmente as condições da lavoura, expandia-se o commercio de um modo extraordinario, subdividindo-se por todos os Estados, como a nova ordem de cousas não poderia deixar de determinar.

Basta considerar que as rendas da importação, que em 1889 pouco excederam de 90 mil contos, se elevaram em 1896 a 246 mil, e que a arrecadação, que até áquelle anno se fazia em sua maior parte na alfandega do Rio de Janeiro, foi distribuida de modo que a esta apenas coube cerca de 44 %. Seguiu-se a alfandega de Santos com 16 % approximadamente, e os restantes 40 % foram cobrados nos outros Estados.

O commercio de importação nas provincias era muito limitado.

Entretanto, em 1896, o valor official da que se realizou sómente pelo porto de Santos subiu a 186 mil contos,— inferior ao valor commercial, por haver vigorado para aquelle calculo a taxa de 12 d. por 1\$000, e terem sido peiores as taxas que regeram as transacções no mercado.

A exportação não soffreu menor impulso, pois só S. Paulo exporta hoje cerca de cinco milhões de saccas de café, que, mesmo aos preços actuaes, representam uma somma superior á da exportação de todo o paiz antes de 1889.

O porto de Santos — muito pouco frequentado até então — foi visitado em 1896 por 1.212 navios, sendo 772 de longo curso e 440 de cabotagem.

A renda da importação nessa alfandega foi de 45 mil contos e a de exportação cerca de 30 mil.

Em todos os outros Estados verificou-se augmento proporcional ás condições de cada um, sem, comtudo, haver diminuido a importancia da praça do Rio de Janeiro.

Por outro lado, a transformação das antigas provincias em Estados autonomos e independentes teve exigencias e gerou condições novas, absolutamente incompativeis com as circumstancias anteriores.

Foi quasi o mesmo que constituir outros tantos paizes novos, ou, se varios irmãos, tendo sempre vivido reunidos sob o tecto paterno, o abandonassem ao mesmo tempo, no intuito de se estabelecerem separadamente.

Tendo assumido o compromisso de concorrer proporcionalmente para as despêzas da casa que abandonava e devendo occorrer ás da sua propria e cingir-se aos seus recursos, cada um se installaria conforme as circumstancias. Mas, em seguida, tambem cada um trataria de desenvolver a sua actividade e de pôr em acção todos os meios de prosperar.

Foi o que succedeu ás antigas provincias, até 1889 sujeitas ao jugo do centro e sem liberdade alguma de acção.

Mas, assim como não seria em caso algum possivel sustentar as diversas habitações com a mesma despeza que anteriormente se fazia em uma só; — não se pôde fazer mover vinte e uma locomotivas com o mesmo combustivel necessario para alimentar uma dellas—tambem o meio circulante que existia em 1889 não poderia de modo algum satisfazer as necessidades da nova organização politica e administrativa do paiz.

E como este não possui outra qualquer especie de circulação além do papel-moeda, nem, por em-



quanto infelizmente, se pôde pensar em substituí-la, as novas emissões eram absolutamente indispensáveis.

Não pretendemos com isto dizer que haja sido inoffensivo o modo porque ellas foram realizadas. Pelo contrario, a essa circumstancia attribuímos grande participação nas causas determinantes da crise actual.

As emissões bancarias, ás quaes já nos referimos, não foram subordinadas a nenhuma das regras que a pratica e a sciencia têm estabelecido.

Estamos mesmo intimamente convencidos de que o illustre creador dos bancos regionaes de emissão não previra a hypothese.

Sujeitas aos preceitos que em toda parte regem este assumpto, as notas dos bancos teriam entrado lentamente na circulação sempre sob uma dupla garantia — a dos titulos da divida publica préviamente depositados e a das operações legítimas que determinassem a sua emissão.

Esta se iria alargando ou restringindo segundo as necessidades reaes do commercio e a sua acção teria sido benefica. Os bancos seriam assim os verdadeiros reguladores da circulação, e nisso consiste a principal superioridade do papel bancario sobre o do Estado.

Lançadas, porém, de chofre na praça, como

o foram em grande parte, as ditas emissões serviram para alimentar a jogatina desenfreada, que tantas victimas fez.

E como essa jogatina deu logar a muitos sonhos phantasticos de fortunas levantadas da noite para o dia, occasionou tambem muitos excessos nas despezas, a maior parte das quaes teve por objecto artigos de luxo importados do estrangeiro o que muito concorreu para augmentar o *deficit* da nossa exportação sobre a importação.

O mal, porém, está feito, e já se fez tanto quanto era possivel para attenual-o em seus effeitos e evitar a sua reproducção.

Todas as notas emittidas foram, afinal, absorvidas na circulação, que de nenhum modo se manifesta superabundante, e todas hoje repousam unicamente no credito do paiz.

Retiral-as agora, tambem de chofre, da circulação, seria um meio de aggravar, nunca de attenuar a crise.

O ouro que, porventura, entrasse na circulação no intuito de substituir qualquer quantidade de papel-moeda seria exportado immediatamente, e o resultado inevitavel seria — logo que se accentuasse a falta do numerario sufficiente para as transacções do commercio interior—o governo ver-se forçado a fazer novas emissões. E isso não aconteceria sem se have-

rem antes verificado muitos prejuizos, em consequencia da crise que a deficiencia do meio circulante não poderia deixar de occasionar.

Os factos de 1886 e 1888, sendo as condições do paiz entretanto bem diversas das actuaes,ahi estão indicando como se produz tal phenomeno.

O cambio soffreria um movimento de alta intermittente emquanto durassem os effeitos successivos da entrada do ouro e da sua immediata sahida. Terminada essa acção, elle tornaria a baixar e, então, por duplo motivo: — a continuação da maior procura que offerta de cambiaes, por um lado, e, por outro, o effeito reflexivo do mallogro da tentativa, deprimindo mais o credito do Estado.

O eminente sr. conselheiro Lafayette dizia em seu relatorio de 1884, «firmado na opinião de economistas, que o papel-moeda adquire o valor do ouro, logo que a sua somma é reduzida á quantidade exactamente precisa para o serviço da circulação».

Entretanto, os seus illustres successores tiveram occasião, logo em seguida, de verificar que nem sempre as opiniões dos economistas se adaptam ás circumstancias.

Tambem ha pouco tempo disse o illustrado sr. dr. Joaquim Murinho:

«O agente principal da nossa situação financeira é a desvalorisação da nossa moeda, consequente

á emissão exaggerada de papel-moeda inconvertivel, e o resgate real desse excesso de papel é, para a agricultura como para todas as outras actividades nacionaes, o primeiro dos deveres do governo».

«Todas as relações economicas se estabelecem na actualidade tendo em attenção a baixa do cambio, todos multiplicam hoje por tres suas rendas e suas despezas, desde o capitalista até o operario.».

Ora, se fosse realmente assim seria facilimo achar-se a solução do problema: bastaria ao governo tambem multiplicar por tres todos os impostos.


Mas não: o papel-moeda, repetimos, é um effeito e não uma causa.

Nós preferimos, a este respeito, esposar a opinião do conselheiro Saraiva (relatorio de 1880):

«As oscillações do cambio não são reguladas por circumstancias normaes: é preciso, pois, estudar qual a causa de semelhante phenomeno.».



## XXIII



MUITOS outros argumentos poderíamos citar ainda para contrariar a opinião do sr. Leroy-Beaulieu e a daquelles que, como elle, acreditam que ao excesso da circulação fiduciaria se deve attribuir a baixa do cambio.

Mas esta dissertação vai já mais longa do que previamos e vamos resumir para terminar.

A questão do papel-moeda foi sempre a questão magna das finanças do Brasil. E, não obstante o estudo retrospectivo desse assumpto ser sufficiente para convencer da nenhuma influencia da maior ou menor circulação nas taxas do cambio, ainda se

insiste em attribuir-lh'a . . . todas as vezes que o cambio desce .

Succede com o papel-moeda o mesmo que com a febre amarella no Rio de Janeiro.

Todas as vezes que a epidemia toma proporções maiores, uma commissão é nomeada para estudar o assumpto e dar parecer sobre o melhor modo de sanear a cidade.

Essa commissão apresenta opportunamente o seu relatorio e a imprensa discute o respectivo plano.

Entretanto, a divina providencia, para a qual só um ministro houve que teve coragem de appellar francamente, encarregou-se de debellar a peste.

O governo manda archivar o relatorio, sem o ler, e . . . disse.

Nada mais se faz até que, reproduzindo-se o mal, se reproduz o mesmo processo.

Com o papel-moeda tem acontecido pouco mais ou menos o mesmo. Quando apparece a epidemia, queremos dizer a baixa do cambio, todos se preocupam com o assumpto, até que, por meio de um emprestimo no exterior, da venda de uma empresa nacional ou da fundação de outra a troco de uma nova concessão de garantia de juros, em ouro, haja uma entrada de capitaes extranhos. Então regula-

risa-se temporariamente o movimento monetário do paiz e o cambio melhora.

Ninguem segue o conselho de Saraiva, isto é, ninguem procura estudar as causas do phenomeno.

E' uma consequencia do nosso temperamento. Os homens da raça latina são, em regra, mais impressionaveis que pensadores, gostam mais de fallar do que de agir. Só gritam por Santa Barbara quando já ouviram o trovão ;—após, nem se lembram de que a trovoadá se ha de fatalmente reproduzir, nem da existencia da milagrosa Santa.

Durante o periodo em que se accumulam os factores de uma crise, todos vivem no melhor dos mundos e, sem excepção, concorrem na medida das suas forças para apressal-a. Ninguem se lembra de pedir ao governo conselhos sobre os seus negocios, e este mesmo, illudido pelas apparencias, regozija-se, se não faz constar que á sua acção benefica se deve o bem estar geral.

E assim se vai sempre reincidindo nos mesmos erros, que poderíamos antes chamar crimes de lesa-patria.

Pela senda que de longe vem traçada, os brasileiros não farão senão ir insensivelmente, cada vez mais, submettendo o paiz ao jugo do ouro alheio.

E quanto mais se avolumar a importancia deste, seja qual fôr a causa que determine a sua entrada,



desde que não venha localisar-se definitivamente no paiz, mais se avolumarão as causas do desequilibrio internacional — mais difficil será chegarmos a ter estabilidade no cambio,—impossivel será chegarmos a ter circulação metallica.

As industrias rendosas do paiz foram entregues á exploração alheia, em sua maior parte, ainda com juros garantidos e em ouro.

Em compensação vemos industrias nacionaes serem obrigadas a cessar a sua produção... por causa da baixa do cambio.

E' um cumulo.

Em toda parte a baixa do cambio é protectora da industria nacional.

Hoje viram-se as vistas appetitosas para as redes de caminhos de ferro nacionaes.

Uns pretendem o arrendamento da Geral... com garantia de juros; — outros cobiçam as linhas paulistas, pertencentes a companhias particulares.

A cultura do café em S. Paulo tambem está attrahindo a attenção dos que procuram bom emprego para o seu capital. E emquanto os capitalistas nacionaes entendem que o lavrador da sua terra não lhes offerece garantias para o papel depreciado que possuem, os estrangeiros lhes estão facilitando emprestimos em ouro ou se propõem a adquirir as propriedades.

Aquelles, ou exigem juros leoninos e garantias extraordinarias ou se negam absolutamente a qualquer transacção ; — estes só fazem questão da importancia do negocio — porque não lhes convém negocios pequenos — e que as garantia sejam razoavelmente sufficientes.

O seu juro é 6% ao anno accrescido por uma commissão, que nunca vai além de 2%.

Infelizmente, os mutuarios, que agora se julgam felizes, mais tarde terão occasião de verificar a quanto, de facto, se elevam esses juros.

Se a exploração do café passar para mãos extranhas, esse producto virá a representar na ordem dos factores da riqueza nacional, o mesmo papel que cabe á exploração aurifica do *Morro velho* e outras.

Não ha nada peor, na vida pratica, do que as proprias illusões. E são estas que têm induzido quasi todos, senão todos os paizes novos, a se deixarem embair com a idéa da riqueza do seu solo, sem se lembrarem de que : paiz rico e povo rico não são synonymos.

Os paizes novos não podem, em absoluto, dispensar o auxilio de capitaes extranhos, como o proprietario da terra mais fertil não poderia fazel-a produzir sem o auxilio do capital, que ha de fatalmente pedir emprestado desde que o não possui.

Mas, não esqueçamos que o credito tem leis immutaveis e que quando se esquecem essas leis elle se transforma em causa da ruina do delinquente.

A este respeito encontramos a pag. 615 do livro do sr. Castro Carreira, a citação de um conceito de Laveleye que vem a proposito reproduzir:

«O credito, que aprendemos a alcançar como uma fada benefica para multiplicar os bens da humanidade, torna-se para os povos um flagello peor que a peste e a fome na idade média, porque estes foram passageiros e o outro é permanente.»

E accrescenta o proprio auctor do livro :

« Desta verdade nos dão o exemplo — o Egypto e a Turquia, a Italia que se levanta, e a Russia que nelle se precipita. »

Antes de se condemnar, como superabundante o papel-moeda que actualmente temos na circulação, deve-se pelo menos considerar :

O Brasil é um paiz extensissimo, dividido em Estados, cujas communições entre uns e outros e delles para o centro são ainda, na maior parte dos casos, muito demoradas.

Vai-se em menos tempo do Rio de Janeiro a Paris ou Londres do que á capital de alguns desses Estados.

A população do paiz deve ser hoje superior a 16 milhões.

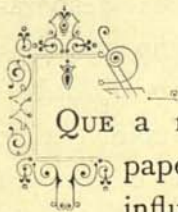
Não existe nenhuma outra especie de meio circulante: — o cheque e a letra de cambio, grandes auxiliares da circulação em outros paizes, são muito pouco utilizados ainda nas relações commerciaes no interior.

Nem moeda subsidiaria, de cobre ou nickel, existe em quantidade sufficiente, o que tem levado alguns Estados a sophismar a lei emittindo apolices de valor minimo que circulam como tal.

Ouro e prata desapareceram completamente



## XXIV



QUE a maior ou menor circulação de papel-moeda, durante o imperio, nunca influiu nas oscillações do cambio, está provado pela demonstração dos algarismos na importante obra do ex-senador Castro Carreira, que diversas vezes temos citado.

Esse livro, tão pouco vulgarisado, é um verdadeiro manancial de informações e documentos preciosos. Ninguem que se occupe no estudo deste assumpto deve deixar de ler *A Historia Financeira*, cujo auctor sentimos não conhecer pessoalmente.

Aqui lhe rendemos, porém, o mais sincero preito de admiração pelo seu importante trabalho

e de respeito pelo admiravel criterio que todas as suas apreciações revelam.

Analysemos, em primeiro logar, o periodo da campanha do Paraguay.

Ao ser declarada a guerra em 1865, a circulação fiduciaria orçava apenas por cem mil contos de réis, e quando a guerra terminou em 1870, elevava-se quasi ao dobro:—192.526:873\$000.

Durante esses annos o valor da exportação foi sempre maior do que o da importação.

Mas sendo grande parte das despezas de guerra realizada em ouro, essa importancia equivalia em seus effeitos a uma importação de mercadorias ou ao pagamento de uma divida no exterior, e por isso se estabeleceu o desequilibrio monetario do paiz.

Entretanto, em 1865, não obstante a previsão de grandes despezas, o cambio manteve-se entre 27 e 25 d. por 1\$000.

Fez esse milagre a realização de um emprestimo externo, no dito anno de 1865, — do valor nominal de *Lbs.* 6.363.613,19-2, que, emittido a 74, produziu, liquido, *Lbs.* 5.000.000,

No exercicio seguinte de 1866-1867, a circulação elevou-se apenas a 117 mil contos, e o cambio desceu a 19 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>.

E em 68, embora o papel-moeda não subisse

a mais de 124 mil contos, o cambio chegou a 14, subindo, porém, a 20 logo em seguida, ao mesmo tempo que a circulação era elevada a 193 mil contos.

Nos exercicios seguintes — 1869-1870 e 1870-1871 não se deu alteração apreciavel na circulação, e o cambio oscillou: no primeiro, entre  $24 \frac{1}{2}$  e  $19 \frac{5}{8}$ , — no segundo, entre  $25 \frac{7}{8}$  e 22.

Como explicar, pela theoria corrente, que tendo o cambio baixado a 14, em 1868, haja subido dentro do mesmo exercicio, tendo-se dado um accrescimo relativamente grande no papel-moeda, que, de mais a mais, fôra emittido sem auctorisação legislativa?

E' facil encontrar a causa desse phenomeno.

Ao mesmo tempo que se emittiu o papel-moeda fez-se uma outra emissão de 30:000:000\$ de apolices, a juro de 6 % e 1 % de amortização, pagos em ouro, ao cambio par. E esses titulos, como era natural, emigraram para o estrangeiro como se fossem moeda, determinando uma equivalente diminuição na procura de cambiaes.

Fôo este o primeiro signal da invasão do falso principio.

O grande ministro da Fazenda, de 1869, justificou ter dado preferencia á emissão de titulos com juro e amortização pagos em ouro, dizendo que



assim conseguira o preço de 90 % e que se os juros e a amortização fossem pagos em papel, não teria obtido mais de 75 %, pelo que julgava vantajosa a operação para o Thesouro.

Fallaz esperança e pernicioso principio.

A sua germinação muitos prejuizos tem causado á fortuna publica e particular.

Os effeitos da mencionada operação, reunidos a outros factorès como, por exemplo, a diminuição da importação que, de 168 mil contos em 1868, baixou a 155 mil em 1869 e a 137 mil em 1870, conseguiram manter o cambio nas taxas acima indicadas até 1870.

Em 1871, porém, realizando-se um novo emprestimo externo, o de 23 de fevereiro, produziu-se a alta e o cambio chegou a  $25 \frac{7}{8}$ !

Esse emprestimo foi de *Lbs* 3.000.000, liquido, ou 3.459.634, nominaes, emittido a 89 % e juro de 5 %.

Entretanto, já em 1872, o visconde do Rio Branco, de saudosissima memoria, attribuia as oscillações do cambio á influencia do papel-moeda, não obstante a tabella apresentada em seu relatorio demonstrar exactamente o contrario.

Dahi em deante os factos obedeceram invariavelmente á mesma lei.

Em 71, tendo terminado a guerra, a importação subiu a 158 mil contos e o cambio baixou a 22;— e

em 72, tendo a importação diminuído, pois desceu a 156 mil contos, e a exportação augmentado de 193 mil contos no anno anterior a 215 mil, o cambio manteve-se entre os extremos de  $26 \frac{1}{4}$  e 24.

Em 1873, porém, subiu por um lado a importação a 160 mil contos, e por outro desceu a exportação a 190 mil.

A circulação não soffrera alteração sensível e, entretanto, o cambio subiu, attingindo o par—27 d. por 1\$000.

Explica-se essa alta do cambio por diversas concessões de garantia de juros que nesse anno se fizeram a varias estradas de ferro, cujos contractos deram logar ao levantamento de capitães no estrangeiro.

Em 74 pequena alteração se deu no valor da importação, que montou a 162 mil contos, mas a exportação apresentou sensível augmento—elevou-se a 205 mil contos.

E, comtudo, o cambio baixou a  $24 \frac{3}{4}$ , tendo o papel-moeda diminuído cerca de 2.000 contos;—e em 1875, tendo pelo contrario a importação subido a 166 mil contos e a exportação baixado a 183 mil, o cambio subiu acima do par—atingiu a taxa de  $28 \frac{3}{8}$ !

O papel-moeda não soffrera outra alteração além da pequena quota do resgate da emissão do

Banco do Brasil. Qual foi a causa de semelhante anomalia?

Essa causa foi um novo emprestimo, contrahido em Londres, por intermedio dos srs. N. M. Rothschild and Sons, de *Lbs.* 5.301.200, nominaes, emittido a  $96 \frac{1}{2}\%$  e juro de  $5\%$ , que produziu, liquido, *Lbs.* 5.000.000.

Singular theoria essa que pretendem impingir-nos e mediante a qual seriamos forçados a acreditar que quanto mais se encalacra o paiz, melhor se torna a situação.

Logo em seguida, porém, se percebe o reverso da medalha. A importação, em 1876, baixou para 155 mil contos e a exportação subiu a 196 mil, e o papel-moeda tambem desceu de 181 para 179 mil contos. Entretanto, o cambio baixou a  $23 \frac{3}{4}$ .

Em 77—as taxas extremas foram— $25 \frac{1}{4}$  e  $23$ ;—em 78— $21 \frac{1}{4}$  e  $21 \frac{3}{8}$ ;— e em 79— $23 \frac{3}{4}$  e  $19 \frac{1}{2}$ .

Nesses tres annos não houve grandes alterações no valor, quer da exportação quer da importação, sendo esta sempre menor que aquella, mas a circulação fiduciaria soffreu de seu lado sensivel augmento. Fez-se uma emissão de 32.000:000\$, em virtude do decreto de 16 de abril de 1878, sem, comtudo, baixar o cambio que, pelo contrario, subiu a  $23 \frac{3}{4}$  em 1879.

Procurando-se a causa desse phenomeno encontra-se, a par de uma nova emissão de apolices, no valor de 40.000:000\$—uma outra dos titulos de mais um emprestimo interno, em ouro, no valor de 50 mil contos.

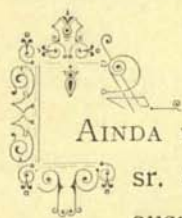
Esses titulos, ao portador e juro de  $4\frac{1}{2}\%$  pagavel trimensalmente, tiveram, como era natural, o mesmo destino e produziram os mesmos effeitos que os de 1868.

Essa circumstancia explica ainda que em 1880, tendo a importação subido a 181 mil contos e a exportação, devido á baixa de preços do café e á escassez da colheita, descido a 125 mil, convertendo-se em *deficit* que foi de 55 mil contos os saldos que até então se verificaram, o cambio não descesse além de 20 d/por 1\$.

De 1880 a 1885 o cambio baixou alternativamente até  $17\frac{7}{8}$ , tendo, porém, chegado a  $22\frac{1}{8}$  em 83-84, por influencia de um outro emprestimo realizado em Londres, em janeiro de 1883, de *Lbs.* 4.494.382, que, emittido a 89 %, produziu liquido *Lbs.* 4.000.000.

Em outro lugar já explicámos qual o modo porque se conseguiu elevar ao par e acima do par o cambio em 1888 e 1889.





AINDA uma vez recorremos ao livro do sr. Castro Carreira cuja opinião insuspeita transcrevemos em seguida.

Ella traduz o nosso pensamento e prova que não somos os unicos a ver as cousas do mesmo modo:

«A apreciação do cambio no Brasil constitue estudo da mais seria reflexão.»

«Ha 55 annos tem sido este o regimen da nossa moeda.»

«Maior ou menor emissão tem figurado em certas e determinadas épochas.»

«Muitas vezes se tem fallado na depreciação da moeda porque 1\$000 *vale mais ou menos pences.*»

«E' o cambio que dá essa significação.»

«Em muitos orçamentos existem disposições relativas á retirada do papel-moeda.»

«Não tem sido realizada nenhuma dessas disposições.»

«Em 1865 — 1863 foi reduzida a circulação do papel-moeda do governo a 28.900:000\$ e o papel bancario circulava na somma de 83.963.140\$.

«Nem por isso o cambio fluctuou por mais de 22 a 26, quando em 1870—1871 as circumstancias da guerra do Paraguay exigiram que se elevasse a emissão do governo a 151.078:000\$, sendo a bancaria de 40.127:550\$.»

«A circulação fiduciaria do governo nunca influiu no movimento do cambio.»

«Não se podem e nem se devem considerar como uma superabundância da circulação as circumstancias eventuaes.»

«Muitas vezes são ellas determinadas pelo desenvolvimento de transacções commerciaes.»

«Circumstancias especiaes existem que representam o principal papel nesse movimento.»

«Poucas vezes o cambio é a verdadeira expressão das condições do paiz.»

«Isso só acontecia quando o negocio das cambiaes era feito quasi que directamente entre o importador e o exportador.»

«Depois que essa transacção tomou as pro-

porções de verdadeiro negocio, estabeleceram-se bancos exclusivamente destinados a elle, ordinariamente inglezes.»

«A cambial submetteu-se ao capricho do dinheiro estrangeiro.»

«Constituiu-se uma mercadoria como outra qualquer, e nella não só se exerce o negocio como a especulação.»

«Duas circumstancias influem principalmente para este resultado.»

«A primeira consiste na crescente necessidade que tem o governo de capitaes na Europa.»

«A segunda circumstancia está no importante capital, que todos os annos é para alli retirado.»

«Esquecendo por momentos as theorias, reduza-se a questão aos factos.»

«Com esta fraca moeda tem o Brasil prosperado.»

Não poderíamos expressar com mais clareza o que nós mesmos pensamos a respeito desta questão. Apenas ao ultimo *item*, que transcrevemos, nos animamos a accrescentar :

Foi com o papel-moeda que o Brasil prosperou, e com elle—sómente com elle—poderá o Brasil continuar a prosperar, se souber utilizar-se desse instrumento de credito e libertar-se do jugo do



ouro alheio, para cuja submissão tanta tendencia, infelizmente, se manifesta nos seus homens.

E' cedo de mais para se cuidar em circulaçãõ metallica, e quanto maior fôr o volume das dividas no exterior—publica e particular—e o capital extranho cá dentro empregado, mais se retardará o momento de se chegar a ella.

Por esse caminho chega-se, muito mais depressa, a uma situação que absolutamente se não assemelha a essa, nem nos resultados praticos nem nos effeitos sobre o credito e o prestigio nacional. E é antes para esta que o paiz se vai deixando insensivelmente arrastar e muita gente, de boa fé, concorre.

«Os empréstimos externos (tornamos a dar a palavra ao illustre auctor da *Historia Financeira*) nos têm sido muito prejudiciaes.»

«Já em 1824, quando se contrahiu o primeiro, o marquez de Baependy dizia que era um mal.»

«Em 1835, Manoel do Nascimento Castro e Silva e, mais tarde, Miguel Calmon du Pin e Almeida, depois marquez de Abrantes, tambem diziam que os empréstimos externos eram prejudiciaes ao paiz.»

«A historia desses empréstimos demonstra a verdade de taes presentimentos»,

« Pois ainda assim, os empréstimos externos têm-se repetido com frequencia ».

Para que aquelles que nos lêem possam fazer uma idéa approximada dos prejuizos que taes empréstimos occasionam, vamos ainda transcrever os algarismos que o sr. dr. Castro Carreira patenteou no seu livro:

« O Brasil recebeu, até 1888, dos empréstimos contrahidos em Londres, quasi todos realizados pela casa dos srs. Rothschilds, Rs. 286.026:045\$076 ».

« Até esse mesmo anno—1888—havia o Brasil dependido com esses empréstimos :

Amortização . . . . .	158.493:279\$614
Juros . . . . .	277.323:129\$341
Commissões . . . . .	9.537:606\$574
Total Rs. . . . .	445.354:015\$529

e ainda se achavam em circulação titulos no valor de *Lbs.* 28.478.300 que, ao cambio par, representam 253.915:050\$500 ».

Calcule-se essa somma ao cambio actual, reuna-se a importancia respectiva áquella que o paiz já pagou e ter-se-á uma idéa dos juros que realmente se pagam pelo dinheiro recebido.

Calcule-se ainda, tomando isso por base, qual será o prejuizo que a fortuna particular dos brasileiros tem soffrido em differenças de cambio, e digam-

nos se haverá possibilidade de chegar a constituir-se povo rico aquelle cujas economias são por tal modo exauridas.

Quando o dinheiro entra, o cambio invariavelmente sobe, pouco se importando que haja mais ou menos papel-moeda em circulação.

Os factos que indicámos o demonstram.

Todos se regozijam com a apparente felicidade, que, entretanto, não tem outro resultado pratico além de, por um lado, diminuir a somma que o paiz realmente recebe e o valor dos productos nacionaes em moeda corrente;—e, por outro, incitar o commercio ao augmento da importação, que marcha sempre em crescendo até chegar ao excesso.

E assim se prepara a crise que determina a baixa do cambio, a qual arranca ao Estado e aos particulares—*os olhos da cara*.

O facto que se está verificando na Republica Argentina de melhorar o seu cambio, não obstante a sua grande circulação fiduciaria, confirma a regra.

Mas não são factos isolados.

Se se estudarem os phenomenos desta natureza em qualquer outro paiz novo, vai-se sem duvida encontrar uma perfeita identidade de circumstancias.

Todos se deixaram seduzir, mais ou menos

intensamente, pelos effeitos dourados desse metal, que raro chegam a ver ou só momentaneamente lhes apparece.

Nos Estados Unidos, durante a crise de 1893, outro facto se verificou.

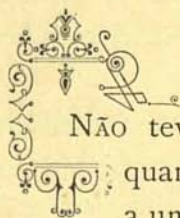
Eis como a elle se refere o notavel escriptor N. C. Frederiksen, em um importante trabalho recentemente publicado :

*« L'énorme fluctuation de la masse de circulation, y compris les billets, qui a augmentée au lieu de diminuer pendant la crise américaine de l'été de 1893, a été une curieuse leçon de choses qui démontre combien il est vrai que la circulation dépend maintenant beaucoup plus du crédit, que de la quantité de monnaie. ».*

---



## XXVI



NÃO teve, pois, razão o sr. Leroy-Beaulieu quando attribuiu a baixa do cambio a um excesso da circulação fiduciaria.

Esse excesso não se manifesta na pratica; esse excesso não existe.

A nossa circulação é de má qualidade, — não ha negal-o, — mas não superabundante.

E como em caso algum poderíamos substituil-a por outra melhor, o remedio não consiste na reduccão de sua quantidade, mas na sua tonificação.

O Brasil, não obstante a sua posição geographica, — a extensão do seu territorio, a falta de communições rapidas entre uns e outros Estados e, finalmente, não utilisar ainda os diver-

soz meios que em toda parte se empregam como auxiliares ou subsidiarios da circulação,—é um dos paizes mais pobres de meio circulante, em relação ao numero de seus habitantes.

Já demonstrámos que na Republica Argentina a circulação fiduciaria é relativamente muito maior do que no Brasil.

E esse paiz, além dessa, tem sempre mais ou menos ouro em circulação, devido á cobrança que faz, nessa especie, de alguns impostos.

Das *Notas Financeiras* publicadâs ultimamente pelo *Jornal do Commercio* extrahimòs os seguintes dados :

A circulação monetaria, actualmente, em diversos paizes é a seguinte, por habitante e em francos :

França — 202-50 ; Hollanda — 143-50 ; Austria — 137-75 ; Belgica — 127-50 ; Estados-Unidos — 122 ; Gran-Bretanha — 67-50 ; Russia — 35-60.

No Brasil, o papel-moeda que se acha em circulação, ao par, representaria cerca de 138. Ao cambio actual, porém, representa apenas trinta e poucos francos.

Nas mesmas *Notas* se assignala a tendencia que se manifesta em França para o augmento da circulação dos bilhetes (notas) á custa da de moeda metallica. E a circulação dessa especie, isto é

das notas, não está comprehendida no calculo da circulação monetaria.

Na Austria ha papel-moeda, de curso forçado, em concorrência com a moeda metallica, assim como na Russia. E nos Estados-Unidos ha a circulação dos bancos.

Quanto á Gran-Bretanha, o cheque e a lettra de cambio, de uso muito vulgarizado, são os principaes agentes da circulação.

O inglez é um povo essencialmente pratico e sabe quanto rende uma libra esterlina convenientemente empregada no estrangeiro. Não sacrifica esse lucro ao luxo de conservar inactiva uma somma superior ao absolutamente indispensavel.

O Reino Unido da Inglaterra, Escossia e Irlanda, segundo as notas acima mencionadas, importou, em 1897, *Lbs.* 30.808.858 em ouro e exportou *Lbs.* 30.808.571.

A Republica dos Estados-Unidos, não obstante a sua grande e tão proclamada prosperidade, está sobrecarregada com uma divida enorme.

E é ao papel-moeda que está cogitando de pedir recursos para desenvolver as suas industrias, no intuito de obter um augmento das rendas para poder fazer face a seus encargos. Entretanto, aqui reina uma *metallitite* chronica, de caracter epidemico, á qual tudo se pretende sacrificar.



A especulação, antigamente, limitava-se a empolgar o café no porto do embarque.

Agora vem buscal-o ao interior e não consta que o pague em ouro. Os lavradores, baldos de outros recursos, vendem-lhe as colheitas a preços inferiores áquelle por que lhes fica o producto depois de preparado.

E tudo isto se realiza, ora sob pretexto de que a nossa moeda está desvalorizada, ora por se entender que a lavoura não merece credito. E, ao mesmo tempo, arruina-se esta industria e prejudica-se o paiz.

De um artigo, recentemente publicado em Paris, extrahimos os seguintes topicos :

*« On a fait le calcul de la dette actuelle des Etats-Unis. Elle ne s'élève pas à moins de 5 milliards de francs. Aussi est-elle devenue le facteur ou le régulateur de la politique intérieure et extérieure de la grande République américaine. Cette charge écrasante est encore alourdie par la déplorable gestion des finances publiques. »*

.....  
*« Par cette faille s'échappent les forces vives des Etats-Unis ».*

*« On ne peut pas fermer le trou béant d'un passif, qui menace de se perpétuer et de s'élargir. »*

.....

« *La réforme la plus importante consistera dans l'adoption d'une forme encore inédite du papier-monnaie.* »

.....

« *Et on compte sur le développement qu'une telle impulsion imprimée au crédit agricole, commercial et industriel assurerait aux transactions en général pour faire affluer vers l'Etat l'accroissement des recettes nécessaires pour préparer et réaliser l'amortissement de la dette publique.* ».

São leis immutaveis, a cuja obediencia ninguem consegue esquivar-se.

Illudem-se, temporariamente, é certo, essas leis com o emprego de meios artificiaes. Quanto mais se persistir nesse empenho, porém, mais se agrava e mais violenta se torna a erupção do mal.

E' uma especie de vertigem que chega a dominar todos os espiritos, essa fascinação pelo ouro, — causa perenne dos males de todos os paizes novos.

E o principal factor dessa anomalia está em pretenderem resolver theoreticamente uma questão que é essencialmente pratica.

Uns dizem que, « *La mauvaise monnaie chasse la bonne* » sem se lembrarem de que para uma cousa expellir outra, é necessario que ambas coexistam, circumstancia que não se verifica na circulação monetaria do Brasil.

E' uma theoria applicavel a circumstancias differentes daquellas em que se acha este paiz. Por exemplo, quando a circulação estabelecida é metálica e por circumstancias extraordinarias como a guerra ou semelhantes, um paiz é levado a lançar mão do papel-moeda, como meio de obter recursos para realizar despesas improductivas.

Então, á proporção que as emissões vão augmentando, o ouro emigra e afinal desaparece completamente da circulação.

Outros têm como invariavel esta outra theoria: « O papel-moeda adquire o valor do ouro, logo que a sua somma é reduzida á quantidade exactamente precisa para o serviço da circulação ».

Tambem sómente se póde verificar nos paizes onde o ouro fôr o padrão monetario legal.

Desde que o desequilibrio exista sómente nas finanças do Estado e não no commercio exterior, o papel é recebido sem reluctancia emquanto não excede as necessidades da circulação no interior. Elle, em taes casos, substitue em suas funcções o ouro que emigrou e se mantem ao par.

Se, porém, as necessidades do Estado se reproduzem e este insiste nessa medida, logo que as emissões excedam o dito limite, da-se a superabundancia de meio circulante.

E' o caso que uns classificam de empréstimo forçado, e outros denominam de « *fausse monnaie.* »

O publico receioso por um lado da impossibilidade do governo effectuar o resgate desse papel, e por outro do apparecimento de novas emissões, deixa de recebê-lo.

Nos contractos, mesmo no interior, se estabelece, então, a clausula de pagamento em ouro, e o papel fica depreciado na proporção do excesso.

O remedio, neste caso, se o movimento exterior continuar equilibrado, é, com effeito, recolher a demasia.

Reduzido ao que fôr estrictamente necessario ao serviço da circulação, o papel readquire valor equivalente ao do ouro. Mas o caso, não só no Brasil como em todos os outros paizes novos, é muito diverso.

---



## XXVII



NESTES paizes em geral e no Brasil particularmente, as oscillações do cambio independem completamente — absolutamente das finanças do Estado e do maior ou menor volume da circulação.

E' uma simples coincidencia que, escudada em theorias de todo inapplicaveis ás condições desses paizes, tem dado e continua a dar apparencias de verdade á doutrina contraria.

O que determina as ditas oscillações é o movimento do commercio exterior — comprehendida não só a importancia das permutas internacionaes propriamente ditas, como a de todas as entradas e sahidas de fundos, seja qual fôr a

causa que as determine, pertençam a quem pertencer esses fundos.

O proprio credito ou descredito do paiz não exerce influencia alguma para a alta ou baixa do cambio senão em seus effeitos reflexivos.

Quando se manifesta uma crise diz-se geralmente que o paiz está mal e se, por um lado, cessam completamente as entradas de capital em busca de emprego, por outro, toma grande incremento a emigração daquelle que, porventura, já se achasse no interior para esse fim.

Muitas vezes até os nacionaes, assustados pelo phenomeno, transferem para o estrangeiro parte das suas fortunas.

Todos, assim, por uma falsa comprehensão das cousas, se prejudicam a si proprios e concorrem para augmentar o mal geral.

Nestes paizes, novos como são e, de mais a mais, explorados em larga escala pelo capital alheio e pela especulação estrangeira, não existem ainda nem poderiam existir reservas metallicas que, num momento dado, podessem entrar em jogo para cobrir um *deficit* accidental da exportação.

O crescimento da fortuna nacional realiza-se lentamente pela valorisação do solo que vai sendo explorado ; — pelo augmento das plantações e das obras que dão maior valor ás propriedades ruraes

do interior do paiz ; — pelo augmento das construcções nas cidades e do seu respectivo valor etc. etc.

Não se realiza em dinheiro, nem é possível mobilisar esse accrescimo da fortuna publica.

«Ouro é o que ouro vale» diz o rifão. Mas neste caso é elle absolutamente traiçoeiro.

O commercio moderno caracteriza-se pela rapidez de seus movimentos, pela multiplicação das suas transacções. E' uma especie de moto-contínuo em sua carreira vertiginosa — na reprodução dos negocios.

As mercadorias, portanto, que um paiz importa, devem ser pagas em prazo curto e em ouro, porque esta é a unica moeda que regula as transacções internacionaes.

E não possuindo estes paizes essa moeda, nem na circulação nem como representativa da fortuna de nacionaes, somente com o valor da exportação, que é vendida em ouro, podem elles pagar as ditas mercadorias e saldar os outros compromissos do Estado e dos particulares, no exterior.

Está claro, portanto, que logo que o valor da exportação se torne — seja por causas de caracter permanente, seja por circumstancias accidentaes e transitorias — insufficiente para satisfazer esses encargos, o cambio ha de forçosamente tornar-se



desfavoravel ao paiz, independente do credito ou descredito de que elle goze, — independente da confiança ou desconfiança que o seu governo inspire.

Entretanto, a desconfiança e o descredito vêm fatalmente em consequencia dessa situação .

Devido aos pagamentos que o proprio governo deve realizar no exterior, quem primeiro se resente com a influencia do agio do ouro são as finanças do Estado.

As despesas tendo sido orçadas sem a previsão dessa circumstancia, o orçamento não poderia deixar de se liquidar com *deficit*. Mas o povo, em geral pouco versado nestes assumptos, attribue ás más finanças do Estado a baixa do cambio, quando é a baixa do cambio que desorganisa as finanças do Estado.

Em regra, os mesmos que por ambição ou por não saberem prevêr os acontecimentos, mais concorreram para a baixa do cambio, são tambem os que primeiro appellam para o governo ou a elle attribuem os males, que, na radiação de seus effeitos, affectam tudo e a todos prejudicam .

E o governo, collocado na posição « do hollandez, que paga o mal que não fez », vê-se ao mesmo tempo a braços com as difficuldades sempre crescentes do Thesouro Nacional e assediado por todos os lados.

Uns querem que elle dê remedio immediato á situação geral, quando elle não sabe como dominar a sua propria. Outros — e não são os menos difficeis de arredar — julgam, cada um de per si, haver encontrado o X do problema e offerecem-lhe planos ou projectos, cada qual mais salvador da patria e prenhe de risonhas promessas para o futuro.

E assim se geram a desconfiança no governo e o descredito do paiz, que sempre coincidem com uma crise.

Entretanto, a pratica tem demonstrado em toda parte que, fóra dos remedios naturaes, nenhum outro é proficuo em seus resultados definitivos.

Eis o que, a este respeito, dizem — Clément Juglar et P. des Essars, no seu importante estudo *Crises Financières et Commerciales* » :

*« La vie économique des nations oscille entre deux crises et il est impossible de se soustraire à cette loi. »*

*« Les marchandises sont l'objet d'une spéculation et leurs cours n'est nullement déterminé par l'offre et la demande résultant des véritables besoins du marché. »*

*« Pendant le mouvement de hausse elles atteignent parfois des prix exorbitants. »*

*« Cette prospérité repose sur une base essentiellement fragile. »*

*« Quand la hausse s'arrete, c'est le moment précis où la crise éclate. »*

*La liquidation est caractérisée par la marche rétrograde des prix.»*

*«Après la liquidation on entre dans la période ascendante qui se termine par une nouvelle crise et une nouvelle liquidation.»*

*«Les crises sont périodiques.»*

*«L'histoire des crises présente constamment la répétition des mêmes phénomènes.»*

*«Les événements politiques, contrairement à l'opinion reçue, ne jouent qu'un rôle secondaire dans l'origine des crises.»*

*«Ils peuvent les faire éclater, mais ils ne les déterminent pas.»*

*«Les causes en sont préexistantes et d'ordre purement économique.»*

*Ce n'est que par ignorance que dans les périodes de liquidation on peut réclamer des pouvoirs publics des mesures destinées à redonner de la vie aux affaires.»*

*«Et c'est une grande présomption aux hommes de gouvernement de promettre de pareilles mesures.»*

*«Ce n'est pas le socialisme d'Etat sous aucune forme qui peut arrêter le développement de la maladie.»*

*«Elle se termine seule et tous les expédients ne font que l'aggraver.»*

*«Il faut que les individus montrent de la fermeté et de l'intelligence.»*

*« Qu'ils acceptent résolûment les conséquences de leurs erreurs. Et qu'ils sachent fermer l'oreille à ceux qui leur disent que le soulagement à leurs maux se trouve ailleurs que dans le travail et l'épargne ».*

---



## XXVIII



O Brasil acha-se em condições excep-  
naes, mesmo entre os paizes sul-  
americanos, pois nenhum outro, salvo  
erro, mantem o exclusivismo do papel do Estado,  
na sua circulação interior.

Não obstante, porém, e embora seja essa a  
peior de todas as especies de meio circulante, actu-  
almente em voga, não é ao papel-moeda, repetimos,  
que se deve attribuir a baixa do cambio.

As suas causas acham-se tão caracterisadas,  
que a ninguem seria licito ignoral-as, se não foram  
as illusorias tradições que desviam a attenção do  
publico para um ponto absolutamente falho da im-  
portancia que se lhe empresta. Todos se deixaram  
illudir por apparencias enganadoras e distrahir pelos

acontecimentos politicos que se têm succedido no paiz de 1889 para cá, e não prestaram a este assumpto a attenção que elle reclamava.

Por isso não se previu a crise, que estava latente. Por isso, tambem, não se procurou attenual-a em seus effeitos, porque teria sido impossivel evital-a.

Seja como fôr, o momento actual é, todavia, grave de mais para comportar discussões estereis, quer seja em torno de theorias mais ou menos abstractas, quer na defeza de idéas ou opiniões politicas, para a affirmação das quaes este terreno não é o mais apropriado.

E' indubitavel que, de 1889 para cá, a situação economico - financeira do paiz se aggravou sensivelmente.

Não ha negar, comtudo, que até 1889 muitos erros tambem insensivelmente se accumularam.

Já em 1830, com o maior desalento, o marquez de Barbacena, no seu Relatorio apresentado ao Corpo Legislativo, descreve a situação financeira do paiz : *sob a pressão de um deficit consideravel, com uma ruinosa circulação de moeda-papel e de moeda fraca de cobre, e luctando com os horrores de um cambio que a tudo arruinava.*

Acreditava, dizia elle, que não se poderia por muito tempo resistir a semelhante estado de cousas, se, naquella sessão, a sabedoria das Camaras, de

accôrdo com o governo, não procurasse conjurar esses males. (\*)

Entretanto, após 68 annos de experiencia, repetem-se as palavras do marquez de Barbacena, não obstante terem passado pela administração do paiz, durante esse longo periodo, todos os seus homens mais notaveis pelo talento e pelo saber.

O mal vem de longe, portanto, e deve-se suppôr, que exista uma causa occulta, determinante da persistencia e da repetição dos mesmos phenomenos.

Os factos supervenientes a 1889, mesmo pondo de lado a circumstancia de serem, na sua summa, como que a reproducção de outros anteriores, não poderiam ter effeitos retroactivos.

Elles determinaram, é certo, a maior intensidade da crise, mas não originaram a crise.

Todas as nações do mundo têm tido, em sua vida, periodos de luctas e infelicidades mais ou menos identicos áquelle que o Brasil hoje atravessa, o qual, por sua vez, é semelhante a outros que já supportara.

Quem diria, por exemplo, que, após o desastre de Sedan, a França teria de enluctar-se, em consequencia dos horrores da Communa nas ruas da sua bella capital?

As commoções intestinas, as guerras e as crises

---

(\*) *Hist. Financeira*, pag. 153



commerciaes formam uma terrivel trindade de males que, nos tempos modernos, mais flagellam os povos civilizados. E os mais felizes são aquelles que, sabendo prevel-os, procuram attenuar os seus effeitos, pois que, evital-os, é impossivel.

Deve-se examinar o magno assumpto, com muita calma e muita reflexão, pondo-se de lado as theorias ou as idéas preconcebidas.

Trata-se de uma questão que sobrepuja todas as outras, porque é essencialmente della que depende o futuro desta grande nação.

E nós, procurando concorrer para esclarecel-a, estamos longe de julgar definitiva ou de pretender impôr a opinião que a seu respeito temos formado, embora seja ella resultante de um longo trabalho de raciocinio e de observação, tendo por base os factos da vida pratica deste e de outros paizes.

Entregamol-a á publicidade levando principalmente em vista incitar os homens competentes a estudal-a

Ha certos pontos até hoje talvez mal apreciados em seus mais immediatos effeitos sobre a vida economica do paiz e é para elles que chamamos a attenção desses homens.

Se, após o seu estudo, elles considerarem erronea a nossa opinião, não procuraremos discutir os fundamentos da sua sentença.

Do nosso posto de observação continuaremos a fazer votos sinceros pela solução de tão importante quão momentoso problema.

A nosso ver, não só o Brasil como quasi todos os outros paizes americanos estão sendo victimas de uma funesta doutrina.

E, se persistirem nella, as consequencias desse erro não poderão deixar de arrastal-os fatal e inevitavelmente á ruina.

Já em 1895, (Relatorio da Associação Commercial de S. Paulo) diziamos estar convencidos de não se acharem ainda definitivamente assentes as bases da economia politica dos paizes novos, não lhes sendo absolutamente applicaveis as velhas theorias, que se formaram em torno de condições muito diversas.

Realmente, attentando-se para a marcha que tem tido, em geral, a vida de todos esses paizes, em todos se divisam signaes, mais ou menos accentuados, de soffrimentos e circumstancias identicos aos do Brasil.

E isso cada vez nos arraiga mais tal convicção, pois, não se póde deixar de attribuil-os a uma causa commum.

Por outro lado observamos: ao passo que na Europa, cada dia, decresce o valor do ouro, espe-

cialmente na sua força productiva, os paizes novos vão, insensivelmente, a elle se deixando escravisar.

O ouro europeu tem avassallado de tal modo esses paizes, que lhes vae exaurindo todas as suas forças, sem elles perceberem o proprio depauperamento e a vertigem que os arrasta para o precipicio. E' uma especie de voragem, que reveste as mais variadas fórmas, para melhor poder illudir as victimas, que se deixam devorar sem tentarem oppôr qualquer resistencia. E é principalmente uma falsa comprehensão das circumstancias e das proprias conveniencias que favorece esse dominio fatal.

La Fontaine, ha já duzentos annos, dizia:

« *Travaillez, prenez de la peine.* »

« *C'est le fonds qui manque le moins.* »

Os paizes novos, todavia, têm, em geral, julgado diversamente. E em vez de trabalhar e de esperar que o capital falho de emprego remunerativo na velha Europa, os viesse procurar em consequencia da confiança conquistada pelo trabalho e amparada pela riqueza do seu solo, deixaram-se illudir pela perspectiva dessa riqueza, e ao capital têm ido entregando a sua exploração, deixando-se por elle manietar.

Quando acabamos de ler, em um estudo recentemente publicado, que: « *On ne veut pas géné-*

*ralement le croire, bien que ce soit une vérité aussi claire que le jour: la puissance de l'argent diminue sans cesse.*».

quasi todos, se não todos, os paizes americanos, inclusivé a grande Republica do Norte, se encontram aturdidos, sob o peso de enormes dividas, por um lado e, por outro, asphyxiados pela especulação.

« *Partout le revenu baisse* », diz o auctor do mesmo estudo:—os titulos francezes rendem 3 %, e cogita-se em fazer a sua conversão a  $2\frac{1}{2}$ ;—a esta taxa já se acham reduzidos os consolidados inglezes, belgas e hollandezes.

Todos os titulos de renda vão diminuindo—ou pela conversão, ou pelo augmento das cotações. *O Crédit Foncier*, de França, projecta converter as suas letras *communales* a 2 %.

Uma cidade belga levantou o anno passado um emprestimo a esta taxa e os respectivos titulos cotam-se, actualmente, a 94 %.

Entretanto, o Brasil vê os seus titulos de 4 e 5 % baixarem vertiginosamente nas praças da Europa, ao mesmo tempo que, mais vertiginosamente ainda, se elevam a 20, 25 ou 30 % os juros que paga em consequencia de um cambio, na confecção do qual não entra absolutamente outro, além do seu proprio ouro!

Tendo deixado monopolisar pelo estrangeiro todos os ramos do seu commercio exterior e prin-

principalmente o de cambio, os bancos limitam-se a manipular, nesse negocio, só e unicamente o valor da exportação do proprio paiz.

Quer dizer: a lenha com que fazem a fogueira em que nos queimam, é a nossa propria lenha.

Por um lado, compram esses bancos aos exportadores as cambiases que estes emittem sobre os generos exportados, e, por outro, vendem ao publico os seus proprios saques, emittidos, porém, sobre essas cambiases.

As suas operações não excedem nem uma libra além da somma comprada aos exportadores, salvo quando, jogando pela certa, lhes convem especular por sua propria conta.

O papel-moeda,—esse representa, tanto na compra como na venda, umas funcções muito secundarias:—é um simples instrumento regulador da transacção.

Quando muito elle representará temporariamente o lucro auferido.

O publico, não obstante, acredita que a baixa do cambio representa uma desvalorisação da moeda nacional, por estar convencido de que são os bancos que vendem, de facto, o ouro, acceitando o papel pelo preço que as circumstancias lhes determinam.

Isso, porém, não passa de uma grande illusão.



TEM um mecanismo completamente especial o cambio, nos paizes que vivem no regimen da circulação do papel-moeda do Estado sem possuirem em concorrência com elle nenhuma outra especie de moeda.

Este facto, hoje completamente isolado, ninguém cogita de estudal-o em seus effectos.

Na generalidade o confundem com o curso forçado, ainda em voga em alguns paizes da Europa, e já por todos utilizado em circumstancias extraordinarias. Dessa confusão resultam consequencias muito prejudiciaes ao Brasil.

No exterior, considerando-se diversamente um phenomeno de character transitorio, produz-se a des-

confiança e o descredito do paiz todas as vezes que uma baixa do cambio se manifesta, e isso concorre para augmentar a crise, sem motivo serio que o justifique. No interior, além dos prejuizos materiaes, todos se impressionam com o juizo que se forma lá fóra, e em vez de se procurar remediar o mal, apenas se consegue cada vez mais aggraval-o.

O curso forçado, superveniente num paiz de circulação metallica, é sempre consequencia de um *deficit* orçamentario. O augmento da emissão de papel-moeda prova o augmento dos *deficits*. A principio, emigra o ouro, e o cambio, em relação ao exterior, conserva-se favoravel, emquanto se realiza a emigração.

A depreciação do papel ou agio do ouro manifesta-se, entretanto, mas só no interior. E' mais tarde que elle attinge as relações do commercio exterior, porque, estendendo-se o movimento de emigração, depois da moeda ou simultaneamente com ella, aos titulos da divida publica e outros valores, passam a ser feitos no estrangeiro pagamentos que até então eram realizados dentro do proprio paiz.

Cessando o motivo que perturbou as finanças do Estado, a confiança vai-se naturalmente restabelecendo. E logo que este recolha todo ou parte do papel que emittira, da-se uma correspondente volta de moeda e de valores para o paiz.

A razão disso, porém, é elles pertencerem a nacionaes, que os haviam accidentalmente exportado.

E' um movimento que se inicia e se acaba, em torno das finanças do Estado.

O desequilibrio dellas determinou as saídas ;— e o seu restabelecimento, as entradas.

O apparecimento do papel-moeda, foi o signal daquelle ; o seu recolhimento provou que ellas estavam em via de restauração ou restauradas.

A nossa hypothese é absolutamente diversa.

O papel-moeda não é um recurso accidental, de occasião. Está constituido instrumento permanente e exclusivo da circulação do paiz.

Esteja o cambio alto ou baixo, no interior elle vale sempre o mesmo e ninguem recusa recebê-lo.

As finanças do Estado podem ser satisfactorias e o cambio tornar-se mau.

E' bastante que uma circumstancia imprevista altere, em desfavor do paiz, o movimento normal do commercio com o exterior: uma baixa dos preços dos productos de exportação,—uma colheita diminuta — ou um augmento accidental da importação.

As differenças, para mais, que o agio do ouro produz nas despesas do Estado, é que vão, depois, desorganisar as suas finanças. Em seguida dá-se o abaixamento das rendas.

E' a baixa do cambio, que produz o *deficit*.



Não é o *deficit* que produz a baixa do cambio.

Esta não determina exportação de moeda metallica, porque não se exporta o que não existe.

Consequentemente, uma retirada de papel-moeda da circulação não terá effeito algum sobre o cambio.

Não é possivel verificar-se a volta daquillo que não haja sahido.

Entretanto, se o paiz contrahir uma nova divida no exterior, o cambio melhora immediatamente. Não obstante, uma nova divida representa — um novo onus para o Estado.

Se fôr vendida no estrangeiro uma estrada de ferro nacional ou qualquer outra propriedade, quer pertença ao Estado ou seja de dominio particular, a subida do cambio não se demora.

E, todavia, uma alienação é uma prova de empobrecimento.

Em qualquer dessas circumstancias ou mesmo em ambas, — pois podem dar-se simultaneamente o augmento da divida e a venda de um immovel, — a influencia da operação ou operações sobre o cambio, será tanto mais efficaz e maior, quanto mais avultar a importancia dos novos compromissos ou da redução do activo nacional.

Se a somma a que se elevar essa importancia fôr sufficiente para saldar o que houver

a pagar no estrangeiro, o cambio irá rapidamente ao par; — se fôr superior, irá acima do par, como aconteceu em 1889 e em muitas outras épocas anteriores.

As finanças do Estado, então, se restabelecem — a alta do cambio produzindo como produz o augmento da importação — sob o influxo directo de dous factores da maior importancia: o desaparecimento da importante verba de despeza destinada ás differenças de cambio, e o augmento das rendas aduaneiras.

Começa assim, uma nova éra de aparente felicidade, sem ninguem perceber que a maldita sanguesuga não se encolhera senão para melhor sorver o liquido que o acaso collocára á sua disposição por diverso modo.

Entrando, o ouro toma as proporções mais modestas perante o papel-moeda, seja qual fôr a sua quantidade ou qualidade; — sahindo, elle adquire outras, verdadeiramente gigantescas, que só de vel-as se arripiam as carnes á gente. Recebem-se as libras a 8\$890 ou a menos, e pagam-se a...

A illusão dura, porém, pouco tempo. O desequilibrio reaparece em breve trecho, e repetem-se os mesmos factos, sem se attentar para as suas verdadeiras causas.

Como medida salvadora, dadas certas circums-

tancias extraordinarias, admittem-se e comprehendem-se medidas como as que acima figuramos, ou outras.

Mas o Brasil adoptou como systema financeiro permanente esse modo de proceder, e isso não póde nem deve continuar. O paiz chegaria assim e em pouco tempo, ao esgotamento completo das suas forças e das suas riquezas.

Elle vive desses expedientes desde que nasceu, mas é tempo de se mudar de rumo e urgente fazel-o.

Em vez de se olhar para o que fazem ou fizeram outros paizes, em taes e taes circumstancias, não seria muito mais util estudar o assumpto *sur le champ*?

Nos livros que em regra se preferem, nada ou pouco se encontra applicavel ás circumstancias do Brasil. Mas a marcha dos seus negocios, atravez dos tres quartos de seculo percorridos, offerece base segura para um estudo serio da questão.

Já reproduzimos o que se pensava e dizia em 1830, e poderíamos reportar-nos a época anterior.

Em 1823, Nogueira da Gama, mais tarde marquez de Baependy, embora optimista, já condemnava o papel-moeda.

«Vou mostrar — dizia elle — que, deixando-se a tortuosa vereda que nos tem conduzido á borda do precipicio, . . . renascerá o perdido credito . . . sem o fatal recurso do papel-moeda».

Mas os tempos têm ido correndo e o papel augmentando, e augmentando tambem a divida no interior e no exterior, sem se chegar, ao menos, a formar uma opinião.

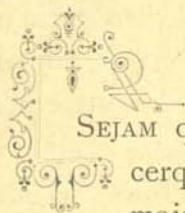
Os *deficits* orçamentarios verificados até 1888 ficaram, sem que fossem amortizados de um real sequer.

A divida nacional, mesmo ao par, os excedia.

---



### XXX



SEJAM quaes forem as circumstancias que cerquem o acontecimento ou venham mais tarde aggravar a situação, uma baixa do cambio, nos paizes sul-americanos, é invariavelmente determinada por esta causa: um excesso dos pagamentos a realizar no exterior, sobre o valor da exportação.

Se o facto fôr devido a causas permanentes, como, por exemplo, uma dívida nacional superior aos recursos naturaes do paiz ou ao definhamento da sua producção, o mal não é facil de remediar. Quando, porém, essas causas são accidentaes e transitorias, o phenomeno é passageiro. Podem ser grandes os prejuizos causados pela crise, mas

dentro de algum tempo a normalidade nos negocios se restabelece. Felizmente é este o caso do Brasil. Com calma, sem precipitação, e não se pretendendo inverter a ordem natural das cousas, a tarefa será difficil mas é realizavel. E' o caso de dizer-se:

« *Pas trop de zèle.* »

A maior parte das vezes prolonga-se uma situação má, pelo emprego das medidas pouco adequadas, com que se pretende remedial-a.

O papel-moeda do Estado, como meio circulante exclusivo, tem, além de outros, o inconveniente da fixidez da somma permanentemente em circulação.

Essa circumstancia abrevia, muitas vezes, a repetição das crises e concorre sempre para aggraval-as. Ella exige que as transacções commerciaes se subordinem ao meio circulante, quando são ellas que devem determinar a maior ou menor expansão deste.

O movimento dos negocios obedece a circumstancias varias muito complexas, e não póde ser medido ou regulado a compasso.

Muito menos se podem prevêr todos os acontecimentos e, ás vezes, o commercio encontra-se baldo de recursos, logo no começo de

uma crise, e supporta prejuizos que poderia evitar.

Devido á falta de elasterio do meio circulante, falha ao commercio o auxilio do credito, exactamente no momento em que delle mais carecia para a soluçãõ dos compromissos assumidos, e que se apoiavam na confiança que depositara em circumstancias—repentinamente alteradas.

A' lavoura e ás industrias succede o mesmo, e a crise toma desde logo maiores proporções do que devia.

Diversos factos do passado, analysados em suas origens e em seus effeitos, affirmam este principio, que, se perscrutarmos os acontecimentos, encontraremos tambem agora perfeitamente caracterisado.

Não ha muito tempo que, no Rio de Janeiro, os bancos recusavam toda e qualquer transacção de conta corrente, embora garantida por titulos da divida publica ou mesmo por ouro amoedado.

Pode-se dizer que no Brasil o papel-moeda, apesar de mau, tem occasionado mais prejuizos pela escassez do que pela superabundancia, especialmente se deixarmos de lado a época em que se realizaram as ultimas emissões bancarias, o que é um caso excepcional.



O papel-moeda emitido pelo Estado, quando só na circulação, como aqui succede, tem effeitos muito differentes de qualquer outra especie de meio circulante. O ouro emigra do paiz logo ao primeiro signal de uma crise.

Elle corre pressuroso aonde o interesse o attrai, mas foge mais pressurosamente ainda, ao perigo que o ameaça.

E' incontestavelmente o unico instrumento perfeito e seguro para a circulação de um paiz, mas nos paizes novos elle apresenta graves inconvenientes, e pode-se mesmo dizer que não é possível conservá-lo, salvo condições muito especiaes, que estamos longe de attingir.

A prata participa dos defeitos do papel e tambem dos do ouro, não apresentando vantagens, fóra dos paizes que a produzem em grande quantidade.

Como o papel, ella não mantem o valor convencional que representa na circulação, e vai-se depreciando logo que uma crise se manifesta, até que, descendo á base do seu valor industrial, tambem emigra para o estrangeiro.

O papel-moeda, bancario, é o que melhor poderia convir a estes paizes, pela faculdade que tem de expandir-se ou retrahir-se, segundo as circumstancias.

Utilisado com criterio, prudencia e previsão, elle seria um excellente regulador do mercado e, umas vezes moderando os movimentos desordenados da especulação, outras animando o desenvolvimento de uma industria ou auxiliando o commercio legitimo, prestaria ao paiz os melhores serviços.

Esse papel seria o ideal, como instrumento da circulação dos paizes novos, se, por um lado, se assegurasse aos institutos emissores uma organização e um funcionamento isentos de defeitos, e se, pelo outro, se soubesse regularisar o movimento do commercio exterior.

O papel-moeda do Estado, desacompanhado de outra qualquer especie que lhe corrija os inconvenientes, é o peor de todos os instrumentos de circulação até hoje conhecidos.

Mas, depois de um paiz o haver utilizado em tão larga escala, como o Brasil, não é facil libertar-se d'elle, e parece de melhor conselho estudar os meios de se attenuar os males que elle causa, e evitar tentativas que, fracassadas, só serviriam para aggravar esses males.

Para isso é necessario precisar bem até onde vai a sua propria acção e começa a de outros factores .

Do facto de uma emissão ter sido excessiva no

momento em que se realizou, não se póde inferir que o papel não fosse mais tarde assimilado pelo organismo social, tornando-se até escasso.

A superabundancia nunca deixa de caracterisar-se por symptomas, que não se confundem facilmente. E a nossa circulação, actualmente, não apresenta taes symptomas.

Diminuil-a, pois, em taes condições, seria pretender corrigir a má qualidade do combustivel pela redução de sua quantidade.

O mal maior não está no papel-moeda, mas no facto de se haver accorrentado a vida economica do paiz ao ouro.

Esta moeda, nas épochas de crise, converte-se para nós em mercadoria, que vendemos com uma e compramos com a outra mão, deixando o lucro do mutuo em mãos alheias.

Até a concorrência, que, em regra, baratéa os generos, encarece essa mercadoria para nós.

Os exportadores pagam-nos em papel o café que compram, e vendem depois o cambio pelo mais alto preço que podem para ganhar a differença. E como sabem que a procura é maior do que a offerta, o realizam facilmente.

Seria utopia acreditar que se podesse prescindir da intervenção do commercio estrangeiro na venda dos productos que se exportam.

Outros paizes com mais recursos e mais experiencia, não puderam jamais esquivar-se ao dominio da especulação.

E' necessario, porém, não deixal-a tudo avassallar.

---



## CONCLUSÃO



SUPPOMOS haver elucidado sufficientemente o assumpto e podermos affirmar, como fizemos, que odas as conclusões do sr. Leroy-Beaulieu a respeito do Brasil, são injustas ou peccam pela base.

O cambio, em 88-89, obedeceu a factores de ordem financeira, como actualmente obedece a factores de ordem economica. E tão accidentaes foram aquelles — como accidentaes são egualmente estes.

Nem a alta de 88-89, correspondia á situação economica do paiz; nem, tampouco, a baixa actual.

Um e outro facto devem ser considerados simples accidente da vida do paiz, e accidente de natureza commum a todos os paizes do mundo.

Dadas as circumstancias que antecederam os acontecimentos de 1889, a alta do cambio era fatal, como fatal era, tambem, a crise que devia sobrevir e produzir a sua baixa.

\*  
\* \* \*

As causas perturbadoras da vida economica do paiz são preexistentes, como o prova a historia das suas finanças.

E a ellas juntaram-se, de 1886-1888, novos factores importantissimos, taes como :—a desorganisação do trabalho da primeira das industrias do paiz—e um grande augmento da divida nacional no exterior.

Os effeitos desta ultima circumstancia dissimularam temporariamente a situação.

Mas, avolumados, por um lado, os encargos permanentes do paiz no exterior, — e, por outro, diminuidos os recursos com que elle poderia solvel-os, a crise tornou-se inevitavel.

A industria agricola, não era sómente a que fornecia o principal elemento da exportação, mas ainda, produzia varios generos de consumo, em quantidade sufficiente, pelo menos, para evitar a sua importação.

Essa industria ficou em grande parte comple-

tamente arruinada, e, com ella a importante classe do commercio nacional que a amparava.

\*  
\* \*

A lavoura, havia muito tempo que se extorcia sob o peso de uma divida enorme, contrahida em sua maior parte exactamente para adquirir os braços de que carecia para os seus serviços, divida essa que ella não havia podido amortizar e, antes, crescia de dia para dia.

Ella passára por uma grande crise, que vinha já desde 1880, e apenas começava a ganhar alento com as esperanças que a alta de preços do café fazia renascer, quando a lei lhe arrancou o unico instrumento de trabalho que possuia.

Os commissarios de café, incontestavelmente a classe mais importante do commercio brasileiro na praça do Rio de Janeiro, ligados intimamente aos lavradores, soffreram enormes prejuizos.

« Não se deve esquecer—diz o provector sr. dr. Castro Carreira, a pag. 617 do seu livro.—que a lei de 13 de maio de 1888... não deixou de produzir grande abalo na fortuna publica atacando de frente a interesses consideraveis da respeitavel e preponderante classe da lavoura. »

\*  
\* \*



Realmente assim foi, nem poderia ser de outro modo. Os signaes desse abalo, se passam despercebidos para muitos, sob o véo de certas circumstancias, não podem, entretanto, escapar aos olhos de um observador reflectido.

O que é feito da maior parte daquellas grandes e tradicionaes fortunas da antiga provincia do Rio de Janeiro ?

Onde param as importantissimas casas de commissões de café daquela praça, que representavam avultados capitaes, envolvidos na lavoura ?

Entretanto, ainda continua hoje a pesar sobre a lavoura do Rio de Janeiro o elevado imposto de 11 % sobre a producção bruta do café. Ella definha, nem poderia deixar de definhar, por tal modo onerada e sem auxilio de especie alguma, e não consta que o Estado, outr'ora tão rico e prospero, cuide de animar qualquer outra industria que possa vir a substituir o café, na ordem dos factores da sua riqueza.

Não acreditamos que haja no mundo industria alguma que, no regimen do trabalho assalariado e luctando com a concorrencia de outros paizes, pudesse supportar semelhante contribuição.

Entrara o Brasil, pois, em uma nova phase, mas em condições economicas muito precarias. E uma crise se teria produzido immediatamente se a alta de preços do café, que se accentuou dahi em diante, não tivesse dissimulado temporariamente a situação.

Esta circumstancia, entretanto, nem todos a aquilatam em seu justo valor. Devida a condições excepcionaes que se verificaram unicamente em S. Paulo, póde ser considerada fortuita ou accidental. A alta dos preços, por um lado, e os auxilios do governo, pelo outro, não conseguiram, porém, evitar a ruina da lavoura do Rio de Janeiro. Foi o desenvolvimento da cultura do café em S. Paulo que salvou a situação.

\*  
\* \*

Foi a provincia de S. Paulo que maior numero de escravos adquiriu, até 1884, dos que foram exportados para o sul por algumas das provincias do norte, depois da sêcca que as flagellou.

Os legisladores provinciaes, porém, patenteando uma previsão, que lhes faz honra, estancaram a continuação da entrada desses escravos na provincia, em 1884, gravando-a com o imposto de dous contos de réis por cabeça. E os lavradores, de seu lado, assim avisados e tendo já

algumas noções a respeito do trabalho livre, —porque era em S. Paulo que, desde muito, se faziam experiencias em maior escala—previram mais facilmente o acontecimento da abolição, e para aguardal-o se prepararam do modo que julgaram mais conveniente a seus interesses.

Sabendo que os trabalhos mais difficeis e mais custosos da cultura do café, são as derribadas de mattas, as plantações e a formação dos cafezaes, trabalhos muito caros e sem compensação durante os cinco primeiros annos, elles empregaram de preferencia os escravos, nos ultimos tempos, na realização desses serviços.

Foi assim que se deu uma grande expansão na cultura do café em S. Paulo, onde, sendo muito maior a proporção das colheitas do que no Rio de Janeiro, ella poude mais facilmente supportar os onus de que se acha sobrecarregada.

Foi a criação de uma riqueza nova, devida a condições especiaes, que produziu, pois, o sufficiente para supprir o *deficit* da producção anterior.

Em geral attribue-se unicamente á influencia da alta do café, o augmento de sua cultura em S. Paulo, mas a base de tal augmento foi essa.

O venerando e respeitavel chefe e ministro da Fazenda do Gabinete — 7 de Junho, teve, é facto, a mais exacta comprehensão do estado economico do paiz ;—apezar, porém, da sua grande energia e prodigiosa actividade, s. excia. não teria podido dominar as circumstancias.

O sr. visconde de Ouro Preto sabe a grande admiração que temos pelo seu talento e pelo seu character e o grande respeito que lhe tributamos, como nós sabemos que o patriotismo de s. excia. é bastante para hoje, como hontem, só desejar a felicidade da sua patria.

Estamos por isso convencidos de que s. excia. nos não levará a mal a franqueza com que analysamos os actos do seu governo. Não nos inspira, senão o desejo de concorrer na medida de nossas forças para a solução de um problema economico a cujo estudo nos temos dedicado sem outro intuito além do de prestar um serviço ao paiz que consideramos a nossa segunda patria.

O ultimo Ministerio da monarchia, embora tenha tido muito curta duração, é, pelo periodo historico que preencheu, o ponto culminante da administração do regimen decahido. E o nosso ligeiro estudo não poderia considerar-se completo, se o passassemos em claro.

Não teria sido possivel, dissemos, dominar a situação e a crise era inevitavel.

Realmente :—se por um lado as medidas do governo indicam que elle comprehendera a necessidade de alevantar o espirito da lavoura, que se achava abatido ante a perspectiva de uma ruina inevitavel, por outro se vê que elle tambem se illudiu com as apparencias. E essa illusão o levava a deixar accrescer novos elementos de perturbação, áquelles que já encontrára accumulados, e que eram muitos.

O governo de 1889 deixou-se tambem illudir pelo phenomeno da alta do cambio, que é muito traiçoeiro.

\*  
\* \*

Fazendo-se o balanço dos recursos naturaes com que o paiz poderia dahi em diante contar, como elementos componentes da sua balança commercial, não parece, pelo menos, que fosse aquelle o momento azado para tentar o estabelecimento de uma circulação bancaria conversivel. Além do augmento da despezas com o serviço da divida externa, accresceram muitas outras causas, de caracter permanente, para augmentar a exportação de ouro, sem se divisarem os motivos que poderiam determinar entradas que compensassem essa exportação.

Contar para esse fim unicamente com os recursos do credito, seria illusorio.

A taxa favoravel do cambio incita sempre o

desenvolvimento das importações e produz um consequente augmento das rendas aduaneiras, a par de uma diminuição na despeza. Esses effeitos, porém, illudem em seus resultados praticos a quasi todos os que estudam esta questão, porque acreditam que, a exemplo do que succede em outros paizes, especialmente na Europa, o cambio se subordina ás finanças do Estado.

Aqui, porém—não nos cansaremos de repetil-o—o movimento cambial e suas oscillações, são regulados pela balança do commercio, que pende a favor do paiz todas as vezes que elle deva receber mais do que pagar e vice-versa.

Na Europa, se as finanças de uma nação se acham em bom pé e por uma causa accidental o cambio se lhe manifesta desfavoravel, eleva-se *ipso-facto* a taxa do juro e dos descontos, que attrai o capital, que em outras praças se ache em disponibilidade, e a perturbação torna-se momentanea, graças á rapidez das communicações.

Aqui, porém, não succede o mesmo, porque, isolados como se acham estes paizes dos centros de grande movimento monetario e sendo muito diversas as suas condições, nem os recursos lhes poderiam chegar com a mesma rapidez, nem o capital os procuraria tão pressuroso. O augmento da importação produz, portanto, invariavelmente, um *deficit*, do que

se recebe para com o que se deve pagar no exterior, determinando a baixa do cambio, que, por um movimento contrario, occasiona o accrescimo da despeza publica e a diminuição das rendas.

Ora, não obstante a rapidez e a energia dos actos do governo, não teria sido em caso algum possivel conseguir, tão rapidamente como seria preciso, um augmento na producção, capaz de neutralisar os novos encargos do paiz.

A baixa do cambio havia-se fatalmente de manifestar, e o curso forçado para as notas dos bancos seria, então, absolutamente inevitavel.

\*  
\* \*

O auxilio directo, em dinheiro, aos lavradores, assim como a introdução de immigrants, por conta do Estado, tornaram-se, póde-se dizer, absolutamente indispensaveis, e o governo assim o entendeu.

Os libertos, em sua maioria, pelo menos, não permaneceram nas propriedades agricolas; e os proprietarios, se por um lado não dispunham de recursos, nem mesmo para pagar os salarios, por outro não tinham onde ir buscar os trabalhadores de que careciam.

Não se tratando, porém, de indemnizar, mais ou menos equitativamente, os antigos possuidores de escravos, do capital que haviam perdido, mas sim de impedir a completa paralyzação da industria agricola, outro deveria ter sido o systema adoptado na distribuição dos ditos auxilios.

Elles deveriam visar, de preferencia e principalmente, a producção, propriamente dita, e não o productur. E isso só se teria conseguido, com menor sacrificio do Thesouro e maior vantagem para o fim que se tinha em vista, limitando o supprimento, que deveria ser mensal, ás sommas indispensaveis para as despezas do custeio, mediante emprestimos garantidos por penhor e liquidaveis annualmente, com o producto da colheita.

Desta forma, se conservaria a mesma somma em constante rotação prestando todos os annos o mesmo serviço, e ter-se-ia evitado o desvio dos dinheiros para fins diversos. Ao mesmo tempo teria sido um ensaio do credito agricola, especialidade ainda desconhecida no paiz e que se tornou indispensavel, desde que a lavoura entrou em o novo regimen.

Os emprestimos a prazo longo, além de terem sido em muitos casos aproveitados por aquelles que não careciam de auxilio, foram em sua maioria utilizados para pagamento de dividas, permane-



cendo os lavradores sem recursos para pagar salarios e realizar outras despezas, que, até então, não faziam ou eram menores e pagavam de outro modo.

Ahi está patenteando esse resultado a lavoura do Estado do Rio de Janeiro, não tendo succedido o mesmo a uma parte dos lavradores paulistas, graças ás condições diversas da lavoura deste Estado, e a terem encontrado credito nos commissarios de Santos.

Por outro lado deve-se considerar que os immigrants, introduzidos pelo systema que foi adoptado, constituiram-se triplicadamente outros tantos factores do augmento da importação, pois qualquer que seja a causa de uma sahida de dinheiro do paiz, ella corresponde sempre, em seus effeitos, a uma entrada de mercadorias.

O pagamento das passagens, feito a companhias estrangeiras, por um lado, e, por outro, o augmento de consumo determinado pelos individuos accrescidos á população e as remessas realizadas por grande numero delles para o seu paiz são tres factores novos do nosso disequilibrio commercial.

A esses junta-se, ainda, um outro muito importante, que é haver cessado a cultura de muitos generos de primeira necessidade, por não darem

para cobrir os gastos da produção e do transporte mas que hoje se compram por preços elevadissimos ao estrangeiro.

\*  
\* \*

O primeiro governo da Republica não patenteou, a este respeito, diversa orientação.

Suspendeu os auxilios á lavoura, que julgou sufficientemente amparada pelos preços do café, os quaes continuavam em alta progressiva.

Não cogitou no modo de localisar os immigrants, o que seria e é a unica maneira de se neutralisarem os inconvenientes da instabilidade desse imprescindivel instrumento de trabalho e de progresso.

Não procurou o modo pratico de se restabelecerem as antigas culturas de cereaes e a sua produção.

Não fomentou as outras culturas a que se prestam diversos Estados que, não tendo terrenos apropriados á do café, são, entretanto, fertilissimos e poderiam constituir-se em outros tantos centros de attracção de immigrants europeus, por serem dotados de um clima ameno e isentos da febre amarella ou de qualquer outra molestia epidemica ou infecciosa.

A industria pastoril, jaz, pode-se dizer, abandonada, sem incentivo algum, não obstante a extensão dos excellentes campos do Rio Grande do Sul e do Paraná, os quaes o naturalista Couty classificou em geral bons, assignalando a circumstancia de, em alguns logares, serem de qualidade superior e iguaes aos melhores da Republica Argentina.

\*  
\* \*

Em compensação realizou o governo a conversão de 180 mil contos de apolices de 5% — papel,—para 4 %—ouro, no intuito de economisar 1.800 contos por anno.

Essa economia custa hoje ao paiz mais de 24 mil contos, tambem annualmente.

Em vez de 5 %—de juro, com o qual os portadores estavam satisfeitos, a nação está pagando cerca de 18 %. Se a differença se extendesse ao capital, é facil calcular quanto custaria mais esta illusão.

\*  
\* \*

Durante a evolução que se operou nos ultimos tempos do regimen decahido, o governo animou a fundação de um grande estabelecimento bancario.

Entretanto, existia o velho e tradicional Banco do Brasil, depositario de toda a historia da vida

economica e financeira do paiz, e que, em seu activo moral, conta um grande cabedal de experiencia adquirida e um longo passado, muito honroso e cheio de serviços á nação. O seu passivo material, por outro lado, graças á confiança que esse estabelecimento inspirava e ao prestigio official de que sempre gozara, representava importantissimos interesses e muitas fortunas, a custo accumuladas, nos tempos em que ellas se não faziam da noite para o dia, como por encanto.

As suas acções eram, para todos os effeitos, equiparadas ás apolices da divida publica, e nellas se achavam empregados os unicos haveres de innumerables viúvas e orphans.

Não se póde atinar com os motivos que o alhearam das sympathias do governo, pois não se póde attribuir esse facto unicamente a uma questão de denominação.

O novo instituto foi baptisado com o titulo de *Banco Nacional do Brasil*.

O capital do primeiro, todo realizado, era de 33 mil contos; o segundo foi constituido com um capital nominal de 90 mil contos, mas só realizou 20 %, ou 18:000.000\$000.

O Banco do Brasil, como mais antigo que era, deveria ter patenteado mais calma, e, escudado na

incontestavel superioridade de sua posição, aguardar os acontecimentos.

Isso teria affirmado mais os seus credits na opinião publica e attrahido para si maior somma de sympathias. A victoria estava-lhe naturalmente assignalada. Esqueceu-se, porém, de que — « não ha nada melhor do que um dia depois do outro », e, impressionado, atirou-se a aventuras pouco proprias da sua idade.

Quiz estabelecer lucta e nas luctas deste genero todos perdem.

Principiou por elevar o seu capital, nominalmente, a 100 mil contos. E o seu prurido de modernismo foi até aos dividendos.

Em vez dos modestos 8, 9 ou 10 %, que até então pagára, chegou a distribuil-os na razão de 18 %, salvo erro.

\*  
\* \*

As novas instituições, comtudo, não se aproveitaram nem de um nem de outro estabelecimento.

E a praça do Rio de Janeiro foi dotada com mais uma grande instituição bancaria.

O resultado era facil de prevêr.

Não assim, porém, a fórmula pratica que revestiu. Por uma inversão da ordem natural das cousas, o mais novo, a principio, absorveu o segundo ; ma<sub>s</sub>

como as leis da natureza só transitoriamente se transgridem, tudo, afinal, foi cahir no bojo do mais velho de todos, quando este se achava já alquebrado pela lucta e não podia absolutamente com a carga.

Teve de repartil-a com o Estado, e, ainda assim, não é esse o seu serviço de menor importancia ao paiz.

\*  
\* \*

Não se fundou, entretanto, uma unica instituição de reconhecida utilidade.

O paiz foi innundado, num momento, de papel-moeda, que, bem distribuido e applicado, poderia ter desenvolvido todas as fontes da producção nacional, mas que só serviu para destruir uma parte do que ellas anteriormente haviam produzido. Não se deve, porém, inferir do facto de se não ter sabido utilizar esse instrumento, que elle seja imprestavel.

\*  
\* \*

Graças á imprevisão da lei n. 3150 de 4 de novembro de 1882, que fez, tambem de chofre e incondicionalmente, a abolição das clausulas da lei de 22 de agosto de 1860, relativas á fundação de sociedades anonymas, começaram a pullular na praça do Rio de

Janeiro, bancos, companhias e empresas de toda a sorte, como pullulam os cogumelos sobre o terriço.

Havia difficuldade em encontrar denominações apropriadas, não para designar os objectos das sociedades, mas para distinguil-as de outras anteriormente lançadas a publico. Pois bem, de tudo isso só resultaram perdas sobre perdas. Em vez de se crear, devorou-se um enorme capital.

\*  
\* \*

A lavoura não foi dotada com um unico instituto capaz de auxiliá-la e de imprimir uma certa regularidade nas suas transacções.

A importante e productiva industria ficou desarvorada ao primeiro sopro de vento contrario.

O credito agricola continua a ser um mytho em todo o paiz.

Os instrumentos agrarios mais aperfeiçoados, cujo emprego economisa braços e dinheiro, são, para o lavrador brasileiro, em geral, uma cousa absolutamente desconhecida. Mas, em compensação, importaram-se muitas mercadorias de luxo, com grande gaudio do commercio, que realizava lucros enormes, e não menor satisfação do governo, que admirava encantado a progressão das rendas aduaneiras. Todos se esqueceram, porém, de que essas mercado-

rias se deviam pagar em ouro, e que a riqueza dos consumidores dos caros objectos estava representada em fichas, que nada valiam.

\*  
\* \*

Por um lado destruíram-se valores, já incorporados no activo nacional e que permaneciam no paiz, confiantes nas suas riquezas naturaes e na sua prosperidade.

Pelo outro, avolumou-se o passivo da nação e avolumaram-se as causas da crise que, ao Estado e ao commercio, arranca hoje muito mais do que elles ganharam, e ao povo arranca os *olhos da cara*.

\*  
\* \*

Não é geral ainda, na sociedade brasileira, a comprehensão exacta do modo porque se compõe o activo e o passivo da nação. Nem todos percebem que, quando se destroe ou se deixa destruir qualquer particula de capital já constituido, pertença a quem pertencer, esse capital representa uma quota da fortuna publica, que é o conjuncto de todas as fortunas particulares.

Por isso não se comprehende, tambem, que todos os habitantes do paiz sejam prejudicados com os excessos que só alguns commetteram. Nota-se,



até, um certo desprendimento pelo capital alheio, o que, em seus effeitos, muito prejudica a collectividade nacional.

Os interessados no monte-pio geral não tinham culpa alguma de que, por um erro de tabellas, a instituição se arruinasse.

Entretanto, em logar de a reconstituirem, ella foi liquidada, não se tendo em consideração alguma que centenas de viúvas ficavam sem pão, nem as intenções dos instituidores, que morreram convictos de haverem deixado os seus, amparados, ao menos, contra os horrores da fome.

Por isso se manifesta tão pouco espirito de iniciativa entre os nacionaes.

Por isso o capital estrangeiro, cá dentro formado, emigra em tão grande proporção.

Por isso, finalmente, os capitalistas europeus, só com a garantia do Estado e obrigação de serem reembolsados em ouro, mandam o seu dinheiro para o Brasil.

\*  
\* \*

No baldado intuito de salvar algumas das industrias, mais ou menos exoticas, que durante a epidemia bolsista se pretenderam introduzir no paiz, e cujos machinismos, muitos absolutamente perdidos em abandono nas praias do littoral, foram um dos

factores desta situação, — ainda se emittiram oitenta mil contos de *bonus*.

Esses titulos, tendo-se constituido um elemento perturbador nos coffres do Thesouro Nacional e do proprio estabelecimento que os emittira, foram, afinal, convertidos em papel-moeda, como as circumstancias impuzeram.

\*  
\* \*

O governo do marechal Floriano teve de lutar simultaneamente, com uma revolução, no sul, e a revolta de uma parte da armada nacional, na bahia do Rio de Janeiro.

As difficuldades, que em taes circumstancias se lhe antolharam, a todos se patenteavam. Por um lado, crescia desmesuradamente a despeza publica ; —pelo outro, decresciam as rendas. E, não se tendo feito nenhuma operação de credito, ninguem poderia acreditar que uma nova emissão de papel-moeda deixasse de ser inevitavel.

O facto realizou-se.

Além disso, permanecia em sobresalto o espirito publico, e, tanto no interior como no exterior, manifestava-se desconfiança, pelo receio de que essas campanhas se prolongassem, ou surgissem ainda novas complicações.

Não obstante, o cambio conservou-se sempre a taxas muito superiores áquellas a que já desceu sob o governo de paz do sr. dr. Prudente de Moraes, que conseguiu pacificar o Estado do Rio Grande, regularisou as emissões anteriormente feitas e não realizou outras, e que, finalmente, libertou o paiz dos fanaticos de Canudos, que ameaçavam perturbar -o em sua paz interna por muito tempo.

Além disso, ninguém põe em duvida a severidade do character do honrado sr. presidente da Republica, ou o julga capaz de esbanjar os dinheiros publicos, e o seu governo, que tem procurado realizar economias, a todos inspira confiança, e acaba de presidir á nova eleição presidencial, que se realizou em toda a Republica sem nenhuma perturbação da ordem. Apesar disso, o cambio continua a baixar, e esse phenomeno não encontra explicação na theoria corrente.

E' que, como já temos demonstrado, o cambio obedece unica e exclusivamente ás leis commerciaes, da offerta e da procura, e a nenhuma outra circumstancia.

\*  
\* \*

Durante o governo do marechal Floriano, os preços do café mantiveram-se sempre em alta, conservando-se, portanto, em posição normal, o valor

da exportação. A importação, porém, diminuiu devido á revolta, tendo estado mais ou menos paralyzado o commercio da praça do Rio de Janeiro, em suas relações, tanto para o exterior como para o interior.

Dessa circumstancia resultou a quasi cessação completa das vendas e dos recebimentos:— duplo motivo para diminuir a procura de cambiaes.

Uma vez restabelecida a ordem, os negocios retomaram a sua marcha regular, e a dita procura augmentou, manifestando-se então uma descida lenta até principios de 1896, quando, á baixa do café, se juntaram outros factores de natureza diversa, que, conjunctamente, precipitaram a queda do cambio.

Por um lado, procurando o commercio evitar o augmento das tarifas, realizou importações superiores ás necessidades do mercado; e, pelo outro, tendo muitos jogado na alta, avolumou-se, artificialmente, a procura de cambiaes,—que, aliás, se achava já reduzida, por vendas anteriormente realizadas em Santos.

\*  
\* \*

A baixa do café, embora devesse ser esperada, foi, tambem, occasionada por circumstancias accidentaes, ás quaes obedeceram os manejos da especulação,

vindo aqui a proposito explicar que a especulação que se occupa com os negocios de café, nada tem de commum com ess'outra, que, nas praças do interior, opera na compra ou venda ficticia de cambiaes, perturbando sempre o mercado.

Não tem fundamento algum a crença de que a dita especulação aufera vantagens com a baixa dos preços dos generos em que negocia, e que a promova no intuito de locupletar-se.

Ella obedece, é certo, como todo negociante, unicamente aos seus interesses, e promove a alta ou a baixa, segundo as circumstancias. Mas, em regra, prefere trabalhar na alta, e só quem não conhece o seu mecanismo pratico, poderá convencer-se do contrario.

Durante ella, as suas transacções offerecem menor risco, principalmente pela ausencia de concorrentes. Na baixa, pelo contrario, verificam-se quasi sempre essas grandes luctas da especulação contra a especulação as quaes occasionam prejuizos enormes. Ella domina o commercio internacional de todos os artigos de grande consumo, comprando-os nos mercados productores para leval-os, por sua conta, aos consumidores—e dicta a lei a uns e a outros.

E' o resultado não só do seu grande poder monetario, como de uma organização muito perfeita,

a qual lhe permite a maior rapidez e simultaneidade de movimentos, sendo impossível lutar-se com ella.

E' por isso que todas as vezes que se tenta intervir nos seus negocios, só se consegue retardar a solução da crise, senão aggraval-a.

Bastantes exemplos existem já da improficuidade e dos prejuizos que causam essas tentativas, tanto em relação ao café, como ao cambio.

Além de outras, ainda ninguem esqueceu os desastres occasionados pelos celebres syndicatos do Rio e de Santos, durante a ultima crise.

Infelizmente as licções do passado pouco aproveitam á-humanidade, que, em regra, reincide sempre nos mesmos erros. Se os interessados soubessem acompanhar os movimentos da especulação, os prejuizos occasionados num dia pela baixa, seriam compensados no outro pelos lucros da alta, liquidando-se reciprocamente.

São os excessos determinados sempre pela ambição, que occasionam as crises commerciaes.

\*  
\* \*

O café tem a mesma sorte de todos os outros artigos de grande consumo internacional, mas é mais sujeito ainda do que outro qualquer á influencia da especulação, em consequencia do seu preço, que

torna privativo de certas classes, e de não ser de consumo necessario.

Por isso, este se desenvolve em maior proporção sob a influencia da baixa de preços, e, egualmente, se restringe em consequencia da alta.

A especulação, entretanto, mantem esta em progressão, emquanto as circumstancias o permittem, embora conservando em suas mãos, saldos, que vão, de uns, passando para os outros annos.

Se as plantações se fossem desenvolvendo em uma marcha regular, como a que é permittida a todas as industrias, os ditos saldos seriam absorvidos pelo consumo nos annos de falha de colheita e o mercado nunca teria grandes perturbações.

A ambição, porém, determina o contrario, e num momento dado verifica-se parallelamente uma diminuição do consumo, um grande accrescimo de producção, e a baixa torna-se absolutamente inevitavel.

E' a propria especulação, que, por um movimento contrario, corrige os excessos que ella mesma provocou, sustentando a alta por mais tempo do que conviria ao bem geral. E, como aos excessos das plantações e da producção, acompanham sempre os das despesas e os abusos do credito, além da sua propria força, a especulação encontra na fraqueza do commercio interior e nas necessidades do proprio

productor, os melhores auxiliares de seus movimentos.

E' a historia de quasi todas as crises commerciaes, e aquella que o Brasil neste momento atravessa não foge a essa regra.

*« Il est impossible de se soustraire à cette loi, car il est de la nature humaine que chacun essaie de tirer de sa chose le plus grand parti possible, c'est à dire, pousse les prix à leur dernière limite et produise le plus possible pour profiter de la hausse ; il est par suite necessaire, indispensable, qu'il existe un frein capable d'enrayer le mouvement et ce frein c'est la crise ».* — (Clement Juglar et P. des Essars).

\*  
\* \*

Os preços do café haviam estado em baixa desde 1880 até 1887, quando começaram a melhorar, tendo, de 1890 em diante, tido uma marcha progressiva muito accelerada, que não póde ser attribuida ás condições reaes dos mercados consumidores.

Entretanto, foi a produção augmentando, não gradativamente, como as conveniencias deveriam ter aconselhado, mas—em S. Paulo principalmente—devido a circumstancias que referimos, em proporção muito accelerada.



A colheita de 1895 já foi relativamente grande, mas os preços ainda se mantinham em bom pé, quando se annunciou, com exagero, o volume da de 1896, que provocou a baixa.

As difficuldades que surgiram na praça de Santos abreviaram a sua marcha. Algumas casas foram vendendo o genero, a prazo, para assim obterem recursos, que já não encontravam nos bancos, aos proprios exportadores.

E estes, para se segurarem, tanto a respeito de preço, como do cambio, compravam aqui, por um lado, e, pelo outro, mandavam vender, tambem a prazo, nas praças estrangeiras.

O mesmo negocio estendeu-se, depois, pela primeira vez, aos proprios lavradores, seguindo-se sempre a cada operação de compra, as duas outras que lhe correspondiam.

E deste modo, quando todos esperavam a alça do cambio, coincidindo com os embarques de café para o exterior, como succedia todos os annos, elle baixou em vez de subir.

Grande parte das cambiaes respectivas, tendo sido negociada com antecedencia, não apparecia no mercado, ao passo que os especuladores, que haviam jogado na alta, avolumavam a procura, concorrendo para que mais rapida e maior fosse a baixa.

Em seguida verificou-se, ainda, um outro phe-

nomeno, não menos extraordinario para aquelles que não acompanharam o movimento do mercado, mas que os mesmos factos explicam: registraram-se cotações, que não correspondiam ás das praças estrangeiras, e ao cambio do dia.

Esses preços eram dos cafés comprados anteriormente em condições diversas e a prazo, que se accusavam na occasião da respectiva entrega.

Como se vê, são factos puramente de character commercial, que se reproduzem de tempos a tempos, e explicam-se uns pelos outros, mutuamente.

\*  
\* \*

*«La découverte du Nouveau-Monde déchaina sans mesure l'ardeur mercantile, en offrant à la cupidité un champ d'exploitation en apparence inépuisable.»*

.....

*«L'Espagne interdisait aux siennes, sous peine de mort, tout commerce avec les étrangers.»*

*«Au Brésil les marchands portugais majoraient de 45 % leurs prix de vente.»*

*«Quand les Anglais attaquèrent le Canada, le pillage fût proclamé de droit.»*

*«Les fonctionnaires étaient blâmés seulement alors qu'ils — «volaient trop pour leur place.»*

« *L'Espagne et le Portugal surtout se mirent à mener, aux dépens de leurs colonies, une existence de rentier ; elles crurent que l'or, signe de la richesse, constituait la richesse elle-même et ne tardèrent pas... à se ruiner.* »

« *A' la fin du XVI siècle, c'était des étrangers, Allemands ou Italiens, pour la plupart, qui fournissaient, non seulement aux colonies mais aussi à la métropole espagnole, les vivres et les vêtements.* »

.....

« *Mais notre présent, notre époque contemporaine, n'est, en définitive, que la floraison de ce long entraînement mercantile.* »

Estes traços do passado, que transcrevemos da recente obra de Ch. Letourneau *L'évolution du commerce*, pag. 523 a 525, photographam o presente dos paizes novos.

Sómente é necessario assinalar uma differença profunda, que existe entre o passado e o presente.

Os nossos antepassados illudiram-se com os effeitos do ouro, que, realmente, conquistaram e lhes pertencia.

Nós estamos illudindo-nos com o ouro, que pertence aos outros e tomamos por emprestimo.

Na edade média: « *L'amour de l'argent et ses fatales conséquences perdirent Rome, comme il avait perdu la Grèce.* »

Na nossa éra, o amor ao dinheiro alheio está perdendo, — está conduzindo á ruina todos ou quasi todos os paizes de um continente enorme, dotado pela natureza com riquezas inesgotaveis, e que parece haver sido especialmente destinado pelo Supremo creador da natureza para refugio dos povos que a pobreza ou esgotamento do seu solo ameaça levar um dia á miseria.

\*  
\* \* \*

*« Mr. de Bismarck a dit un jour ces mots redoutables: « Nous infligerons à la France un Sedan commercial »... Ses idées de combat sont restées derrière lui à Berlin, et l'Empereur songe à réaliser le rêve conçu par celui qu'il a brisé. »*

*« L'Allemagne aspire à des victoires sur le terrain économique. »*

*« Elle contemple avec orgueil les succès qu'elle a remportés déjà sur de nombreux points du globe, et qui lui apparaissent comme les présages d'une fortune plus haute ». (\*)*

Tudo nos leva a crer que tem razão o Rei Guilherme:—os indícios são favoraveis ás aspirações da Allemanha.

---

(\*) Estado intitulado *La Guerre Commerciale*, assignado — Jean Frolle — e publicado no *Petit Parisien* de 27 de fevereiro ultimo.

Emquanto o sr. Leroy-Beaulieu, sem estudar as condições do Brasil,—sem procurar mesmo conhecer as origens do phenomeno que se propoz a interpretar, atira aos ventos da publicidade uma opinião tão desfavoravel a este paiz e que poz em sobresalto os portadores de titulos da sua pequena divida externa, prejudicando-os a elles mesmos;—emquanto a imprensa parisiense se faz constantemente echo das maiores calumnias contra a nação sul-americana que, talvez, tenha dado maiores interesses á França;—o commercio allemão é o unico que, confiante, está supprindo alguns recursos á nossa misera lavoura de café:—o seu importante estabelecimento bancario, em S. Paulo, é o unico que está facilitando operações nesta praça, a juro modico e condições relativamente liberaes.

E' no meio desta crise, quando o sr. Leroy-Beaulieu julga perdido o Brasil, e a imprensa de Paris denomina de « escravatura branca » os immigrantes que o procuram, que o Banco Allemão está dotando a capital de S. Paulo com o primeiro dos seus palacios, para nelle se estabelecer definitivamente!

Questão de raças;—questão de temperamentos;—influencia dos *boulevards*!

.....

E, simples coincidencia de certo: esse movimento do commercio allemão accentuou-se muito

depois da primeira visita que o ministro da côrte de Berlim residente no Rio de Janeiro, fez a este Estado, nas vespersas de partir para o seu paiz, em começo de 1896.

\* \* \*

Lendo, ha dias, a relação dos capitalistas mais conhecidos na praça de Londres, encontrámos nella o nome de um cavalheiro, aliás muito distincto e primorosamente educado, com o qual tivemos o prazer de entreter relações pessoaes, e que viveu alguns annos em S. Paulo occupando logar proeminente na administração de uma das suas mais importantes linhas férreas, de propriedade de uma prospera empreza particular.

A principal base da fortuna desse cavalheiro foi muito legitimamente ganha, na organização de uma sociedade, em Londres, para o fim especial de adquirir uma linha férrea, tambem de S. Paulo, que a tenacidade de um velho paulista havia conseguido fazer construir com capital nacional.

Passou asssim para mãos estrangeiras uma nova fonte de riqueza para o paiz, quando teria sido facil conserval-a, pois, segundo constou, uma outra empreza nacional, com cuja rede essa linha se ligava, não quizera adquiril-a pelo mesmo preço, pago em

acções. Mas, veio a fazel-o mais tarde, por preço muito maior, em ouro.

O promotor da transacção é, hoje, capitalista em Londres,—e a Companhia adquirente paga, talvez, de juros do capital porque adquiriu a dita linha, annualmente, quantia equivalente áquella porque regeitára compral-a.

E assim, a riqueza que devia accumular-se no paiz, é, annualmente, remetida para o estrangeiro, constituida em dupla causa de empobrecimento: da lavoura, que é quem paga mais immediatamente a differença; do paiz, — porque concorre para se avolumarem as suas remessas, e consequentemente para a baixa do cambio.

As estradas de ferro obtiveram o gozo de tarifas moveis, para occorrerem ás differenças do cambio; á industria, que sustenta as estradas de ferro com o transporte dos seus productos, diz-se que o Estado não póde proteger uma em prejuizo das outras classes da sociedade.

Mas, se porventura a lavoura perecer, quem fornecerá as rendas ao proprio Estado?

Onde irão as estradas de ferro encontrar transportes, com ou sem tarifas moveis?

Que elementos de vida serão reservados ao commercio?

E o cambio, quaes os productos em que pasará a basear-se?

As illusões proprias são, sempre, aquellas que mais difficilmente se vencem e, tambem, as que maiores prejuizos occasionam.

As riquezas accumularam-se nos velhos paizes da Europa, atravez dos seculos, pelo trabalho, pela economia, pelo proteccionismo, pelo egoismo mesmo, e, até...

*«Ce n'est pas par l'échange pacifique, c'est par la violence, par la guerre, le vol à main armée, qu'on s'appropriait les richesses des autres.» (\*)*

Entretanto, aquellas dentre esses paizes que, ou seja devido ao emprego de seus capitaes ou seja pela venda dos productos de suas industrias, não recebém constantemente grande subsidio de dinheiro fornecido pelas nações *d'outre-mer*, estão em manifesta decadencia.

Ora os paizes novos deviam, pelo contrario, tirar partido e auferir vantagens da sua posição, de grandes e bons clientes desses seus fornecedores, como fazem todos os negociantes em relação aos seus.

Devido, porém, a uma falsa orientação, filha das falsas theorias á que a subordinaram, esca-

---

(\*) *L'évolution du Commerce*, pag. 467.



visaram-se ao ouro, e aos outros vão insensivelmente entregando as enormes riquezas que, pela natureza, lhes foram confiadas.

\*  
\* \*

A esperança de se estabelecer a circulação metálica, não só no Brasil, como em outros paizes, não passa de uma chimera.

Mas, quando fosse realizavel, só seria possível, depois de ter-se estabelecido base para ella, isto é, creado condições, que garantissem a sua estabilidade.

E' uma chimera, porém, — não só porque não é possível attingir taes condições, como porque não haveria, no mundo, ouro sufficiente para as necessidades da circulação desses paizes.

Aquelles que a têm, soffrem constantes perturbações.

Haja vista o que succedeu ao Banco de Inglaterra, ha alguns annos, por occasião da suspensão de pagamentos da casa *Baring*, determinada pelas suas relações com a Republica Argentina.

Foi o Banco de França, que suppriu áquelle estabelecimento uma forte somma para habilital-o a resistir a uma crise provavel.

Ha pouco, ainda, foi bastante o temor de que a questão *Dreyfus* occasionasse alguma perturbação da ordem publica em França, para se realisarem desse paiz grandes exportações de ouro e de valores; e o mesmo se está verificando nos Estados-Unidos, por causa da questão com a Hespanha.

*« La monnaie aujourd'hui ne forme partout qu'une petite partie de tous les moyens de circulation. »*

*« L'or a réellement, depuis 1873 haussé comparativement à la majorité des marchandises. »*

*« Les métaux précieux jouent surtout un rôle minime dans les transactions internationales, ou ce ne sont guère que les différences constantes qui sont soldées par de l'or ou de l'argent. »*

*« Ce sont les faits du commerce et de l'échange. »*

*« La baisse de la valeur de la monnaie ou hausse de marchandises est favorable a une classe de producteurs, mais défavorable aux créanciers et au crédit. »*

*« Vice-versa, la hausse de la monnaie ou baisse des marchandises. »*

*« Il est difficile de dire quel mouvement est le plus nuisible. » (\*)*

Esta observação do notavel escriptor suggere-nos uma pergunta : se o cambio subisse agora, por effeito, por exemplo, de uma operação de credito ou

---

(\*) N. O. Frederiksen, 1897 «*La Circulation Monétaire*».

da alienação da rede de caminhos de ferro do Estado, qual seria o lavrador que aproveitaria a sua colheita?

Terminado o effeito de qualquer dessas transacções, a que taxa desceria o cambio, desde que faltasse o café para exportação?

.....

« Em 1897, o Reino Unido da Inglaterra, Escossia e Irlanda importou *Lbs.* 30.808.858, em ouro, e exportou *Lbs.* 30.808.571.

O saldo de ouro que ficou foi, pois, insignificante, sem que, entretanto, se lhe attribua a diminuição das transacções.

A circulação monetaria da França demonstra a tendencia para o augmento da circulação dos bilhetes á custa da moeda-metallica.

O governo da India ingleza cogita do estabelecimento do padrão ouro. O *Statist* combate essa reforma, e um dos seus argumentos consiste na inconveniencia que vê no augmento dos compromissos indianos em libras esterlinas. » (\*)

Por outro lado, vemos os Estados-Unidos, que nunca deixaram de ter papel-moeda em circulação, cogitando agora de dar uma amplitude, nunca attin-gida, ás suas emissões fiduciarias :

---

(\*) *Jornal do Commercio*, Notas Financeiras, 14 de março de 1898.

«Les banques existantes et celles qui se fonderaient seraient autorisées à mettre dans la circulation des bank-notes au pair de la valeur des bons de remboursement émis par le Trésor, et déposées par les banques.

«Elles seraient également admises à déposer en garantie au Trésor des certificats d'argent jusqu'à une somme limitée à 200 millions de dollars, en échange desquels il leur serait remis une quantité correspondante de billets de banque.»

«Ces banques nationalistes pourraient s'établir au capital de 25.000 dollars dans toute localité de 2.000 habitants.» (\*)

A Australia, cuja riqueza, tanto agricola como aurifera, é enorme, assombrou o mundo com a sua debacle de 1893, e não será demais que a gente se vá preparando para assistir á reproducção desse phenomeno.

«Il a été fantastique le «boom» des banques australiennes en 1893. Jamais il n'y eût un krak pareil sur le globe.»

Onde iriam os paizes sul-americanos procurar ouro para a sua circulação interior ?

\*  
\* \*

---

(\*) La Dette des Etats-Unis. Article du «Petit Parisien», du 1 février de 1898.

Na America central, o Mexico e Nicaragua mantiveram sempre e ainda mantém o seu padrão de prata. E' um recurso para os paizes que produzem esse metal em abundancia, mas tambem sómente applicavel á circulação interna e sujeito aos mesmos inconvenientes do papel-moeda.

O Brasil, e como elle alguns outros paizes, nem da prata póde lançar mão.

Ha de arranjar-se com o papel-moeda, e quanto mais tempo levar a comprehender essa contingencia e a saber utilizar-se desse instrumento de circulação, maiores serão os prejuizos que terá de supportar. Só com o papel-moeda, no interior, ha de o Brasil arranjar o ouro, que lhe é necessario para os encargos no exterior.

« Não é o severo regimen da dieta, aliás recommendavel para a conservação das forças do homem de idade avançada, o meio mais proprio para desenvolver as faculdades physicas na juventude e conservar-lhe o vigor. »

« Foi com este preceito que o conselheiro Candido José de Araujo Vianna terminou o seu relatorio em 1834, e elle tem, ainda hoje, incontestavel applicação. ». (\*)

\* \* \*

---

(\*) Hist. Financeira, pag. 195.

« *A quelque chose malheur est bon.* »

Felizmente o Brasil é, dentre todos os paizes sul-americanos, aquelle que mais facilmente pôde sahir das difficuldades em que se encontra e regularisar o seu commercio exterior.

A energia de Martinho Campos, por um lado, e, por outro, essa mesma campanha de descredito que ha tanto tempo movem a este paiz prestaram-lhe inolvidavel serviço : aquelle, impedindo que a Europa fôsse inundada de *cedulas*, garantidas pelo governo, identicas ás que a Republica Argentina para lá despejou, e cuja semente de lá nos veiu em linha recta ; esta, desacreditando o paiz, impediu que as tendencias *auríferas*, que tanto têm predominado no espirito de seus homens, produzissem todos os seus effeitos.

Saiba o Brasil doravante regular melhor os seus negocios, e o seu credito se restabelecerá promptamente.

A sua divida externa é insignificante, e os seus recursos naturaes são muito grandes.

Para avalial-os, basta considerar as perdas que o paiz tem supportado, cumprindo sempre religiosamente os seus compromissos, como ha de continuar a cumprir, se Deus de todo o não abandonar.

Se os portadores de seus titulos conhecessem a

na tureza do phenomeno que os assusta, não manifestariam tamanho receio, prejudicando-se e agravando a situação do paiz.

\*  
\* \*

Crises commerciaes todos os paizes as soffrem, e nenhum as póde evitar.

O que é necessario, é restringir, o mais possivel, os seus effeitos, e, sobretudo, subtrahir a elles, tambem, tanto quanto se puder, as finanças do Estado.

Devendo liquidar-se no seu terreno proprio, essas crises causam damnos, mas não tão intensos, como quando vão cahir em cheio sobre o movimento financeiro da nação.

No primeiro caso, o commercio, cujos excessos entram por muito, sempre, na formação de uma crise, encarrega-se elle mesmo de regularisar os seus negocios. No segundo, os negociantes acostumam-se a esperar o remedio do governo, ao qual attribuem o mal que elles proprios causaram, e é o The-souro que supporta o maior peso dos prejuizos.

Foi esse cordão divisor das finanças do Estado e do movimento commercial, que os governos da monarchia não souberam estabelecer, nem os da Republica viram ainda como e onde deve ser collocado.

E' para esse ponto que chamamos a attenção dos homens competentes, que estudam este assumpto e se interessam pelo futuro de sua patria.

\*  
\* \*

Um paiz como o Brasil não pôde basear o seu systema tributario principalmente nas rendas alfandegarias, como sempre fez, como ainda acontece.

Pelo contrario, as alfandegas devem ser, nas mãos do governo, um regulador do commercio de importação, facilitando a entrada de uns productos e difficultando a de outros.

O paiz que, accidentalmente, se vê obrigado a gastar o que produz, na importação de viveres e, até, de trabalhadores, como aconteceu ao Brasil depois da abolição, não pôde, emquanto não restabelecer as suas forças economicas, importar sedas e joias ou o utros objectos de luxo.

Entretanto, é tão grande a falta de comprehensão dessa circumstancia que,—o governo de um lado, o parlamento e a imprensa do outro levam a clamar contra a diminuição da importação de taes artigos, o que produz a redução das rendas.

Ora, é facil de perceber o circulo vicioso em que gyram, neste caso, as finanças da nação.

Se a importação continúa em sua marcha normal crescem as rendas, mas augmenta o desequilibrio



do movimento internacional, baixa o cambio, augmentam as differenças que o governo tem de pagar e produz-se o *deficit*.

Se a importação se restringe ás suas proporções naturaes, melhora o cambio, desaparecem ou diminuem as differenças, mas decrescem as rendas e o *deficit* produz-se do mesmo modo.

\*  
\* \*

Os governos do outro regimen acostumaram-se a remediar taes situações, por meio de empréstimos externos;—e o commercio habituou-se a esperar a acção dos governos.

Já demonstrámos por algarismos irrefutaveis o preço desse remedio.

Já demonstrámos que não fôra amortizado um real sequer, dos *deficits* orçamentarios que se verificaram durante a sua gestão.

\*  
\* \*

Antigamente achando-se reunidos os impostos da importação e da exportação nas mãos do governo central, as differenças eram menos sensiveis.

Os da exportação, crescendo com a baixa do cambio, neutralisavam, até certo ponto, a diminuição dos outros.

A cessão desses impostos aos Estados, ficando a União unicamente com os da importação e com todos os encargos exteriores, aggravou sensivelmente a situação.

Ao mesmo tempo, os Estados, em vez de procurarem estabelecer e estreitar relações de commercio entre si, fornecendo uns aos outros reciprocamente os generos de sua producção, têm, antes, procurado isolar-se e alargar o gyro de seu commercio com o exterior.

\*  
\* \*

Estão ahi as causas do mal que afflige o Brasil. E só as molestias organicas em estado adiantado—e esta não é dessa natureza—é que se não curam, uma vez conhecida a sua origem.

Trate-se de libertar a União da dependencia absoluta em que se acha das rendas da importação, creando outros impostos que substituam esse, senão totalmente, na maior proporção que fôr possível.

A capitação da despeza nacional e provincial, na Republica Argentina, sobe, segundo o *States man's Year-Book*—1897 a quasi 3 libras esterlinas ou 75 francos. No Brasil a despeza publica está longe de attingir taes proporções.

O povo accetará de boa vontade um imposto equitativo, que o liberte dessa especie de féra cha-

mada baixa do cambio, que, ao mesmo tempo, lhe suga as entranhas e desacredita a sua patria.

Reduza-se a importação e trate-se de fomentar a producção.

O Brasil teve, em tempo (foi creada em 1860 e installada em 1861) uma secretaria dos negocios da Agricultura e do Commercio.


Mas, talvez por haver sido iniciada sob a administração de um distincto marinheiro, os negocios da lavoura e do commercio têm andado sempre á vela e á mercê dos ventos.

Se, com este trabalho, concorrermos de algum modo para regularisal-os e regularisar ao mesmo tempo a vida economica e financeira do paiz, nos julgaremos sufficientemente compensados.



FIM





TYP. DO 'JORNAL DO COMMERCIO' DE RODRIGUES & C.

